



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**RODRIGO DE MORAES FREITAS**

**A CONSTRUÇÃO DA MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA SOBRE A  
VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19: ANÁLISE DE TEXTOS MONOGERIDOS E  
POLIGERIDOS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS NA *WEB* E NO *FACEBOOK***

**REDENÇÃO-CE  
2022**

RODRIGO DE MORAES FREITAS

A CONSTRUÇÃO DA MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19: ANÁLISE DE TEXTOS MONOGERIDOS E POLIGERIDOS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS NA *WEB* E NO *FACEBOOK*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas textuais discursivas.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre

REDENÇÃO-CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Freitas, Rodrigo de Moraes.

F936c

A construção da modalidade argumentativa polêmica sobre a vacinação contra a Covid-19: análise de textos monogeridos e poligeridos em portais de notícias na web e no facebook / Rodrigo de Moraes Freitas. - Redenção, 2022.  
134f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre.

1. Análise do discurso - Textos. 2. Linguagem e internet.  
3. Facebook (Rede social on-line). I. Título

CE/UF/BSP

CDD 418

---

RODRIGO DE MORAES FREITAS

A CONSTRUÇÃO DA MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19: ANÁLISE DE TEXTOS MONOGERIDOS E POLIGERIDOS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS NA *WEB* E NO *FACEBOOK*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas textuais discursivas.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre

Aprovada em: 06/06/2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo

Universidade Federal do Pará (UFPA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir viver os desafios e as conquistas da vida. Em segundo lugar, agradeço à minha base, meus pais, Maria José e Francisco César, que sempre acreditaram no meu potencial. E também à minha irmã Andreia, que divide comigo desafios de ser professor/educador no país.

Agradeço à coordenação do Mestrado em Estudos da Linguagem e aos professores pelo ótimo trabalho desenvolvido no referido programa de pós-graduação. Para além de profissionais das letras, hoje são inspirações para mim enquanto docente. Em nome do colegiado do Mestrado, gratidão a Fábio Torres, Alexandre Silveira, Mariza Angélica Brito, Izabel Larissa Lucena, Léia Cruz de Menezes, Maria Leidiane Tavares, Cláudia Carioca, Olavo Garantizado e Otávia Marques.

Também agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre, por ter feito parte da minha trajetória na graduação, e depois por ter aceitado fazer parte do meu crescimento acadêmico no mestrado, orientando majestosamente um trabalho cuja temática também era nova para suas leituras.

Agradeço aos professores que compuseram as bancas de qualificação e de defesa, profa. Dra. Mariza Angélica Brito, Profa. Dra. Maria das Dores Nogueira, Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares e Profa. Dra. Patrícia Sousa Macedo. Suas contribuições foram de muita valia e hoje compõem as mais diversas vozes presentes no meu texto.

Agradeço também às professoras da Mega Assessoria Acadêmica, Maria Eduarda Gonçalves e Ticiane Nunes, que me ajudaram a ter aprovação neste curso de mestrado.

Ademais, gratidão aos meus amigos e colegas que viveram comigo a concretização desse sonho: Elivelto Gadelha, Lara Barreto, Ciciliane Bezerra, Crísna Batista, Orlando Victor, Ronierio Andrade, Jônia, Rosilene Barbosa, Maria Carolina Lima, Bárbara Cruz, Henrique Félix, Raniery, Suze do Amaral, Leidiane Amorim, Anderson Costa, Rodrigo Silva, Gildásio Filho, Luanna Fernandes, Adelane Silveira, Milton Marques, Marcos Paulo da Silva, Cleânia de Oliveira, Késsio Jhone e Elderson Santos.

"A Linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus esforços, sua vontade e seus atos, a base última e mais profunda da sociedade humana"

Louis Hjelmslev

## RESUMO

Este trabalho tem como tema a modalidade argumentativa polêmica referente às temáticas vacinação e imunização para a COVID-19 em interações no âmbito digital *Facebook*. Esta pesquisa objetiva investigar o funcionamento da modalidade argumentativa polêmica no espaço cibernético do *Facebook*, sob o gênero discursivo e ferramenta comentário, além da consideração de outros gêneros do discurso, tais como a notícia e o artigo de opinião. Trata-se, então, de uma pesquisa que se debruça na perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2017), partindo da sua premissa de que as práticas discursivas se dotam de argumentatividade, sendo esta não exclusiva de práticas consensuais e dos textos em que se defende uma tese apoiada em argumentos. A análise desses textos obedece a blocos de seu desmembramento: textos monogeridos, originados dos seus respectivos *sites* compartilhados no *Facebook*, e textos poligeridos, oriundos do gênero comentário a partir da respectiva rede social, com a finalidade de analisar como a polêmica se configura em cada um desses tipos de texto. A metodologia de pesquisa é de cunho descritivo e analítico acerca das interações comunicativas conflituosas no plano textual discursivo. Buscamos os textos nos portais de notícias e depois verificamos as publicações dos mesmos textos no Facebook, a partir da consideração de que os discursos polêmicos se interligam no próprio ambiente virtual, conforme um discurso polêmico é retomado, isto é, compartilhado e difundido em outros ambientes digitais, convocando, desse modo, as diversas vozes da opinião pública no espaço dos comentários da rede social *Facebook*. Dentre os pontos que foram observados, destacamos, primeiramente, que tanto textos monogeridos quanto textos poligeridos podem apresentar argumentatividade conflituosa, sendo esta proposta pela teoria das modalidades argumentativas de Amossy (2017). Em segundo lugar, o espaço virtual de comentários (textos poligeridos) na referida rede social permite que seja comum, proeminentemente, a ocorrência de desvios de tópico perante aquele que se apresenta na respectiva postagem, bem como argumentos reivindicatórios e generalizações por afirmações sem dados, além do recurso ao argumento *ad hominem* em sua maioria; enquanto em textos monogeridos há um regramento maior das teses defendidas pelo autor, ocasionando uma organização textual mais elaborada dos seus posicionamentos. Foi observado, também, por fim, que a polêmica no *Facebook* funciona orientada e contextualizadamente, subjazida por ferramentas discursivas e tecnológicas, sendo estas capazes de reorientar o modo de conversação dos actantes, e por dinâmicas sociais, por esses aspectos nodais corresponderem à emergência das mais novas formas de interação, cada vez mais difusas, como aquelas polêmicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modalidade Argumentativa Polêmica. COVID-19. Textos poligeridos. Textos monogeridos. *Facebook*.

## ABSTRACT

This work has as its theme the controversial argumentative modality regarding the themes of vaccination and immunization for COVID-19 in interactions in the Facebook digital environment. This research aims to investigate the behavior of the polemical argumentative modality Facebook's cyberspace, under the discursive genre and the comment tool, in addition to the consideration of other genres of discourse, such as the news and opinion article. It is, therefore, a research that focuses on the theoretical and -methodological perspectives of the Argumentation in Discourse Approach (AMOSSY, 2017), based on its premise that discursive practices are endowed with argumentativeness, it is not exclusive of consensual practices and texts in which a thesis is supported by arguments. In order to analyze the *corpus*, the texts were divided into: single-authored texts, originated from their respective sites shared on Facebook, and multi-authored texts, created from comments from the respective social network, in order to analyze how the controversy is configured in each one of these text types. This research's methodology is descriptive and analytical about the conflicting communicative interactions in the discursive textual plane. We searched for the texts on the news portals and then verified the publications of the same texts on Facebook, based on the consideration that controversial discourses are interconnected in the virtual environment itself, as a controversial discourse is resumed, that is, shared and disseminated in other digital environments, thus calling upon the various voices of public opinion in the comments section on the social network Facebook. Among the points that were observed, we highlight, firstly, that both single-authored and multi-authored texts can present conflicting arguments, which is proposed by Amossy's Argumentation in Discourse Approach (2017). Secondly, the virtual space for comments (multi-authored texts) on the social network allows for the occurrence of topic deviations from what was presented in the respective post, as well as reclaiming arguments and generalizations by statements without data, to be prominently praxis, in addition to resorting to the ad hominem argument for most part; while, in single-authored texts, there is a greater regulation of theses defended by the author, resulting in a more elaborate textual organization of their propositions. Finally, it was also observed that the controversy on Facebook works oriented and contextualized, underlaid by discursive and technological tools, which can reorient the way of conversation of the actors, and by social dynamics, as these key aspects correspond to the arise of the newer forms of interaction, increasingly diffuse, such as those polemics.

**KEYWORDS:** Controversial Argumentative Modality. COVID-19. Multi-authored texts.

Single-authored texts. Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reações por <i>emojis</i> da mídia <i>Facebook</i> .....	61
Figura 2 – Postagem da notícia do jornal Estadão sobre a vacinação para o público de faixa etária de 5 a 11 anos .....	70
Figura 3 – Interação polêmica sobre a imunização da COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos .....	71
Figura 4 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 1.....	73
Figura 5 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 2.....	75
Figura 6 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 3.....	76
Figura 7 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 4 .....	77
Figura 8 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 5 .....	79
Figura 9 – Postagem de uma <i>webnotícia</i> na página Estadão .....	90
Figura 10 – Interações em comentários a partir da <i>webnotícia</i> .....	91
Figura 11 – Continuação 1 das interações conflituosas sobre o texto “Um ri, outros choram” .....	93
Figura 12 – Continuação 2 das interações conflituosas sobre o texto “Um ri, outros choram” .....	96
Figura 13 – Reações por <i>emojis</i> de um comentário .....	97
Figura 14 – Postagem da página G1 – O Portal de Notícias da Globo no <i>Facebook</i> .....	99
Figura 15 – Rede de comentários da postagem .....	100
Figura 16 – Resposta ao comentário de L.V., no <i>Facebook</i> .....	103
Figura 17 – Resposta ao comentário de C.M., no <i>Facebook</i> .....	105

Figura 18 – Continuação 1 da interação no <i>Facebook</i> sobre postagem da G1.....	108
Figura 19 – Continuação 2 da interação no <i>Facebook</i> sobre postagem da G1 .....	109
Figura 20 – Continuação 3 da interação no <i>Facebook</i> sobre postagem da G1.....	112

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Síntese dos dados de popularidade das páginas dos portais de notícia no <i>Facebook</i> .....	59
Quadro 2	– Informações quantificadas dos textos dos portais de notícia on-line .....	62
Quadro 3	– Tese no texto monogerido notícia .....	68
Quadro 4	– Posicionamentos dos actantes em tese, argumento, conclusão e descrédito do adversário .....	81
Quadro 5	– Síntese dos principais princípios da polémica aplicada no artigo de opinião .....	88
Quadro 6	– Formas de tomada de posicionamento e seus respectivos actantes .....	97
Quadro 7	– Relação de modos de tomadas de posicionamento perante a notícia .....	103
Quadro 8	– Relação entre os actantes e seus respectivos enquadramentos na estrutura actancial perante a tese da postagem .....	114
Quadro 9	– Relação dos actantes e suas formas de tomadas de posicionamento .....	114
Quadro 10	– Síntese dos actantes e seus modos de descrédito do adversário .....	115
Quadro 11	– Inventário das principais categorizações dos actantes nas interações polémicas sobre a imunização da COVID-19 .....	118

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS	Organização Mundial Da Saúde
COVID	Coronavírus
CPI	Comissões Parlamentares de Inquérito
TAD	Teoria Da Argumentação No Discurso
STF	Supremo Tribunal Federal
LT	Linguística Textual
EUA	Estados Unidos Da América
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b> .....	<b>32</b>
<b>2.1</b>	<b>A Teoria da Argumentação no Discurso</b> .....	<b>32</b>
<b>2.2</b>	<b>A modalidade argumentativa polêmica à luz da TAD</b> .....	<b>40</b>
<b>2.3</b>	<b>A era da pós-verdade em face dos discurso on-line na contemporaneidade</b> .....	<b>50</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>56</b>
<b>3.1</b>	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	<b>56</b>
<b>3.2</b>	<b>Delimitação do universo e da amostra</b> .....	<b>58</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimento de coleta de dados</b> .....	<b>61</b>
<b>3.4</b>	<b>Procedimento de análise de dados</b> .....	<b>62</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DISCURSOS POLÊMICOS REFERENTES À VACINAÇÃO E IMUNIZAÇÃO PARA A COVID-19</b> .....	<b>65</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise do texto monogerido notícia e dos textos poligeridos comentários sobre vacinação para as crianças</b> .....	<b>65</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise do texto monogerido artigo de opinião e dos textos poligeridos comentários sobre a quebra de patentes para a compra de insumos para a produção de vacinas anti-COVID-19</b> .....	<b>84</b>
<b>4.3</b>	<b>Análise da interação polêmica poligerida acerca da conduta de Jair Bolsonaro sobre a compra da vacina CoronaVac</b> .....	<b>99</b>
<b>4.4</b>	<b>Análise contrastiva das estratégias de descrédito do outro</b> .....	<b>115</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>127</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, o Brasil e o mundo foram surpreendidos com o surgimento da COVID-19 (nome oficial da doença, de acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS –, originado do inglês *coronavirus disease*). Essa patologia viral, originada do coronavírus, pode causar doenças respiratórias graves, como por exemplo, pneumonia e insuficiência pulmonar, além de manifestações digestivas e sistêmicas, e demarca, em todo o mundo, uma das maiores crises de saúde que a contemporaneidade já enfrentou. Identificada em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, fácil e rapidamente se expandiu para além do continente asiático, atingindo todo o planeta e sendo considerada uma pandemia.

Com o alastramento da doença, mostrada pelos altos números de infectados e mortos, e com a consistência desses efeitos no Brasil nos anos de 2020 e 2021, diversas questões sanitárias e sociais avivaram a opinião pública nos seus referidos espaços, desde discussões em praça pública até debates políticos em comissão parlamentar de inquérito da República Federativa do Brasil (a Comissão Parlamentar de Inquérito da República Federativa do Brasil – a CPI da COVID-19)<sup>1</sup>. Exemplos esses, acrescidos da força da mídia, que difunde discursos políticos, como os do presidente da república Jair Bolsonaro, evocam ideologias dispersas que se agrupam para defender o que reconhecem como certo.

Nas sociedades naturalmente marcadas pela diversidade (como por exemplo a de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe etc.), especialmente na contemporaneidade, por agitações sociais e políticas (e no caso da temática desta pesquisa, por agitações referentes à saúde), parece ser utópico que o senso comum encare como naturais as diferenças de interesses públicos devido à própria polarização da sociedade, que, por vezes, acaba por corroborar conflitos sociais. A analista do discurso Ruth Amossy (2017), motivada pela recorrência de enfrentamentos discursivos radicais, lança o seu estudo da polêmica para sistematizar este modo de argumentação.

A polêmica, na concepção epistemológica da Teoria da Argumentação no Discurso, constitui-se como um modo particular de argumentação que se dispõe num enquadramento discursivo e que versa sobre um tema extremamente conflituoso. Nesta maneira de interação, o seu produto não se dá em face de um consenso, uma vez que seus sujeitos não se engajam nas discussões tendo como fim este feito. O seu interesse nas discussões polêmicas se volta para

---

<sup>1</sup> A CPI da Covid-19 investiga ações e omissões do governo federal e a destinação de verbas da União para Estados e municípios na pandemia. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>.

convencer um outro que observa as discussões. A interação polêmica, por essas razões e por diversas outras que serão explanadas neste trabalho – como a sua possibilidade de se alocar no ambiente digital –, constitui-se como uma modalidade de argumentação bastante dinâmica, seja pelas pautas públicas pertencerem a uma temática sensível aos cidadãos, seja pela aparente/pressuposta liberdade que o próprio ambiente que resguarda essas interações proporciona aos debatedores.

A polêmica também foi estudada por outras correntes teóricas. Por esse motivo, o trabalho de pesquisa que versa sobre esse fenômeno a partir de uma perspectiva diferente requer alguns alinhamentos nodais. Para os estudos da nova retórica inscritos no Tratado da Argumentação, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) – e também para a visão do senso comum –, uma argumentação eficaz é aquela que consegue a adesão ou o seu aumento por parte do alocutário. Já para a Teoria da Argumentação no Discurso, de Amossy (2020), esta finalidade não acontece, pelo menos não em face do alocutário que interage com seu interlocutor. O fato de os interlocutores partilharem de mesmos valores é que levaria a um consenso entre os interactantes, o que não acontece nas interações polêmicas.

Esforços se fazem para defender que essa modalidade argumentativa não consiste num aspecto negativo da prática argumentativa, por não abarcar em seu escopo a concordância entre opiniões. A coexistência no dissenso é a principal função social da polêmica, tendo em vista que esta também se faz presente nas práticas discursivas das sociedades democráticas pluralistas, que abarcam o conflitual como parte natural dessas práticas.

Sabe-se que os anseios de tentar modificar, orientar os modos como as pessoas veem o mundo são constitutivos da linguagem, e que sempre existiram na história humana, mesmo antes de os estudiosos gregos da retórica se articularem para estudar os fundamentos da arte da persuasão<sup>2</sup>, no século V a.C, disciplina criada pelos gregos graças ao reconhecimento da noção de democracia, segundo Amossy (2000). Vemos, nesse aspecto, o quão análogas essas noções se apresentam, condizendo com o seguinte raciocínio: se há democracia, há sujeitos dispostos a defenderem suas causas, de modo a garantirem a defesa de seus direitos. Essa noção básica parte do pressuposto de que, por os sujeitos se situarem em civilizações polarizadas, nem sempre eles gozarão de consenso com seus pares, o que motiva conflitos indiciados pela dicotomização de argumentos e de teses.

---

<sup>2</sup> Neste século, por volta de no ano 485 a.C, foi criada a arte de persuasão (a retórica) nas ocasiões de práticas pedagógicas, a fim de capacitar os sujeitos a exporem suas ideias e lutarem por seus direitos. Essa iniciativa ocorreu devido a manifestações do povo de Siracusa, onde os tiranos sicilianos Gélon e Herão causaram tumultos por suas condutas políticas, de acordo com Alexandre Júnior (2005).

Seja a polêmica pública encarada por uma visão desfavorável, como a de Foucault (1997), que afirmou ela ser um empecilho para a descoberta da “verdade”, além de ser possuidora de princípios que incitam à guerra; seja ela vista por uma ótica mais equânime, como a de Khorasani (2009), a qual vê a dicotomização de ideias inevitável e onipresente, além de ter o caráter de ressaltar a importância do papel cultural quando as maneiras de encarar o conflito são variáveis, todas as culturas veem como necessário lidar com ocorrências dessa natureza.

Nosso entendimento sobre a polêmica, após esse balanço de considerações acerca dela, acaba sendo particular, por nos valermos de parâmetros científicos linguísticos, com base nos pressupostos de Amossy (2019): uma modalidade argumentativa dotada de regularidade e funcionalidades discursivas e sociais que garantem o bom andar das discussões conflituosas e democráticas nas sociedades pluralistas.

A polêmica, para os estudos que adotamos nesta pesquisa, como por exemplo os de Cavalcante (2016), Amossy (2017), Macedo (2018), Oliveira (2020), consiste numa das maneiras de troca verbal que decorre da polarização da sociedade, uma vez que os sujeitos nem sempre chegam a um consenso. A partir dessa consideração, encontra-se o cerne destas ocorrências sociodiscursivas que viemos a pesquisar, a saber, a relação de posicionamentos antagônicos, que, ao lado da polarização ou divisão social e do descrédito do adversário, confirma-se como um traço primário da polêmica. É por esse jogo ambivalente estar presente em quaisquer âmbitos dos debates públicos (como por exemplo na mídia televisiva ou em redes sociais, nos debates do parlamento ou em praças públicas em protestos etc.) e alcançar grandes proporções no imaginário social, que nos parece germinante estudar sua constituição, suas manifestações, seus desdobramentos e também suas funções sociais, como bem defende Amossy (2017), tendo em vista que suas pautas circulam na comunidade e parecem interessar a determinados públicos<sup>3</sup>.

Questões polêmicas estimulam tanto reações harmônicas quanto reações opostas, revelando a natureza democrática (ou sua tentativa de se prevalecer) de seus respectivos territórios. A circulação de tais questões se encontra nos canais de TV, nos jornais, nas revistas ou nas redes sociais. Um exemplo dessa circulação pode ser a exposição de pessoas públicas que, em um determinado momento, adotam uma conduta que divide opiniões, ou até mesmo quando a mídia noticia medidas de parlamentares que alcançam uma repercussão ampla, capaz de avivar a polaridade social por meio da consequente opinião pública, que atua como um júri, quer para aprová-las ou para reprová-las.

---

<sup>3</sup> É importante pontuar que, por razão dessas afirmativas, os elementos concernentes à polêmica que, aqui, consideraremos, não são exclusivos dela, e podem, sim, apoiar outras possibilidades de argumentação.

No campo dos estudos linguísticos, tal fenômeno começa a ser descrito a partir da análise das suas manifestações e do seu funcionamento, tendo em vista a presença de sujeitos que a praticam. No que se refere aos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, temos Maingueneau (1983, 1984) e Amossy (2017). O primeiro afirma que a polêmica é um fenômeno próprio do interdiscurso e que está relacionado ao processo de tradução e à interincompreensão regrada por normas estabelecidas pelos próprios atuantes da interação. Para o teórico, a polêmica tem em sua base o fato de que um discurso sempre se origina de outro, e sua interincompreensão semântica se trata de um processo de interpretação recíproca, no qual os discursos irão se chocar tendo em suas bases suas formações discursivas. Além disso, o teórico também considera o registro polêmico como aspecto importante à análise do fenômeno. O que podemos diferenciá-lo perante a segunda, de Amossy (2017), que, por sua vez, atribui à polêmica pelo menos dois estatutos: o de modalidade argumentativa, isto é, um modo particular de troca verbal, e o de fenômeno sociodiscursivo, que incide sobre a democracia a partir de discussões acerca de questões da atualidade.

Podemos pontuar que os empreendimentos analíticos de Maingueneau (1983, 1984) e de Amossy (2017) vão de encontro à posição de Foucault (1997), pois neste há um tratamento mais incipiente da polêmica, enquanto naqueles há uma abordagem mais voltada para a sua análise descritiva discursiva.

Assim como Maingueneau (2008), Amossy (2017) vê na polêmica a superação de sua delimitação em um plano formal. No entanto, sua Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD) tem como uma de suas principais discussões a implicação social pelo pressuposto de que a sociedade é polarizada. A polêmica, nesta perspectiva, contempla em si um modelo de troca verbal (avivada pelas figuras actanciais de um Proponente, de um Oponente e de um Terceiro) presente nas interações ideologicamente situadas.

A preocupação acerca da constituição e do funcionamento da polêmica é tema de interesse de uma série de pesquisas executadas recentemente. Além dos estudos de referência já mencionados, como o de Amossy (2017) e o de Maingueneau (1983, 1984), encontramos pesquisas que, além de se deterem à análise argumentativa, se orientam também para uma análise que se volta para o texto, bem como para sua organização, correspondente a estratégias persuasivas. Dentre os estudos de argumentação e texto encontrados, com exceção dos empreendimentos de Farias (2008, 2014) e de Mussalim (2009), que se alinham às perspectivas teóricas de Maingueneau (1983 e 1984), destacam-se os de Oliveira (2020) em dissertação de mestrado, Neves (2017) e Macedo (2018) em teses de doutorado, e Cavalcante e Macedo (2019), Brito e Oliveira (2018) e Silva (2020) em artigos científicos.

A pesquisa de Farias (2008), fundamentada nas teorias apresentadas por Maingueneau (1983, 1984), objetivou analisar a polêmica sob o viés essencialmente discursivo para compreender o funcionamento da refutação, lançando hipótese de que este fenômeno se sustenta na polêmica entendida como interincompreensão. A metodologia da pesquisa teve caráter interpretativo e qualitativo. Nesse contexto, a autora selecionou textos pertencentes ao gênero artigo de opinião, que versavam sobre questões acerca do Estatuto da Igualdade Racial escritos a partir do ano 2000, ano em que foi proposto o projeto de lei nº 12.288/10. Esses textos foram divididos em dois grupos, nos quais, em um, constavam aqueles que apoiavam o projeto de lei, e, em outro, aqueles que criticavam e negavam a medida. Posteriormente, os dois grupos tiveram enfoque para se considerar determinada prática discursiva dominante em cada um deles. A autora, ao analisar os textos conforme cada formação discursiva pertencente, pôde classificar os artigos de opinião que refutam o projeto como alinhados politicamente à direita, e os artigos que o apoiam como alinhados à esquerda.

A pesquisa considerou que o fenômeno da refutação, que ancora os componentes argumentativo e negativo, emergia a partir do processo de tradução e da produção de simulacros do Outro, cujas práticas discursivas em jogo, que se evocavam e se negavam, não se isolavam, mas se complementavam. Foi observado, desse modo, que esse procedimento era corroborado pela interincompreensão.

Por sua vez, a pesquisa de Mussalim (2009), embora também tenha se fundamentado em Maingueneau (2008), teve por objetivo operacionalizar os conceitos de polêmica e interincompreensão à luz da referida teoria base a partir da noção de cópia, a qual foi tema de polêmicas na ocasião da constituição da arte modernista no Brasil, no século XX. Como procedimento de coleta de dados, a autora selecionou um *corpus* de artigos publicados entre os anos de 1917 e 1931, em que havia o embate entre modernistas e “passadistas” na discussão do que se entendia por representação da realidade ou do que se compreendia por uma “verdadeira” arte que fizesse jus a uma identidade nacional. A autora considerou o pressuposto de que a polêmica resulta da própria constituição do interdiscurso e enumerou uma tríade para preencher lacunas acerca de sua definição, composta por universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Como resultado da análise, a pesquisa concluiu que a polêmica não existia em si, mas que era apenas um aspecto do funcionamento discursivo que se configurava como uma incompatibilidade radical entre os discursos, que, no caso dos dados, eram o discurso modernista e o discurso acadêmico. O fenômeno revelou a tradução de um simulacro do Outro que se deu por um processo de interincompreensão, como Farias (2008) observou.

Farias (2014) deu continuidade à sua pesquisa em torno da polêmica discursiva, sustentada pela teoria da Análise do Discurso de orientação francesa, de Maingueneau (1983, 1984), com o apoio de Bakhtin (1929, 1963) e Authier-Revuz (1982). Tomando como ponto de partida o pressuposto da polêmica como um fenômeno discursivo de interincompreensão generalizada, Farias (2014), na sua tese, lançou sua hipótese de que a manifestação dessa dicotomização se dá, também, na materialidade discursiva, por meio de estratégias linguístico-discursivas que ela propôs sistematizar. Para cumprir com o seu objetivo de desenvolver a teoria para além do que Maingueneau (1983, 1984) ambicionou, a partir do conceito de polêmica já estabelecido pela Análise do Discurso, a pesquisadora selecionou enunciados diversos do campo discursivo humorístico, tais como memes, episódios de programas humorísticos, tirinhas etc. Por acreditar que tais campos discursivos são fecundos para a análise, foi observado que marcas tanto discursivas quanto textuais, em enunciados dessa natureza, encontravam-se imbricados, ambos em equilíbrio, como era o caso da refutação, da ironia e do uso do verbo “ser”, que consistiam em marcas estratégicas presentes em polêmicas. Há a interincompreensão a partir do alvo digno do riso, o qual é traduzido a partir do simulacro do Outro.

Os resultados da pesquisa de Farias (2014) permitiram a confirmação de que a polêmica discursiva se revela por marcas no próprio fio do discurso, e que a interincompreensão mostrada ocupa um lugar especial em ocorrências desse tipo. A análise do *corpus* também revelou a manifestação de estratégias discursivas que se ancoram, por exemplo, no uso da 1ª pessoa do discurso enunciando conforme simulacro do Outro e para evidenciá-lo a partir do exagero; o uso de aspas; a associação do Outro a discursos que retiram sua credibilidade/legitimidade e a atribuição de voz ao simulacro do Outro de modo a “flagrá-lo” em suas contradições etc. No caso desses mecanismos, Farias (2014) ainda apontou que o componente linguístico, nesses casos, é utilizado de maneira mais flexível, passível de ser realizado por composições mais variadas, menos predeterminadas.

A autora, por fim, salientou ser possível levar a proposta do seu trabalho mais adiante, de modo a sistematizar o fenômeno da polêmica se utilizando de *corpora* de outras naturezas, para, assim, descobrir diversas outras estratégias linguístico-discursivas de que os sujeitos se valem em interações polêmicas.

A tese de Neves (2017), por seu lado, apresentou o debate público oral face a face no Supremo Tribunal Federal (STF) como um modelo de interação polêmica emergente. Seus objetivos foram compreender o que é a polêmica enquanto troca de enunciados e também como organização discursiva, lançando mão de contribuições acerca desse fenômeno da argumentação retórica (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005), da linguística interacionista

(KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, 1992; GOFFMAN, 1975, 2012; DASCAL, 2009), e da análise do discurso (MAINGUENEAU, 2008; AMOSSY, 2014), especificamente. Ao examinar as singularidades deste tipo de troca verbal, verificando seus pontos mais significativos nas condições de produção oriundas de plenárias do STF, o autor elegeu pontos centrais para uma discussão completa da polêmica, que vão desde o seu resgate histórico até atributos que alocam a polemicidade em seu lugar, diferenciando-a de outras interações, tais como a metadiscursividade, as faces, o *pathos*, dentre outros pontos caracterizantes.

Das conclusões da pesquisa, alguns resultados apontaram que a polêmica no espaço jurídico incita um agravamento da polemicidade, ao passo que, embora seja premissa existencial máxima o respeito à dissensão, o consenso, nesse âmbito, não se faz uma instância positiva, ainda que ela seja necessária para a manutenção do debate para um termo constitucional. Mesmo que o contexto jurídico seja uma condição estruturante da interação polêmica, pôde-se concluir também que, nos movimentos políticos e ideológicos, essa interação é muito mais significativa e representativa, uma vez que, além de desvelar o sujeito, considera-se a opinião pública, atuante nas bases da polemização. Esta é complexa e carrega em si uma carga subjetiva, inerente a qualquer discurso, ainda mais na área do Direito, ciência humana e social.

Já se tratando de produções que compactuam com a epistemologia de Amossy (2017), os pesquisadores Brito e Oliveira (2018) abordaram a polêmica discursiva apoiada no *pathos*, seguindo os constructos teóricos de Aristóteles (2005), Plantin (2008), Charaudeau (2010) e Amossy (2017). Como categoria analítica para o estudo, os autores elegeram a referência, com o apoio em Custódio Filho (2011) e em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). O intuito dessa pesquisa foi investigar como a construção dos referentes em textos se relacionava com as emoções dos sujeitos em interações polêmicas. Como método de análise dos dados, foram coletados comentários de notícias publicadas pela página do jornal Estadão e pela página da Arquidiocese de Porto Alegre, no *Facebook*, as quais abordavam sobre a Exposição *Queer* Museu, que pululou a manifestação da opinião pública acerca do conteúdo artístico exposto.

Os autores pontuaram que, diferentemente da visão do senso comum e de outras perspectivas teóricas – a saber, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) –, o domínio das emoções, isto é, o *pathos*, para os estudos contemporâneos de argumentação, é um fator indissociável do jogo argumentativo, não indo de encontro ao raciocínio e à reflexão. Quanto ao *pathos* na polêmica, verifica-se aquele como auxiliar a esta, e não como constitutivo, na medida em que o apelo às emoções intensifica a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro (sobre este último, argumento *ad hominem*, ou seja, direcionado à face dos sujeitos, e *reductio ad*

*absurdum*, direcionado aos seus respectivos posicionamentos). Pôde-se refletir também que a mobilização do *pathos*, precisamente no ambiente virtual, parece intensificar a violência verbal nos debates inflamados e agressivos, sendo também ele como um fator auxiliar aos debates dessa natureza. Quanto à construção dos referentes nas interações polêmicas, foi possível concluir também que o apelo às emoções determina como eles serão construídos e retomados nos textos, ao passo que se revelam as visões de mundo dos sujeitos e seus valores compartilhados na sociedade.

O empreendimento de Macedo (2018), com sua tese de doutorado, é movido pela questão central de pesquisa de o que têm a mostrar os estudos das estratégias de textualização para o desvelamento da argumentatividade, sobretudo de discursos (textos) cujos temas são polêmicos. Para tanto, a autora assume a noção de argumentação de Amossy (2002, 2005, 2006, 2007, 2011a, 2016, 2018a [2006], 2018b) e, mais especificamente, a de modalidades argumentativas, da mesma autora (2006, 2008, 2011a, 2018a [2006]).

A partir da consideração dos critérios analíticos gênero do discurso, intertextualidade, composicionalidade e referenciação, e da metodologia de investigação de natureza hipotético-dedutiva, a análise argumentativa e textual de interações polêmicas foram coletadas em âmbito virtual e eram pertencentes a diversos gêneros discursivos, bem como notícia, reportagem, entrevista jornalística televisiva, entrevista jornalística escrita e charge. Os resultados da pesquisa, desse modo, apontaram que é viável a análise da argumentatividade a partir de parâmetros analíticos do texto, além do sucesso de se valer do diálogo interdisciplinar entre a TAD e a Linguística Textual (ou LT) para esse trabalho.

Cavalcante e Macedo (2019) seguem na mesma linha teórica dos outros pesquisadores apresentados acima, uma vez que basearam sua pesquisa nos postulados da TAD e nos da LT. Ao abordar o fenômeno da polêmica, buscou-se examinar as estratégias de textualização de que os interlocutores se valeram na interação conflitual no âmbito digital sobre dois modelos agrícolas opostos, a saber, o agronegócio e a agroecologia. As autoras tiveram o objetivo de investigar, a partir da utilização de critérios analíticos da LT, as estratégias próprias da ação argumentativa retórico-discursiva presentes em textos. Elas romperam, assim, com a delimitação categorial de Amossy (2017) e elegeram como parâmetros analíticos fenômenos caros à Linguística Textual, como o gênero discursivo charge e a intertextualidade.

A análise da argumentatividade polêmica, pelas vias do texto, possibilitou algumas considerações: a escolha pelo gênero charge se constitui como uma estratégia de persuasão, uma vez que permitia tratar de temas sociais, políticos e econômicos, temas comumente polêmicos veiculados pelo campo midiático e que deu voz, embora enviesadamente, ao autor que

se posiciona; além de o mecanismo da intertextualidade utilizado na pesquisa instituir e materializar os discursos antagônicos e a desqualificação do Oponente. Por fim, as autoras também confirmaram que a interface entre os estudos da argumentação no discurso e a Linguística Textual tem eficácia na análise da argumentatividade polêmica.

O empreendimento de mestrado de Oliveira (2020), outrossim, orienta-se para a TAD estudada por Amossy (2018 [2006]), em consonância com os postulados da Linguística de Texto, propostos por Cavalcante (2016) e aprofundados na tese de Macedo (2018), para analisar a prova retórica aristotélica *pathos* em interações polêmicas. O autor se embasa em autores que se debruçaram em analisar o fenômeno retórico, como Ungerer (1995), Micheli (2008a, 2008b, 2010), Plantin (2008, 2010), Charaudeau (2007, 2010), Amossy (2017, 2018) e Aristóteles (2012). Como critério de análise, o pesquisador selecionou dois parâmetros de ordem textual, a saber, os processos referenciais (MONDADA e DUBOIS, 2016 [2003]; CAVALCANTE, 2011) e os processos intertextuais (CARVALHO, 2018), com o fim de apreender o apelo ao *pathos* via análise de textos.

A seleção do *corpus* feita por Oliveira (2020) atendeu a um recorte de dez postagens de jornais na mídia *Facebook*, sendo cinco do jornal O Globo e cinco do jornal O Estado de São Paulo, dos anos 2018 e 2019, sobre declarações do Papa Francisco acerca de assuntos sociais, como sexualidade e prática do aborto. Como resultados da pesquisa, constatou-se que, para os efeitos do critério de referenciação, a recategorização dos referentes auxilia para um *status* comovente de um referente e corrobora a desqualificação do adversário, além de a categoria desvelar a dêixis pessoal como processo referencial de relevo nos textos, ao passo que ele insere os interlocutores numa cena emocionante. Já para os efeitos do critério da intertextualidade, percebeu-se que este guarda proximidades com a convocação de redes referenciais quando se considera a mobilização do *pathos* nos textos. Também foi observada a recorrente utilização de citações e paráfrases de citações bíblicas, para fins discursivos de causar sentimento de medo, e também foram perceptíveis marcas de alusão ampla como estratégia de desqualificação do Oponente.

A pesquisa de Silva (2020), na mesma linha teórica que as anteriores, versou sobre a polêmica discursiva na mídia digital *Twitter*, sob a ferramenta *hashtag*, que serve de recurso de destaque a certos assuntos públicos emergentes. Para o autor, o cenário das redes sociais favoreceu, em massa, o desenvolvimento e a atualização de polêmicas. Com isso, as *hashtags* apresentaram uma função central no processo de atualização da modalidade argumentativa, uma vez que proporcionaram um engajamento maior dos usuários da rede em postagens que tratam de assuntos passíveis de diferentes opiniões dos usuários da rede. Desse modo, o recurso das

*hashtags* orientou argumentações, pontos de vista, criou embates e, em consequência disso, atualizou a polêmica em cena. O objetivo principal do trabalho foi compreender como esse processo se desenvolvia. Para esse empreendimento, o autor da pesquisa, ao fazer um diálogo entre as teorias da Análise do Discurso de linha francesa e da Linguística Textual, recorreu às contribuições de Amossy (2007, 2017), Pauveau (2013), Husson (2015), Silveira (2017), Cavalcante e Brito (2019) e Cavalcante (2020).

Foram coletados tuítes situados na época da eleição presidencial de 2018, que abarcavam em seu conteúdo as *hashtags* a favor e contra a eleição do então candidato Jair Bolsonaro, marcados como “#EleSim” e “#EleNão”, respectivamente. Para ressaltar a transcendência das *hashtags* do espaço virtual para os espaços públicos, também foram expostas manifestações que se utilizavam dessas expressões, agora em um espaço físico, evidenciando os posicionamentos dos diversos grupos sociais polarizados. Os resultados do referido estudo mostraram que, além de atualizarem a polêmica, as *hashtags* agrupam a modalidade argumentativa a um caráter intertextual, uma vez que lhes permite aludir a outros discursos com os quais se concorda ou se discorda. Tais posicionamentos são inerentes à força argumentativa da ferramenta do *Twitter*, uma vez que se reproduz a cena polêmica, marcada como uma arena de lutas a fim de persuadir, acima de tudo, um Terceiro, ou seja, o domínio na virtualidade que assiste ao embate argumentativo.

No que se refere aos trabalhos de coleta bibliográfica desta pesquisa apresentados, também fizemos busca em periódicos científicos e destacamos os artigos acadêmicos de modo a fazer um balanço das pesquisas explanadas aqui. Pôde-se notar que, ora a polêmica é vista incipientemente, mobilizando visões que não se voltam para sua estrutura (visões análogas às interpretações do senso comum no que tange aos conflitos de opiniões), ora ela é concebida por meio de investigações que se pautam na análise do seu funcionamento e das suas funções sociais. Nesta última direção, as pesquisas se dividem entre aquelas que são mais orientadas pelos estudos da Análise do Discurso de linha francesa de Maingueneau (2005), e aquelas que são dirigidas pela da Análise do Discurso de linha francesa contemporânea, de Amossy (2017), sendo a nossa proposta de pesquisa mais alinhada a esta última.

Após a apresentação do estado da arte do fenômeno da polêmica, podemos confirmar que as pesquisas que mais se relacionam com os nossos objetivos de investigação são a de Brito e Oliveira (2018), a de Macedo (2018), a de Cavalcante e Macedo (2019), a de Silva (2020) e a de Oliveira (2020). Embora não seja de nosso interesse relacionar os estudos de argumentação e os aparatos teóricos da Linguística Textual como os cientistas acima o fizeram,

levantamos uma investigação das diversas facetas argumentativas que os actantes sociais se valem nas situações discursivas conflituosas.

Intencionamos apreender a argumentação (inter)discursiva mostrada por textos estruturalmente diferentes (monogerido/poligerido) nativos do ambiente digital, por eles resguardarem tais interações internamente particulares e estabelecerem suas características estruturais próprias de difusão no espaço cibernético. Tal como Silva (2020), acreditamos que as ferramentas tecnodiscursivas possuem forte influência argumentativa nas interações, potencializando o fazer polêmico.

Boa parte das pesquisas acerca da polêmica discursiva citadas aqui, embora seja importante para a consolidação do estado científico do fenômeno, não alcança os desdobramentos emergentes que esse modelo de troca verbal estabelece, sobretudo quando tais discursos conflituosos estão cada vez mais presentes na sociedade, sendo que esta acaba por ser reconfigurada pela força virulenta de tais discursos. A polêmica não se reduz à detectabilidade no seu escopo intrínseco ao sistema linguístico. Por exemplo, as discussões inflamadas (AMOSSY, 2017) podem nos fornecer respostas para tais interações conflituosas (e violentas) que se voltam para a desqualificação do outro no lugar virtual. Outros aspectos também podem ir mais a fundo para entender as relações sociais na contemporaneidade, no âmbito cibernético, que são o de bolhas filtradas (PARISER, 2011), o de desinformação, e o de pós-verdade (SANTAELLA, 2019).

Esses pontos estão imbricados à polêmica discursiva, seja como gênese, como centro ou como desdobramento, e respondem, de uma determinada maneira, aos três movimentos centrais da polêmica, de Amossy (2017), que são a dicotomização de teses, a polarização ou divisão social e o descrédito do adversário, como serão aprofundados no capítulo 2, subcapítulo 2.4 da nossa fundamentação teórica.

O *corpus* proposto para esta pesquisa consiste em textos da *internet* que tratam da temática da patologia COVID-19, especificamente da vacinação e imunização para a doença. Esse tema será apreendido por textos monogeridos, que são artigos de opinião e notícias, visualizados em seus respectivos *sites*, e apreendidos também por textos poligeridos, como os comentários de postagens oriundas dos dois gêneros textuais anteriores, na plataforma *Facebook*. Dessa forma, são esses três gêneros textuais (notícia, artigo de opinião e comentário) que, em sua particularidade, são atravessados pelos discursos conflituosos na produção de discursos acerca da pandemia devido à patologia provocada pelo vírus *Sars-CoV-2*, popularmente conhecido por novo coronavírus, um assunto que começou a ocupar um lugar singular no imaginário popular no ano de 2020, no Brasil e no mundo; e, posteriormente, acerca do processo de

vacinação e de imunização em massa para a população no combate à doença. É pelo fato de esses assuntos estarem, incessantemente, no topo das discussões virtuais e midiáticas que parece ser profícuo investigar as interações polêmicas a partir deste campo temático, frequentemente relacionado a ideologias políticas, à desinformação e até mesmo a assuntos conspiratórios.

É utilizada como suporte a mídia digital *Facebook*, por ela propor um grande engajamento entre os seus usuários e pela influência de sua ampla interface de interação, que conta com a praticidade de diversas ferramentas tecnodiscursivas, dentre elas a principal a ser analisada nesta pesquisa é o comentário, juntamente com seus comandos, como a classificação “mais relevante”, as reações a comentários por *emoticons* e a opção de resposta, sendo estes dois últimos mobilizados por um conjunto de diversas semioses, estando presentes não apenas aquelas oriundas do texto verbal. Para além dos gêneros discursivos notícia e artigo de opinião (difundidos em textos monogeridos), analisaremos o gênero (e também ferramenta) comentário, o qual faz parte das postagens dos *sites* que servem de motivação para que as interações polêmicas circulem nas redes. De um lado, portais de notícia corporativos, como Estadão e G1 – Portal de Notícias da Globo, e de outro, portais de mídia alternativa, mais politicamente polarizados, como *The Intercept* e Mídia Ninja, e O Antagonista e Poder 360.

A relevância acadêmica desta pesquisa se encontra na consideração do fenômeno polêmico em uma perspectiva ampla, cuja abrangência não o reduza a uma mera discordância entre indivíduos nem o trate metodologicamente de maneira incipiente, sem alcançar os desdobramentos dessa modalidade argumentativa e a sua complexidade num espaço midiático virtual, pois compactuamos com a tese de Amossy (2017) de que a polêmica transcende a ordem do conceitual, e que pertence ao prisma social. Neste método, pode-se conceber a argumentação como ponto central de análise, pondo em pauta suas diversas facetas, ao passo que descreve seu funcionamento interno pelas vias do texto e, ao mesmo tempo, lança um panorama que concebe o jogo polêmico por uma ótica macrossocial.

Justificamos, pois, a relevância da nossa pesquisa para os estudos acerca da polêmica discursiva, sob uma proposta que estabeleça uma intercompreensão entre diferentes perspectivas teóricas para analisar o respectivo fenômeno. Atentamos às relações sociais emergentes que atuam na base da discursivização dos sujeitos no mundo das redes, reafirmando a linha tênue existente entre discurso e sociedade. A partir desse empreendimento teórico-metodológico de confluência entre a TAD e a LT, há a colocação da polêmica discursiva no lugar da *web*.

Acreditamos, desse modo, que esta dissertação pode contribuir para o andamento e o sucesso das investigações científicas em torno da polêmica discursiva sobre a vacinação e a imunização da COVID-19, uma vez que investiga a referente modalidade argumentativa a partir de um espaço da mídia emergente e analisa as reações oriundas dessa interface. E, para conduzir esta pesquisa, movemo-nos pela discussão tributária das teorias aqui explanadas que buscam apreender as facetas da argumentatividade sob análises apoiadas em critérios do texto. Outrossim, nosso objetivo geral é investigar o funcionamento da modalidade argumentativa polêmica no que tange às interações conflituosas que se pautam na temática da vacinação e da imunização para a COVID-19 na mídia *Facebook*.

Tendo como base o objetivo geral, apresentamos os seguintes objetivos específicos: a) Analisar como a dicotomização de teses se constrói e se reformula na interação polêmica no âmbito virtual *Facebook*, por meio de um inventário das principais tomadas de posicionamento de cada grupo polarizado; b) Investigar a instauração dos discursos conflituosos tendo como propósito a identificação dos usuários da rede social que se valem dos gêneros discursivos distribuídos em textos monogeridos, como por exemplo o artigo de opinião e a notícia, e em textos poligeridos, que serão ilustrados com comentários do *Facebook*; c) Discutir as dinâmicas sociais que atuam no contexto de discursivização dos polemizadores na *web* em função da estratégia de argumentação de descrédito do adversário.

Pretendemos alcançar esses objetivos por ambicionarmos obter respostas acerca da pertinência da polêmica no atual cenário social que se faz emergente. Para esta empreitada, frisamos que seguiremos as propostas teóricas de Amossy (2008, 2011, 2017), a de Macedo (2018), a de Cavalcante e Macedo (2019), a de Silva (2020) e a de Oliveira (2020) para mostrar que há argumentatividade conflituosa em textos opinativos e noticiosos e de comentários na internet sobre a vacinação e imunização para a COVID-19. Utilizaremos parâmetros textuais, como os gêneros do discurso, para mostrar a organização textual e discursiva que os internautas actantes utilizam para defender suas teses. Mobilizaremos também fenômenos sociodiscursivos que estão em voga quando se fala em cultura cibernética contemporânea, como as bolhas filtradas e a desinformação, além da noção de pós-verdade.

Acreditamos que dessa maneira abordaremos a convergência entre as práticas de linguagem e os fatores sociais que as cercam, além de reconhecermos as ferramentas tecnológicas da *web* como fatores propulsores das interações polêmicas, as quais aproximam, facilmente, os lados opostos da opinião pública (veementemente polarizados), e que acarretam, também, casos de violência verbal.

À guisa de informação, para o início das discussões teóricas e análise dos dados, faz-se necessária uma contextualização da temática vacinação e imunização, que escolhemos como critério de seleção de dados.

Estamos no campo da polêmica, que se mostra pública. Ela parte da relação de uma questão de interesse da sociedade (a pandemia de COVID-19) e seus desdobramentos, como as intervenções farmacológicas, a saber, as vacinas, que se mostraram eficazes para reter o surto, e com acontecimentos de ordens ideológicas opostas, como, por exemplo, a defesa de drogas sem eficácia comprovada para o tratamento dito precoce contra a doença, como é o caso da hidroxicloroquina e da ivermectina.

São esses assuntos atinentes à patologia da COVID-19 que demarcam o grande fluxo de informações nas mídias (enfatizamos, neste trabalho, a plataforma midiática *Facebook*) e seus respectivos discursos em confronto. Defendemos, tal como Amossy (2017), que os discursos de natureza conflituosa são constitutivos da organização social democrática, que se mantém na atualidade, a julgar pelos discursos públicos afrontosos e conflituosos que agitam as redes de comunicação.

Por fim, para atingirmos nossos objetivos, esta dissertação está organizada nos capítulos e subcapítulos subsequentes a esta introdução, sintetizados a seguir.

No capítulo 2, intitulado “Primeiras Palavras”, são reunidas algumas discussões iniciais acerca da polêmica e de seus pontos atinentes. No subcapítulo 2.1, apresentamos “A Teoria da Argumentação no Discurso”, os principais pontos da teoria de Amossy (2020) acerca de argumentação e de discurso; em seguida, temos o subcapítulo 2.2, que versa sobre “A modalidade argumentativa polêmica à luz da TAD”, a qual trata especificamente da modalidade argumentativa polêmica para a teoria de Amossy (2017); após essa parte, temos o subcapítulo 2.3, que discute “A era da pós-verdade em face dos discursos on-line na contemporaneidade”, que reúne algumas dinâmicas que se apresentam direta ou indiretamente no seio das discussões inflamadas, comumente atestando-se a presença de discursos de ódio, de *fake news* ou de discursos fortemente antitéticos, ressaltados pelo fenômeno das bolhas filtradas.

No terceiro capítulo, explanamos o percurso metodológico que adotamos neste trabalho, justificando nossas escolhas relacionadas à seleção do *corpus* (pautada em textos da mídia digital, distribuídos em monogeridos, no caso da notícia e do artigo de opinião, e em poli-geridos, como é o caso dos comentários, que tratam de questões polêmicas contemporâneas, como as relacionadas à vacinação e à imunização, inscritas no contexto brasileiro) e aos critérios e procedimentos de análise que são adotados.

No quarto capítulo, intitulado “Análise de Discursos Polêmicos Referentes à Vacinação e Imunização para a COVID-19”, apresentamos a análise das interações argumentativas conflituosas com as suas respectivas temáticas alinhadas à pandemia da COVID-19.

No quinto e último capítulo, trazemos as considerações finais da pesquisa, seguidas das referências bibliográficas.

## 2 PRIMEIRAS PALAVRAS

Neste capítulo, estas primeiras palavras conduzem à apresentação das principais orientações teóricas em que nos embasamos para a análise e para a descrição do funcionamento da modalidade argumentativa polêmica no âmbito digital. Começamos com a Teoria da Argumentação no Discurso – TAD –, que remete às ideias concernentes à argumentação concebidas por Amossy (2008, 2016, 2017, 2020), bem como o conceito de modalidade argumentativa. O segundo subcapítulo se refere ao fenômeno da polêmica enquanto modo particular de argumentação à luz da TAD, de Amossy (2017, 2020). Já o terceiro subcapítulo apresenta noções básicas referentes ao posicionamento ideológico que indica ser a essência que há por trás das interações conflituosas. Finalizando este capítulo, apresentamos as dinâmicas sociais que se encontram presentes na contemporaneidade, sobretudo nos contextos de discursivização na *web*.

### 2.1 A Teoria da Argumentação no Discurso

No âmbito dos estudos da linguagem, especificamente no diálogo interdisciplinar entre a retórica e a análise do discurso, encontra-se uma dualidade que põe em pauta o lugar da polêmica nas interações sociais. Seria inoportuno atribuir créditos ou descréditos a determinadas correntes científicas que ora tiram a polêmica de foco, ora protagonizam esse fenômeno nas conversações públicas. De fato, decorrem efeitos dessas tomadas de posição, todavia, tais resultados demarcam um contraste bastante perceptível nos estudos do discurso argumentativo: a Nova Retórica<sup>4</sup>, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), defende que “a argumentação é organizada e direcionada para ter a adesão de um ouvinte ou de um público”, e, em contrapartida, o estudo de Amossy (2017), que dá relevo aos discursos conflituosos como aqueles que são válidos e construtivos numa dada realidade social. Esta vem depois daquela e preenche uma lacuna deixada por uma tradição que tem outro objetivo.

É certo que a análise do discurso e a argumentação retórica se combinam para explorar o funcionamento verbal do discurso polêmico (AMOSSY, 2012), embora haja divergências entre as teorias no modo de conceber a polêmica<sup>5</sup>. Entretanto, o que vemos hoje é a Teoria

---

<sup>4</sup> Retórica, basicamente, no sentido da tradição aristotélica, como a arte de persuadir, ou seja, como argumentação. Essa arte objetiva estudar a argumentação e suas estratégias de persuasão no âmbito do discurso como dizer socialmente situado e constituído (MACEDO, 2018).

<sup>5</sup> A consideração do sujeito também demarca efeitos de dissonâncias entre a Retórica e a Análise do Discurso, como aponta Maingueneau (1991, p. 234): a Retórica requer um sujeito soberano usando de processo a serviço de um objetivo explícito, ao passo que, para a Análise do Discurso, as formas de subjetividade estão implicadas nas próprias condições de possibilidade de uma formação discursiva.

da Argumentação no Discurso como “uma redefinição da retórica como um ramo da Análise de Discurso francesa, resultante da articulação entre esta disciplina e a retórica (clássica e nova)” (MACEDO, 2018, p. 38). Tendo em vista essa afirmação, mais do que constatar divergências entre as teorias, cabe-nos esboçar seus componentes que dialogam, o que fazem por corroborar a análise da argumentação no discurso à semelhança de Amossy (2020), confirmando à análise retórica como a argumentação assentada no razoável e no verossímil.

Podemos constatar, então, que a direção epistemológica tomada por Amossy (2020) é de estabelecer um quadro teórico e metodológico que permita apreender a argumentação pelos vieses discursivo e institucional (especificamente no que tange às práticas discursivas que não se destinam apenas ao consenso), antes investigadas pelas retóricas (clássica e nova) com base nos aspectos lógicos do fazer argumentativo, bem como de seus efeitos na interação deliberativa<sup>6</sup>. Essas e outras aproximações teóricas entre as duas correntes são consideradas no decorrer deste trabalho.

Entendemos, desse modo, que a linguista rompe com uma tradição dos estudos do discurso ao defender a argumentação como parte constitutiva do fazer discursivo<sup>7</sup>, tendo em vista que seu objetivo é este. Em contrapartida, para além de pôr a argumentação no lugar que lhe convém em seu empreendimento científico, Amossy (2006) defende a retórica como fator importante na sociedade, como “uma alternativa ao uso da força bruta e à violência física, ela pode ser um meio democrático de tomar decisões coletivas, ou mesmo individuais, e de expressar pontos de vista diferentes ou conflituosos” (MACEDO, 2018, p. 41)<sup>8</sup>. Além dessas decisões que emergem no seio coletivo, a linguista advoga pela consideração de discursos que estabelecem tanto acordo quanto aqueles discursos que manifestam dissenso.

Amossy (2017), ao reconfigurar a retórica na sua disciplina, distingue as retóricas do acordo, as quais são defendidas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e por Aristóteles, da retórica do dissenso, elemento este (dentre vários outros) responsável pela dessemelhança de sua teoria em face das outras mencionadas. O empreendimento da autora, como se pôde constatar, não estabelece o consenso como primazia das interações verbais e, em decorrência, das soluções de problemas sociais, mas, sim, adere à concepção de que a argumentatividade se

---

<sup>6</sup> Acrescentamos, para o efeito de nosso entendimento de linguagem, que a argumentação resguarda em sua estrutura não apenas a mobilização do discurso, mas também a do texto, unidade de coerência sócio-historicamente situada, que pode elucidar para nós o funcionamento da argumentação validas pelos sujeitos sociais.

<sup>7</sup> Macedo (2018) afirma que a argumentação, no interior da AD francesa contemporânea, foi considerada por Maingueneau (1991) como fator primordial da coerência discursiva, mas que este não deu continuidade a essa exploração devido a incompatibilidades epistemológicas entre as teorias.

<sup>8</sup> Amossy (2006), em sua TAD, propõe a retórica de modo reconfigurado, pelo substrato da Linguística do Discurso de viés enunciativo e pragmático.

estabelece tanto em interações que resguardam um consenso quanto naquelas que marcam embates de teses conflituosas no seio do próprio discurso.

Referente à noção de discurso, Amossy (2011) compactua com as ideias do teórico da enunciação Benveniste (1974) ao dizer que o discurso se refere a toda enunciação que visa à influência mútua entre sujeitos (locutor e ouvinte), os quais são motivados a esse fim, com a tentativa de, mais ou menos consciente e reconhecida, agirem sobre o outro<sup>9</sup>. Por sua vez, conforme o dialogismo bakhtiniano, toda palavra é sempre uma resposta a um outro dizer, um dito que pode se dar por confirmação, modificação e/ou refutação (AMOSSY, 2011, p. 131), o que confirma que a posição argumentativa oposta à de um certo locutor não necessita apresentar-se explicitamente para o outro, pois os dizeres são sempre dialógicos.

A argumentação, tomada aqui como inseparável do funcionamento global do discurso, é encarada por Amossy (2020), em linhas gerais, como um conjunto de meios verbais utilizado pelos participantes da interação, cuja intenção é a de convencer o outro a aderir à sua tese ou a seus pontos de vista, sendo que esse processo se dá mutuamente, mais ou menos conscientemente e manifestamente. A essa noção, a autora atribui o termo dimensão argumentativa, pelo discurso já comportar em seu escopo uma predisposição a orientar o interlocutor a encarar o mundo de maneira particular. Exemplos dessa dimensão argumentativa encontram-se em textos aparentemente não persuasivos, como uma receita culinária ou uma notícia.

A autora também atribui a certos discursos uma visada argumentativa, isto é, “a qualidade intrínseca de agir sobre o outro” (AMOSSY, 2020, p. 131) que um discurso tem em sua composição. Conforme Adam (2019), o discurso de visada argumentativa comporta uma sequência argumentativa dominante, como por exemplo os gêneros textuais artigo de opinião e debate eleitoral<sup>10</sup>. Essa categorização de discursos, entre os que demonstram raciocínios de persuasão mais elaborados e visíveis e os que não os demonstram, nos mostra que nem todos os textos são dotados de visada argumentativa, mas que todos eles possuem uma dimensão argumentativa.

Considerando as discussões acerca das análises dos discursos polêmicos, enfatizamos que os analisaremos considerando seu enquadramento tanto à visada argumentativa quanto à dimensão argumentativa. Para além do seguimento desse pressuposto, está presente nas

---

<sup>9</sup> Atinente a esse fator de influência, cabe ressaltar o que diz Charaudeau (2014): todo ato de linguagem provém de uma relação entre sujeitos, que condiz com o princípio de alteridade; e de modo a se influenciarem, que condiz com o princípio de influência, conduzindo a uma regulação, a partir do projeto de influência que é gerida pelos participantes da interação.

<sup>10</sup> Pleiteamos que as noções de visada argumentativa e de dimensão argumentativa não são exclusivas do discurso, e, sim, também, se manifestam no âmbito das relações textuais, assim como defendem Cavalcante *et al.* (2018).

investigações das interações polêmicas o domínio dos gêneros discursivos e dos tipos discursivos, tal como Amossy (2008, 2017) o faz. Tais domínios considerados nas relações polêmicas no discurso apontam que a polêmica e as outras modalidades argumentativas são atravessadas pelos tipos<sup>11</sup> e pelos gêneros, sejam os tipos de discurso parlamentar ou lírico<sup>12</sup>, sejam os gêneros discursivos comentário ou artigo de opinião. É devido a essa atenção ao lugar que acomoda a polêmica que Cavalcante e Macedo (2019) compartilham a asserção que põe em principal plano metodológico a consideração pelo gênero do discurso. Nitidamente, faz-se necessária a inserção da troca verbal em um quadro discursivo, ligando o texto a um contexto sócio-histórico, interacional e enunciativo pelo interdiscurso.

É nessa primazia pelos gêneros e pelos tipos discursivos que Amossy (2008) cita-os, ao considerar que, a depender deles, são comportadas determinadas modalidades argumentativas, cada uma apontando para efeitos diferentes<sup>13</sup>. Para apresentar as modalidades argumentativas, a linguista as exemplifica pelos gêneros e tipos, a fim de situá-las no discurso, como será mostrada na página seguinte.

Os discursos, por gozarem de uma dimensão argumentativa, dependem de uma estrutura de troca global na qual emerge a ação de persuasão. Tal estrutura de troca corresponde aos tipos de troca argumentativa que, por meio dos gêneros e dos tipos discursivos, modelam como a argumentação opera na interação; constituem-se as modalidades argumentativas ou modos de argumentação<sup>14</sup>, que apresentam uma lista de possibilidades de ocorrência, partindo de um *continuum* que inicia do mais consensual e finda no mais dissensual. As modalidades argumentativas serão apresentadas, aqui, em linhas gerais:

i) *modalidade demonstrativa*: remete a teses apresentadas por um locutor destinado a um determinado público, por meio da demonstração racional; em outras palavras, do raciocínio articulado apoiado em provas. Alguns exemplos de gêneros discursivos que privilegiam essa modalidade são o discurso parlamentar<sup>15</sup>, o artigo científico, o debate de ideias, dentre outros. ii) *modalidade patêmica*: põe o orador à dualidade da razão *versus* paixão. Uma tese é apresentada ao interlocutor sob o intuito de “tocá-lo” para

<sup>11</sup> Terminologia da autora.

<sup>12</sup> Exemplos de tipos de discurso da autora.

<sup>13</sup> Amossy (2017) defende que, conforme determinado evento polêmico se difunde no espaço público, ele será moldado em concordância com o discurso ou o gênero que o comporta: por exemplo, a polêmica no discurso jornalístico apresenta sua própria complexidade, típica do lugar que o abarca, podemos citar o escândalo e a indignação tendo como efeito o protesto. Ou, por exemplo, os discursos conflituosos no gênero comentário, em fóruns de discussão, fazendo com que os usuários da plataforma se mascarem e se desresponsabilizem nos momentos de ataques pessoais aos seus Oponentes.

<sup>14</sup> Cavalcante e Macedo (2019) explicam que a demanda que requereu de Amossy a elaborar tal categoria conceitual e operatória corresponde ao trabalho de análise para o esclarecimento da relação entre a situação e o dispositivo de enunciação e o modo particular de verbalização das teses manifestadas no e pelo discurso.

<sup>15</sup> Este exemplo é da própria autora. Todavia, vemos que hoje as interações que apontam para este tipo de discurso divergem com a condição de regra, isto é, vemos uma espécie de descontrolo nos discursos políticos, que, via de regra, necessitam de ordem, como por exemplo o respeito ao turno do outro.

que haja a adesão da proposição em questão. Aqui, entra em jogo a utilização de traços que envolvem emoções, que orientam os modos de ver do interlocutor, despertando-lhe sentimentos. Para Amossy (2008), alguns gêneros discursivos que utilizam essa modalidade são o discurso lírico, o apelo à ajuda humanitária, as defesas perante os jurados, dentre outros. iii) *modalidade pedagógica*: corresponde a uma instância de locução superior que transmite saberes a um auditório que ocupa o lugar de aprendiz. O manual escolar, a literatura infantil e outros gêneros discursivos são exemplos de propagação desse modelo de troca verbal<sup>16</sup>. iv) *modalidade co-construtiva*: são interações concretas ao longo das quais os participantes constroem juntos soluções para um problema levantado em conjunto. Exemplos de gêneros discursivos que a modalidade argumentativa de co-construção atua são a reunião profissional, a conversa familiar e outros. v) *modalidade negociada*: embora as opiniões dos participantes da interação sejam antagônicas e às vezes conflituosas, eles se esforçam para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e de chegar a um consenso através do compromisso. Trocas diplomáticas orais e escritas e as negociações comerciais são exemplos de gêneros que abarcam a modalidade, que Amossy (2008) propõe. vi) *modalidade polêmica*<sup>17</sup>: representa o embate de pontos de vista aparentemente inconciliáveis, uma vez que a relação antagônica contém participantes que tentam agir sobre o outro a partir das suas convicções, acarretando, por vezes, em violência verbal. Mais especificamente, um locutor ataca o seu interlocutor frente a um terceiro (o público observador), apresentando suas teses ou pontos de vista de modo a deslegitimar o outro, em seu detrimento, na busca do seu crédito como opinante. Alguns exemplos de gêneros discursivos que privilegiam essa modalidade são os debates midiáticos entre adversários políticos, a controvérsia filosófica e outros (AMOSSY, 2008, grifos da autora).

Recapitulando o que foi apresentado até aqui, as respectivas modalidades argumentativas tratam de modelos de trocas verbais que são presentes nas inúmeras ocorrências dos mais diversos gêneros discursivos<sup>18</sup>. Uma ou mais dessas modalidades são escolhidas pelo discurso, quando há a intenção de persuasão. Em termos de análise, é imprescindível que sejam consideradas a estrutura da troca argumentativa e a maneira pela qual a ação de persuasão é construída face ao alocutário e ao modo como ele é definido nessa relação. A fala individual se insere nessas trocas e determina grandes eixos no campo da argumentação ou nas maneiras de argumentar, como a deliberação, a persuasão exitosa pela utilização do *pathos* ou até mesmo o prosseguimento da democracia assegurado pelos mais diversos e dinâmicos discursos polêmicos presentes na sociedade. É com essa atenção a uma instância mais particular que se pode chegar à ideia de registro discursivo, a qual é um elemento complementar ao que vem sendo discutido sobre modalidade argumentativa, isto é, “a noção de registro discursivo não toma aqui sentido a não ser na sua complementaridade com a noção de modalidade argumentativa; ela

<sup>16</sup> Esses exemplos e os das outras modalidades argumentativas são da autora.

<sup>17</sup> Interessa-nos o foco em pesquisar a presente modalidade argumentativa pelo fato de existirem vários estudos avançados sobre ela, como Amossy (2017). Sua circulação abundante nas sociedades também nos impulsiona a pesquisar mais sobre sua constituição.

<sup>18</sup> É necessário deixar claro que não se deve homogeneizar determinadas modalidades argumentativas a certos tipos de gênero, se há estes mais flexíveis em sua composição, correspondentemente, há uma maior flexibilização nos modos de argumentar. É por isso que as modalidades argumentativas são um conjunto aberto (CAVALCANTE, 2020).

permite designar um tom particular mobilizado, nesse quadro, para assegurar o sucesso da fala persuasiva” (AMOSSY, 2008, p. 239).

Para compreender a noção de registro discursivo e como ele se configura no plano das modalidades argumentativas, deve-se aproximá-lo a este plano. Desse modo, o registro discursivo consiste num tom particular no momento da interação, que parte do locutor para expressar a força da fala. Todavia, muitas vezes, o registro e a modalidade podem não atuar juntos em sua correspondência, por exemplo, um locutor pode privilegiar a modalidade argumentativa patêmica sem, obrigatoriamente, se dispor de registros que se apoiam no *pathos*, e, ainda assim, obter sucesso em seu empreendimento de persuasão<sup>19</sup>. Ou, ainda, se inserir em um discurso polêmico sem se utilizar da violência verbal, pois esta se refere ao registro discursivo, ao tom, traço auxiliar da modalidade argumentativa polêmica.

Tal como Amossy (2008) exemplifica esse ponto, o tom estilístico embasado de emoções pode, por vezes, ser menos eficaz que aquele que mantém velados traços sentimentais no momento da enunciação, pois o que faz o discurso pertencer a uma determinada modalidade argumentativa são as intenções comunicativas do locutor, e, não necessariamente, a materialidade linguística do que ele diz. No caso do exemplo acima, o *pathos*, embora seja essencial para a argumentação (pelo menos nas situações discursivas que lhe são oportunas), não se projeta em face às emoções expressadas por quem fala, ele pode não ser utilizado na interação. Fica a cargo da troca argumentativa patêmica o compromisso de obter sucesso na busca da adesão do outro dirigindo-se aos seus afetos.

A TAD, mobilizada pelo objetivo de investigar as diversas maneiras pelas quais se constituem as manifestações discursivas, tendo como pressuposto de que tais manifestações do discurso são essencialmente argumentativas, considera, além do registro discursivo já aqui discutido, a situação discursiva, o dispositivo enunciativo e os gêneros do discurso. Para definir essas ideias centrais, iniciamos com a situação discursiva, que, segundo Amossy (2011), parte da situação concreta da enunciação: numa troca argumentativa dada, interessa para o analista quem sejam os interlocutores, qual a relação de lugares que eles ocupam, bem como seu estatuto e as circunstâncias exatas da sua troca argumentativa.

O dispositivo enunciativo, por sua vez, está ligado à constitutiva relação entre os sujeitos da interação, a saber, o locutor, o interlocutor e o Terceiro (o auditório, em termos

---

<sup>19</sup> Um exemplo do cotidiano que prove essa certa independência entre o tom discursivo e a modalidade argumentativa é o silêncio como um meio de despertar as emoções (o *pathos*) do auditório, como acontece nos jornais de televisão, quando os apresentadores noticiam determinado conteúdo sensível. É importante também ressaltar a negociação entre os interlocutores da interação como elemento determinante para o êxito da comunicação.

retóricos), podendo eles serem parceiros ou adversários. Este último é peça-chave para a configuração argumentativa que o locutor, disposto a ter sua fala persuasiva exitosa por meio de estratégias discursivas e por um conjunto de recursos linguísticos, tem de “adaptar-se ao seu alocutário, ou mais exatamente, à imagem que ele projetou” (AMOSSY, 2011, p. 133), considerando que, nos termos de Perelman e Olbrechts-tyteca (2005), o auditório é sempre uma construção do orador.

Por fim, apresentam-se os gêneros do discurso, que remetem às próprias práticas discursivas dispostas pelo viver em sociedade, e que são inerentes ao discurso argumentativo: “a fala situa-se, necessariamente, no quadro de um gênero de discurso que ocupa um lugar particular num espaço social dado e que comporta seus objetivos, suas regras e suas próprias restrições” (AMOSSY, 2011, p. 133). É no sentido da importância desses três domínios considerados pela análise argumentativa que Amossy (2011) defende que, para além deles, a investigação da argumentação deve se ater ao interdiscurso, uma noção que se trata de um princípio dessa abordagem. Para a Análise do Discurso, todo discurso é, irreversivelmente, constituído por um outro que lhe faz frente.

A presença dos três últimos aspectos do quadro atinentes à interação argumentativa, à situação discursiva, ao dispositivo enunciativo e aos gêneros discursivos reflete a combinação destes à investigação dos diversos modos de troca verbal, o que requereu de Amossy (2008) estabelecer as modalidades argumentativas, conforme Macedo (2018) explica. A situação discursiva particular, que abarca desde as interações colaborativas até aquelas conflituosas, tem a funcionalidade de desvelar estratégias argumentativas que emergem no próprio momento interativo; o dispositivo enunciativo, por sua vez, tem valor na análise argumentativa, tendo em vista a consideração da importância de se averiguar se determinados actantes da interação estabelecem uma relação de antagonismo (como na polêmica e na negociada) ou de colaboração (como nas demais modalidades argumentativas), ou se entram em voga a centralização do locutor, do interlocutor ou do Terceiro para o sucesso no empreendimento persuasivo (a depender da modalidade argumentativa, determinado participante da interação terá proeminência para o êxito persuasivo, como por exemplo a patêmica, que é direcionada ao interlocutor); e, por fim, os gêneros do discurso, fatores cruciais perante a própria condução investigativa das análises do discurso, que enfatizam a reflexão do lugar social no qual se encontram os sujeitos, os quais também são cingidos, juntamente com variados textos, pela dimensão argumentativa.

Esse apanhado dos aspectos relacionados à argumentação no discurso propõe uma amostra das possibilidades de ocorrência das modalidades argumentativas, naturalmente acompanhadas de um tom estilístico (por vezes), de uma situação discursiva concreta, de indivíduos

movidos pelas condições da interação e de gêneros discursivos, que enquadram determinadas modalidades argumentativas, organizando-as num plano genérico de textos e de discursos. A seguir, entraremos numa discussão mais aprofundada da polêmica, modalidade argumentativa a ser focalizada neste trabalho.

## 2.2 A modalidade argumentativa polêmica à luz da TAD

A polêmica é efêmera, pois é questionável que na atualidade haja o espírito e os anseios que marcaram os embates de posições sociais que ocorreram décadas atrás ou até séculos. É nesse sentido que fatos polêmicos são facilmente esquecidos com o passar do tempo, da mesma maneira que a polêmica trata de assuntos da atualidade, cuja repercussão não permanecerá na memória discursiva dos indivíduos, podendo ser facilmente esquecida após um determinado período de tempo.

Nesses casos de discursos fortemente antagônicos entre si, atualizam-se polêmicas sobre determinadas questões, estas ora serão reavivadas, ora manter-se-ão em estado de latência. A cada novo evento que tome proporções públicas, a polêmica se atualiza com base em suas respectivas questões sociais e com base em seus atores sociais voluntariamente engajados. A exemplo, o tema da imunização que já foi vigente no imaginário popular do Brasil em meados de 1904. Nesse ano, foi instaurada a obrigatoriedade da vacinação à população brasileira contra a doença varíola, época que demarcou grandes debates e protestos de pessoas que não queriam ser vacinadas.

Juntamente ao exemplo da vacina contra a varíola, outro exemplo de questões sociais que podem reaparecer nos debates públicos é a questão social da ditadura militar, a qual se deu na década de 1960 no Brasil. Embora o país não viva mais nesse regime, trata-se de uma questão que ainda divide opiniões, quando é o caso de esse assunto reaparecer por alguma figura política trazer o assunto à tona em algum posicionamento. Para Cavalcante (2017), portanto, essa construção/atualização da polêmica se dá na circulação de discursos (interdiscurso), mas eclode via textos<sup>20</sup>.

Em outro ponto, a polêmica, para ser considerada como tal, precisa ter alcance abrangente nos espaços sociais (ela precisa interessar ao público), na medida em que ela se difere de uma simples discussão do cotidiano entre particulares. Amossy (2017) salienta que, com base nessa característica, a polêmica nasce do privado e, posteriormente, adquire caráter público, portanto social. O que a tornará polêmica será sua amplitude na sociedade, suscitada a sua força pela mídia, seja ela impressa, televisiva, radiofônica ou digital, a qual envolve redes sociais ou fóruns de discussão na internet. Suas características a elevam ao estatuto de fenômeno não meramente linguístico, mas, sobretudo, sociodiscursivo (lembramos que a polêmica

---

<sup>20</sup> A ideia de que polêmicas se atualizam pode muito bem se relacionar à noção de texto como evento. Tendo como pressuposto a ideia de que polêmicas ocorrem via texto, estas emergem no discurso a cada acontecimento concreto de enunciação, situado sócio-historicamente num dado espaço.

não se resume ao seu registro discursivo, e, sim, ao típico modo de o discurso conflituoso ser encenado, o qual se mantém movido pelas ambições persuasivas dos seus interlocutores diante de questões conturbadoras). Isto é, a polêmica condiz mais ao seu substrato social do que a quaisquer delimitações conceituais (AMOSSY, 2017). Entretanto, alguns pontos importantes precisam ser explanados nessa discussão, considerando as implicações e os limites desta modalidade argumentativa no plano linguístico e pragmático, para além da consideração corrente de que este fenômeno designe meramente uma oposição de teses.

Dessa maneira, cabe-nos destacar os principais domínios dessa modalidade argumentativa, que se mantém distante, dentro ou fora dos âmbitos midiáticos, da deliberação. Como foi mencionado, a modalidade argumentativa polêmica se diferencia das outras modalidades argumentativas na medida em que ela não visa ao esforço de um consenso, muito menos estabelece em si o resguardo pelo apaziguamento na troca verbal. A polêmica se instaura no discurso exprimindo uma retórica do dissenso, uma vez que se encontram em jogo teses antagônicas que pretendem sobressair uma à outra.

A polêmica consiste num “fenômeno sociodiscursivo na sua materialidade e na sua complexidade” (AMOSSY, 2017, p. 10). Desse modo, cabe um esforço da pesquisa centrada na polêmica estudar a natureza da modalidade argumentativa para investigá-la não sob um exercício especulativo, raso, mas sob um trabalho de análise amplo que leve em conta sua generalização, desde as suas regularidades estruturais até as suas funções públicas e as suas implicações sociopolíticas na contemporaneidade, bem como também aos seus domínios complementares, como a violência verbal e o *páthos*, assim como já foi feito por Amossy (2017). O esforço da pesquisa também se voltará para o ineditismo de discutir sobre fenômenos sociais que muito se implicam à circulação de teses conflituosas no espaço midiático público, como por exemplo as bolhas filtradas, a desinformação e as *fake news*.

De início, concebe-se o dissenso e a exacerbação do conflito como as principais características da modalidade argumentativa polêmica. A má reputação da polêmica permite pensar que tal modalidade argumentativa pode representar um caos nas suas ocorrências (designadas como desenfreadas), um puro descontrole de conflitos, e como um modo de verbalização prejudicial à construção de um espaço público e da deliberação cidadã. Porém, o escopo de suas ocorrências revela o contrário: um modelo de troca verbal que apresenta suas regularidades e uma determinada ordem, capaz de ratificar a democracia de uma sociedade e de construir um espaço público com a participação de cidadãos engajados numa causa social que lhes interessa. Amossy (2017) aponta três características primárias que constituem a polêmica, e são

elas: a *dicotomização de teses*, a *polarização* ou *divisão social* e a *desqualificação do adversário*.

A dicotomização corresponde a uma operação abstrata que estabelece a oposição de teses, em que, *in loco*<sup>21</sup>, um opinante tenta combater o outro no jogo persuasivo. Amossy (2017) diferencia a polêmica do debate pelo fator conflitual, pois este é constitutivo dessa modalidade argumentativa. Essa reflexão em torno dos polos dicotomização e conflitual induz à definição de polêmica para Amossy (2017, p. 53): “um choque de opiniões antagônicas, marcando o caráter constitutivo que desempenha nela o conflito”. Assim, o campo do choque de opiniões contraditórias de caráter conflitual é objeto da dicotomização, que demarca a oposição de teses antitéticas que se excluem reciprocamente, segundo Amossy (2017).

A polarização ou divisão social, para Amossy (2017), refere-se ao agrupamento dos interlocutores nos campos adversos na sociedade, ou seja, à identidade que faz o interlocutor (seja personalidade da mídia ou mero anônimo) defender suas ideias conforme seu grupo ideológico, não apenas como concordante ou opositor, mas como aquele que dá vida a elas, no âmbito discursivo, sob o plano de uma estrutura actancial. Sobre esse último aspecto, é importante pontuar a atuação do Proponente e do Oponente em face de um Terceiro, as três instâncias do plano actancial que indicam não pessoas, mas papéis. Respectivamente, um indica aquele que propõe uma tese, o outro refere-se àquele que refuta a tese apresentada a ele e o último faz relação com um ouvinte da confrontação, a ser influenciado. Deve-se à polarização o efeito da diferenciação entre actantes e atores sociais. Para a TAD, os primeiros são aqueles que se estabelecem num plano da estrutura actancial, desempenhando papéis sociais, como Proponente, Oponente e Terceiro, num enquadre abstrato; enquanto os segundos são encarados como atores individuais, sujeitos empíricos que assumem seus respectivos papéis na interação polêmica no plano da enunciação, de modo que encarnam os actantes na interação. A polarização, portanto, ao passo que materializa e atualiza a dicotomização, é o resultado dessa divisão de actantes que se excluem mutuamente, isto é, “um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis” (AMOSSY, 2017, p. 57).

A desqualificação do adversário, para Amossy (2017), é relativamente oriunda do resultado da relação dos dois primeiros movimentos e consiste na depreciação e no rebaixamento daquilo que lhe é oposto, seja no nível do *logos* ou do *ethos*. Nessa arena de lutas, o Proponente (aquele que propõe sua tese) ataca o dizer do seu Oponente (aquele que se opõe), atribuindo ao seu adversário seu descrédito, de modo que este Proponente se engrandeça a partir

---

<sup>21</sup> Isto é, em um caso particular de interação verbal.

do arruinamento do outro. O Proponente também pode atacar a imagem do seu Oponente (argumento *ad hominem*), não limitando a desqualificação à sua pessoa civil, mas também à do grupo representado<sup>22</sup>. Orecchioni (1980 *apud* AMOSSY, 2017), por sua vez, define a desqualificação do adversário em face da polêmica afirmando que esta é um discurso desqualificador, nos momentos em que ataca um alvo e gera o descrédito do adversário e da tese que ele sustenta.

As características da polêmica, dadas por Amossy (2017) e já apresentadas aqui, delimitam a modalidade argumentativa. Pensemos nelas, ao passo que recapitulemos seus domínios. A dicotomização, pela sua proeminência nos dados, é o maior atributo da polêmica (enfatizamos que toda argumentação pressupõe o antagonismo de teses), se formos tentar enquadrá-la numa formalização conceitual. O conflito, encarado, aqui, como a consequência da causa dicotômica, está no cerne deste modo de interação verbal, nos termos de Amossy (2017, p. 53), que coloca que

“O conflitual não está apenas dentro da polêmica: ele se situa fora dela e constitui sua fonte”; o que nos permite definir a polêmica como “a manifestação discursiva sob a forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Enquanto interação verbal, [a polêmica] surge como *um modo particular de gestão do conflito*” AMOSSY, 2017, p. 53, grifos da autora).

Então, conforme Garand (1998), que defende o conflitual como aquele que rege os enunciados polêmicos em todos os gêneros, podemos constatar que nem toda situação dessa natureza corrobora uma polêmica, mas que toda polêmica advém do conflitual, por este ser seu traço essencial. É como pensa o autor, ao defender o lugar do conflito nas interações polêmicas.

Não se trata, no estudo proposto por Amossy (2017), de averiguar oposições dicotômicas lógicas, tais como, por exemplo, direita *versus* esquerda, igualdade *versus* desigualdade, justiça *versus* injustiça etc.<sup>23</sup>, em que dois ou mais lados da opinião pública se excluam sem quaisquer considerações acerca da organização histórica e cultural que há por trás deles. A contextualização da organização social que se mostra nos diferentes grupos envolvidos nas interações polêmicas revela que tais polos conflitantes é marca das investigações da Análise do Discurso, devido aos seus objetivos científicos. Amossy (2017) preza pela consideração de contextos socioculturais, de crenças de base, de circunstâncias históricas e de necessidades argumentativas *in loco* para o seu empreendimento investigatório dos discursos polêmicos. Por isso, sua posição quanto à modalidade argumentativa é de julgá-la como necessária, pois “importa,

---

<sup>22</sup> Cavalcante e Macedo (2019) pensam que, mesmo implicitamente, o ataque à determinada pessoa corresponde, automaticamente, ao grupo ao qual ela pertence.

<sup>23</sup> Exemplos de Dascal (2008).

portanto, numa perspectiva ‘construtivista e pragmática’, ver como as dicotomias são construídas ou desconstruídas num contexto preciso” (AMOSSY, 2017, p. 54, grifos da autora).

Decorrida a explanação das questões basilares da dicotomização de teses, porventura, pode-se questionar se a polêmica não admite eventuais concordâncias, devido ao seu caráter naturalmente dinâmico. Dascal (2008 *apud* AMOSSY 2017), mesmo reconhecendo efeitos resistentes da dicotomização<sup>24</sup>, propõe também o termo “desdicotomização”, que orienta para a possibilidade de interações com teses opostas serem construídas de maneira menos coercitivas que uma contradição, corroborando, assim, a possibilidade de alternativas intermediárias se desenvolverem e oferecerem soluções.

Maingueneau (2005), por outro lado, considerando a polêmica como fenômeno discursivo de interincompreensão, admite que ela necessita de um espaço discursivo com dois polos, de modo que estes proliferem discursos em confrontação que existem em função de seu outro, ao passo que se delimitam mutuamente. Essa inter-relação dos dois polos corrobora a negação do discurso do outro como efeito único num discurso primeiro, resultando na afirmação de que a incompreensão é a própria condição da polêmica (MAINGUENEAU, 2005).

A concepção teórica adotada pela linguista Amossy (2017) se mostra próxima à concepção de Dascal (2008), que afirma que na polêmica pode haver um alargamento de escopo, ao mostrar que há possibilidades de soluções em suas interações com a “desdicotomização”, e da ideia de Maingueneau (1983), que defende que as respostas opostas a outras se inscrevem, de alguma maneira, num sistema, fazendo com que a polêmica tenha como aspecto intrínseco a dicotomização insuperável. Dessa forma, ela deixa em aberto se, em termos finais, a polêmica corresponde à bruta antagonização de discursos ou se ela pode, em alguns casos, levar a concordâncias. Contudo, para a análise, esta deve ser *in loco*, tomando o cuidado, nos termos da autora, para não enquadrar essa questão como um traço definidor da polêmica. Assim, é mais pertinente encarar a polêmica como um modo de gestão verbal que, ao se diferenciar de outras ordinárias, tende sistematicamente para uma dicotomização que dificulta a busca de acordos entre os seus adversários (AMOSSY, 2017).

A polarização ou divisão social, mais detalhadamente, refere-se a uma ideia não puramente de ordem conceitual, mas social, segundo Amossy (2017), tendo em vista que a retórica dessa divisão social é a de estabelecer campos inimigos e a de recrutar indivíduos que compartilham de uma mesma identidade, sendo solidários a um dado grupo que se mobiliza em

---

<sup>24</sup> Dascal (2008) não ignora a força bruta da dicotomização nas interações conflituosas. Para o autor, a dicotomização radicaliza uma polaridade, acentua a incompatibilidade entre polos e faz inexistir alternativas intermediárias.

favor da tese que o reforça (AMOSSY, 2017). Encarada como o efeito da diferenciação entre atores e actantes, a analista da argumentação pontua que a polarização social pode se fundar não apenas em divergências em massa, mas também os actantes Proponente e Oponente, quando se fundam em argumentos diferentes, não participam necessariamente do mesmo grupo social e podem defender ideologias diferentes, ainda para Amossy (2017).

Recorrentemente, esses dois lados actanciais não chegam a se encontrar em situações particulares, e eles se posicionam conforme seus princípios de raciocínio, que são de diferentes ordens<sup>25</sup>. Inclusive, em termos de diferenciação entre ator e actante, Amossy (2017) chama atenção ao fato de que, no nível da enunciação, o ator pode, muito bem, mudar de posicionamento, eventualmente, o que não aconteceria no nível actancial, em que o actante estabelece a posição ora de Proponente ora de Oponente. Portanto, estes últimos não estabelecem um modelo flexível em que as diferenças podem ser amenizadas.

Ainda para Amossy (2017), a polarização tem por função sustentar identidades pré-formadas, tais como esquerda/direita e laicos/religiosos, por exemplo; mas ela “não segue necessariamente linhas de divisão preexistentes e pode reconfigurar os grupos em torno de bandeiras que clamam ao agrupamento” (AMOSSY, 2017, p. 56), isto é, a polarização tem o poder de não apenas confirmar grupos opostos já existentes, mas de reconfigurá-los em consideração à sua diversidade, verificada recorrentemente pela variedade das teses oponentes. Um exemplo é a verificação de concordâncias entre actantes numa interação polêmica, o que nos faz refletir que a polarização não se direciona diretamente à oposição de pessoas e de grupos, mas, também, a de congruência de sujeitos que se encaixam ora num grupo ora noutro, confirmando o reagrupamento de sujeitos pensantes em conjuntos ideológicos que se opõem a outros na sociedade.

Portanto, é tomando pela força das ideologias e das visões de mundo diversas que se apresentam na sociedade que podemos entender um movimento duplo da polarização, ou seja, sustentar grupos identitários opostos e consolidá-los num jogo ultrajante no qual os dois se inscrevem (AMOSSY, 2017). Com base nas afirmativas da autora, percebemos a força que as ideologias e as visões de mundo circulam até o ponto de se chocarem com outras, seja para levantar adeptos ou para colidir virulentamente. O que percebemos, devido ao caráter temático desta pesquisa, é que, dentre essas máximas, destaca-se uma: a indissociação entre as ideologias nas conversações públicas. Não importa se esses valores defendidos pelos sujeitos pertencem a um lado A ou B, ou se correspondem a uma maioria ou a uma minoria social; a estrutura actancial na polêmica pública permite, em sua essência, a guarda dos argumentos dos Proponentes e

---

<sup>25</sup> Como por exemplo ordens dogmáticas ou nacionalistas.

dos Oponentes, os quais compartilham das mesmas finalidades, a saber, apresentar suas teses, refutar aquelas que lhes são opostas e convocar adeptos, a partir do trabalho de persuasão.

Por fim, a desqualificação do adversário, que marca o ataque a um alvo a ser desacreditado ou em face de sua tese ou de sua própria imagem civil e de seu grupo, aponta para o caráter responsivo da polêmica, que “[enfraquece] os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação de propósitos” (AMOSSY, 2017, p. 59). Toda essa gama de artifícios desqualificadores que são utilizados pelos actantes pressupõe uma erudição por parte do auditório para que sejam percebidos os contradiscursos em conflito, que, neste caso, podem ser detectados pelo próprio saber contextual, e, em outros casos, por marcas alusivas, pelas marcas linguísticas que reportam determinado discurso, entre outras pistas que se mostram no discurso (aquele que ataca e aquele que é atacado), que devem ser reconhecidas pelo Terceiro para que a polêmica seja reconhecida como tal, segundo Amossy (2017).

A depreciação e até a tentativa de diabolização<sup>26</sup>, nos casos mais extremos dos confrontos verbais públicos, do argumento do outro ou de sua própria pessoa (o argumento *ad hominem*), também é outro ponto proeminente nas análises de Amossy (2017). A polêmica pública, sobretudo nos espaços midiáticos, permite em seu seio a violência verbal, aqui, “autorizada pela polarização social e pela confrontação de posições dicotômicas de contextos socio-discursivos, institucionais e culturais: ela autoriza o desenrolar da confrontação no espaço público” (AMOSSY, 2017, p. 61). Ela se trata, pois, de um tom discursivo da modalidade argumentativa, complementando-a conforme preenche funções importantes na regulação dos confrontos verbais. Assim, quando vem à tona uma exacerbação de ataques violentos ora direcionados ao dizer do Oponente ora à sua própria pessoa, ela se limita à sua modalidade verbal, não possibilitando que os adversários, já polarizados em seus grupos, recorram à violência física, por já estarem propondo suas teses e contrateses no jogo conflituoso polêmico. A violência verbal ocupa, pois, um caminho para os momentos em que o Proponente deseja desqualificar o seu adversário, e é importante mostrar qual é o seu real lugar na interação polêmica.

A polêmica, nesse sentido, como modalidade argumentativa que resguarda a oposição bruta entre teses, a divisão social e o descrédito do adversário, demarca um debate virulento, nos termos de Amossy (2017). Frequentemente atribuído ao adjetivo virulento, o lugar da violência verbal e das emoções (o *pathos*) no escopo da polêmica são pertinentes nas suas

---

<sup>26</sup> Amossy (2017) atribui a essa tentativa uma forma extrema da polarização, e que, embora seja reprovada pela moral, pela desumanização e pela exclusão radical do outro encarado como uma praga, pode-se encontrar nesse extremismo funções sociais, as quais foram consideradas por estudos sobre os movimentos sociais.

ocorrências e precisam de algumas elucidações, pois é pela profunda subjetividade dos interlocutores com aquilo que eles enunciam, tal como Orecchioni (1980) afirma, que a violência e a paixão não se fazem constitutivos da polêmica, isto é, “a violência e a paixão não são os fundamentos da polêmica, a qual se define, antes de tudo, por sua ancoragem no conflito, por sua tendência à dicotomização e à polarização e por seu desejo de desqualificar o outro” (AMOSSY, 2017, p. 61). Sobre o *pathos*, Amossy (2017, p. 63) afirma que “uma grande implicação da polêmica pode acontecer sem um recurso marcado pela emoção, quer se trate de afetos expressos pelo locutor, quer se trate de sentimentos que este pretende suscitar no público”.

A violência verbal e o *pathos* estão mais ligados ao tom da enunciação que ambos confirmam seu estatuto de registros discursivos, não devendo ser encarados como modalidades argumentativas, já que estas remontam a um quadro comunicacional maior, por se constituírem nos modos de encenação comunicativa e nos efeitos de seu projeto de persuasão. Explanamos a diferenciação entre modalidade argumentativa e registro discursivo no capítulo 2, subcapítulo 2.2.

Ao falar de discurso agressivo, Amossy (2017) atribui ao termo a denominação metafórica *discussões inflamadas*, utilizada na linguagem corrente para denominar as interações hostis e agressivas das discussões, especialmente/principalmente no âmbito virtual. Amossy (2017) mostra uma visão da ciência que se tinha dessa natureza de discussões ao afirmar que “tem sido geralmente percebida como um componente verbal desregulado libertado de qualquer inibição que tende a emergir nas interações face a face eletrônicas e que compreende injúrias, insultos e linguagem ultrajante” (AMOSSY, 2017, p. 174). Entretanto, as tentativas sistemáticas de definir este conceito abrem espaço para elucidações que novas pesquisas na área permitem fazer, a saber, a pesquisa de O’Sullivan, Andrew e Flanagan (2012) que diz que as discussões inflamadas e violentas não ocorrem exclusivamente no lugar on-line, elas também são encontradas em outros âmbitos de discussão<sup>27</sup>, por serem tributárias não apenas desse tipo de comunicação, mas também por se relacionarem a um contexto político, cultural e religioso. Assim, as discussões agressivas têm por pauta conflitos exteriores à internet, e que se desenvolvem no espaço virtual, segundo Kayani (1998).

A disputa de teses no espaço público digital faz parecer ser uma disputa pessoal, nos momentos em que os actantes se engajam ao se posicionarem sobre assuntos que lhes são atrativos. Amossy (2017) alega ser a conversacionalização, na acepção de Fairclough (1992)<sup>28</sup>,

<sup>27</sup> Exemplificamos outros lugares que abarcam interações hostis: reuniões parlamentares, debates políticos e públicos em protestos etc.

<sup>28</sup> No sentido da extensão do gênero conversação para outras situações discursivas (FAIRCLOUGH, 1992).

a razão para o feitiço particular dessas interações: “mesmo que o escrito seja não síncrono, o debate ganha, então, a forma de uma interação cotidiana entre particulares, frequentemente (mesmo que não necessariamente) marcada pelo fenômeno da oralização” (AMOSSY, 2017).

A autora também advoga que o aspecto subjetivo também seja um ponto importante para essa aparência pessoal no virtual, quando os interlocutores se entregam em seu empreendimento persuasivo por lutarem por aquilo que eles acreditam e por se voltarem contra seus opostos como se possuíssem laços de convivência. Confirmamos, então, que as plataformas midiáticas e suas ferramentas digitais autorizam e potencializam essa informalidade própria das comunicações mais íntimas nos discursos públicos, uma vez que “os participantes se empenham em uma discussão de forma privada (ela põe em disputa indivíduos) e pública (ela é disponibilizada a todos e trata dos problemas da sociedade)” (AMOSSY, 2017, p. 182).

Portanto, os traços definitórios mais salientes da polêmica aqui explanados subjazem o esforço de Amossy (2017) em inserir esta modalidade argumentativa no seio da retórica, na medida em que, por encarar o dissenso como um fator de democracia, a linguista defende que nele há o apelo ao razoável, ao regulado e, sobretudo, ao democrático. O empreendimento teórico de Amossy (2017) é um esforço teórico e metodológico que busca identificar e reconhecer as funções sociais preenchidas pela polêmica. Ao contrário do senso comum que não reconhece na polêmica as funções identificadas e apontadas por Amossy.

Mais do que defender o modelo de troca verbal conflituoso enquanto aspecto intrínseco às relações democráticas, Amossy, na obra *Apologia da polêmica*, faz jus ao nome de sua obra para estimular a valorização do dissenso, tendo em vista seu caráter onipresente na democracia<sup>29</sup> e positivo para a manutenção das sociedades plurais. Uma explicação para a forte presença e persistência do conflito nos diversos meios onde os discursos circulam é a oposição de ideologias que se mostram resultantes das formações de distintos grupos que compartilham de um certo projeto de sociedade. Tais causas promovem a identificação entre sujeitos sociais, a partir da defesa de seus pontos de vistas.

Para sermos específicos, os posicionamentos contra os discursos polêmicos advêm de várias ordens, sejam aquelas que parecem inibir o poder de a modalidade argumentativa possuir funções sociais, sejam aquelas que julgam ela ser um emaranhado de falas violentas e desenfreadas, impossibilitando a coexistência no dissenso, além de vários outros julgamentos nutridos pelo senso comum, que insinua que o conflito seja um fator danoso para a democracia. Falando em violência verbal, talvez por ela ser um traço bastante recorrente nos discursos

---

<sup>29</sup> Segundo a cientista Chantal Mouffe, ao defender a polêmica como um “pluralismo agonístico” e que este é uma das condições de existência da democracia (AMOSSY, 2014).

polêmicos dos mais variados tipos, não deve ser encarada como constitutiva à polêmica, embora permita o tom agressivo em suas ocorrências, e também não se deve confundi-la com uma “fala selvagem”. Para Amossy (2017, p. 65): “[a polêmica] toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo”, ao passo que ela permite que projetos de sociedade se relacionem pelo dissenso.

A descrição da eventual violência verbal nos discursos polêmicos não desconsidera sua infração às normas de civilidade<sup>30</sup>, porém, é importante admitir que ela é regulada e argumentada, ao passo que ela “autoriza o desenrolar da confrontação no espaço público” (AMOSSY, 2017, p. 61), nos momentos em que ela é acompanhada pela forte confrontação de teses de actantes altamente engajados em seus empreendimentos persuasivos. Ademais, a argumentação não é esvaziada se estiver presente nela um registro discursivo violento. A manifestação de teses que apelam para o violento também não representa um declínio de um raciocínio lógico válido. A polêmica e a violência podem coexistir e essa relação permite que as discussões inflamadas não caiam na agressividade física e que se mantenham no enquadre contextual da polêmica como modalidade argumentativa pertencente ao conflitual, segundo Amossy (2017).

Referente a essa opinião distorcida do senso comum, é necessário abrir um parêntese: é por entender a permanência dos vários posicionamentos contrários à polêmica, considerando aquelas já mencionadas, que Amossy (2014) convoca pressupostos de outras áreas do saber, tais como a Sociologia e a Ciência Política, para situá-la num patamar determinante capaz de contribuir para o bem viver em sociedade. Por exemplo, para o sociólogo Lewis Coser, o dissenso é necessário para as relações sociais, “na medida em que permite expressar a dissidência nas situações de opressão” (AMOSSY, 2014, p. 34)<sup>31</sup>. Outra abordagem seguida pela linguista para reconhecer o lugar do dissenso na esfera pública é a de Pierre-André Taguieff e Kendall Phillips, que propõem transpor, respectivamente, a nova retórica e a tradição retórica americana, pelo reconhecimento de que o conflito constitui e sustenta as interações políticas e públicas e de que a cultura do consenso acarreta graves problemas sociais, como por exemplo o apagamento das diferenças constitutivas das comunidades (MACEDO, 2018).

Trata-se, aqui, de, pelo menos, pôr em equilíbrio tanto as interações consensuais quanto as interações dissensuais, ambas sendo responsáveis por firmarem os grupos identitários

---

<sup>30</sup> Para Amossy (2017, p. 214), além de a violência permanecer nas ocorrências comunicativas e de estabelecer suas funções, ela “se desenvolve conforme as regras autorizadas pelos enquadres discursivos dos quais participa e cumpre nelas as funções mencionadas de luta, de protesto ou de reunião”. Sobre essa asserção, defendemos que haveria enquadres também sociais (pensando numa perspectiva mais ampla), por reconhecermos a relativização do que seja encarado como violento para cada organização social.

<sup>31</sup> Assim como defende a lógica marxista, que vê no dissenso um fator importante para a evolução e para a revolução social (MACEDO, 2018).

em seus respectivos blocos. Entretanto, esforços são necessários para o empreendimento de busca da revalorização do dissenso a qual Amossy (2014) se propõe, recuperando toda uma gama de teóricos que já se debruçaram sobre o fenômeno. Assim, Amossy (2014) defende uma retórica do dissenso, “na qual a polêmica deve ter lugar de destaque” (AMOSSY, 2014, p. 39). Como mencionado, a tradição vigente que deslegitima o desacordo entre indivíduos em interação, como se essa prática fosse abominável e algo a ser sempre evitado, é desconstruída por Amossy (2017).

Agora pensemos na polêmica relacionada a diversos fenômenos sociodiscursivos presentes na realidade dos sujeitos sociais quando eles argumentam na *web*, a saber as bolhas filtradas, a desinformação, as *fake news* e a pós-verdade.

### **2.3 A era da pós-verdade em face dos discursos on-line na contemporaneidade**

A emergência atual de novas formas de interação mediadas pelas tecnologias de informação, mais dinâmicas e com maior capacidade de difusão, propiciou o surgimento de espaços em que cidadãos, anônimos ou não, possam se posicionar frente aos temas de interesse público. O acesso cada vez mais crescente ao mundo digital, não obstante, permitiu também que se democratizasse a produção de informação, de modo que, junto a isso, manifestam-se interações conflituosas, típicas das polêmicas em espaço público. Seria ingênuo julgar que a abundância de interações polêmicas, parte das quais bastante violentas, se deve à possibilidade de registro e posicionamento de pessoas sem aptidão para o debate sério, logicamente regrado – além de redutora, essa visão é preconceituosa.

Uma série de fenômenos sociais contribui para a recorrência da polêmica no espaço digital, dentre os quais destacamos a atual era da pós-verdade, os mecanismos de filtragem de informações, a desinformação, a ação de *haters* e a disseminação de *fake news*. O acesso abrupto da população às mídias digitais, nesse sentido, pode nos fazer questionar até que ponto tal avanço constitui o que chamamos de democratização, ou se há, em certos graus, efeito de democratização.

Considerando as condições técnicas e sociais que atuam em torno da experiência de uso dos internautas nas redes, podemos citar o grande mecanismo de filtragem de conteúdos, que emerge subjacente às mídias digitais e às plataformas de busca on-line, que é o caso do funcionamento dos algoritmos, que Mansera (2015 *apud* SANTAELLA 2019, p. 14) chama de “o grande olho da rede”.

Tudo o que você gosta de ver e ouvir em serviços de *streaming*, quem você curte nas redes sociais, o que você compra nas lojas *online*, o que você joga no seu videogame, suas viagens, seus desejos, suas conversas por email ou mesmo no whatsapp; tudo isso está sendo monitorado 24h pelo grande olho da rede. Essa grande máquina social invisível, fruto da enorme personalização dos ambientes *online*, usa todos os dados coletados da sua vida digital para te oferecer tudo aquilo que ela considera relevante para você (...) (MANSERA, 2015 *apud* SANTAELLA 2019, p. 14).

Mansera (2015) explica que o que nós experienciamos na internet é reflexo da exaustiva monitoração das plataformas digitais a que somos sujeitos. Desde uma simples busca no *Google* até a própria composição de nossos perfis nas redes sociais são estímulos para esse controle 24h de nossos passos nas redes<sup>32</sup>. Santaella (2019) designa essa inspeção dos algoritmos como um “estranho voyerismo que não serve apenas a interesses sexuais, mas, sobretudo, a interesses políticos e mercadológicos” (SANTAELLA, 2019, p. 14).

A teórica reforça, ainda, uma noção que advém desse estado de coisas on-line: as bolhas filtradas. Segundo Pariser (2011 *apud* SASTRE *et al.*, 2018), as bolhas filtradas dizem respeito à ação dos algoritmos que filtram o ambiente virtual, influenciando e direcionando o acesso de conteúdo baseado na própria experiência de uso do internauta. Santaella (2019) pontua que, se o usuário das redes tem seu perfil desenhado pelos algoritmos, ele não verá nada mais do que determinados conteúdos que se alinham ao seu perfil (o que a ciência também chama de “câmaras de eco”). Santaella (2019), com base em Pariser (2011), considera esse quadro como um problema, pois

O pior prejuízo para o nível pessoal, reverberando no nível coletivo, segundo Pariser, consiste no fechamento que as bolhas filtradas promovem contra novas ideias, assuntos e informações importantes. No nível coletivo, os filtros são formas de manipulação que colocam o usuário mal informado, sobretudo a serviço de interesses políticos escusos (SANTAELLA, 2019, p. 15).

O paradoxo de o internauta estar imerso na própria bolha, espelho de seu perfil de experiência na *web*, pode justificar suas interações nas mídias sociais sobre assuntos diversos, inclusive aqueles de cunho polêmico, que movimentam o fluxo de interações das grandes mídias digitais. Ao se deparar com uma questão polêmica numa postagem da rede social *Facebook*, por exemplo, o indivíduo opinará sobre aquilo que ele acredita, mas nesse âmbito, especificamente, ele reproduzirá discursos embasados numa gama de conteúdos ideológicos presentes como algoritmos nas suas redes, a qual o permitiu adotar os seus respectivos posicionamentos.

---

<sup>32</sup> Dada a citação anterior, frisamos que, atualmente, o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp adere, em sua política de privacidade, à criptografia, ou seja, ao sigilo total de informações trocadas pelos usuários do aplicativo.

Esse sujeito, muito provavelmente, não dará a mesma importância às opiniões contrárias de seus interactantes do que àquelas às quais ele adere, pois ele está imerso num lugar onde a quase unanimidade é de sujeitos que pensam e apresentam teses tais como a sua, por compartilharem da mesma bolha. Estamos tratando de um sujeito influenciado ideologicamente, que, dificilmente, abdicará do que ele acredita. A polarização social, dessa maneira, será fortalecida, pois os grupos opostos se distanciam mais bruscamente quando seus integrantes não estão abertos ao diálogo.

Santaella (2019) diz que, no mundo das redes, é mais fácil aceitar as informações que confirmam as nossas crenças do que rejeitar aquelas que as contradizem, ainda quando pensamos que os sujeitos podem ser fortemente influenciados. No entanto, acrescentamos, aqui, que, além de os internautas mirarem para ideologias compartilhadas em suas interações, eles, ainda, estão sujeitos à dicotomização e se esforçam para refutar perspectivas contrárias às deles, que é o caso da desqualificação do adversário, típica da polêmica.

Não há atenção para as visões e as contribuições do outro na interação, uma vez que as bolhas impedem que o indivíduo seja empático<sup>33</sup>. Esse problema das bolhas filtradas, como aponta Santaella (2019), precede a internet, uma vez que “mesmo que os algoritmos fossem eliminados (o que é impossível), as pessoas ainda tenderiam a criar suas próprias bolhas de filtro como garantia de aproximação de pessoas que funcionam como espelhos de suas crenças (...)”<sup>34</sup> (SANTAELLA, 2019, p. 19). Ora, a alienação encontra solo fértil para pessoas que não têm perspectiva de receber o diferente, por mais que ele seja distante, e esse tipo de interação não ocorre apenas na internet. Prova disso são os debates em reuniões e plenárias que são constituídas por sujeitos que, habituados a determinadas posições ideológicas, ignoram a polarização e persistem com suas teses, fazendo suscitar escândalos pela dicotomização de ideias.

A bolha filtrada se trata de um aspecto atinente aos discursos polêmicos (e acrescentamos, aqui, precedente, porquanto os discursos também fundem bolhas) e ao fenômeno discursivo como um todo, uma vez que ela é a fonte da maneira como os internautas discursam nas redes, conseqüentemente, ocasionando tensões entre eles (os sujeitos entre si, já integrados às suas bolhas, defendem o que veem, corroborando as suas percepções limitadas). Fato é que, por mais que a bolha<sup>35</sup> direcione os sujeitos a presenciarem um espelho de seu perfil, isto é,

<sup>33</sup> Em linhas gerais, Schreder (2018) apresenta três modos de furar as bolhas: a) conheça seus vizinhos nas redes; b) mantenha uma dieta midiática equilibrada, e c) navegue pelo *feed* de outras pessoas.

<sup>34</sup> Neste caso, vemos a atuação da interpelação ideológica, que faz os indivíduos se agremiarem em conformidade com aquilo que os representa e com o que se identificam.

<sup>35</sup> Percebemos, pela leitura do artigo, que a literatura acerca desse tema é vasta, e, como a natureza desta pesquisa é de orientação textual e discursiva, não compete a ela articular discussões mais profundas acerca das configurações de atuação dos algoritmos no mundo das redes.

conteúdos coniventes com suas ideologias, ainda assim, ele terá vista de outros conteúdos que não se alinham ao seu espelho, pois há espaço para a circulação de teses que se contrariarão às deles, dificultando, desse modo, esforços para a compreensão do outro (o que nos leva à conclusão de que as bolhas atuantes [Proponentes e Oponentes] se chocam na interação e lutam incessantemente pela adesão de um Terceiro).

No entanto, as bolhas filtradas são encaradas como uma ameaça à democracia, uma vez que há impedimentos para que se valide a opinião do outro e se percebam fatos visíveis. Schincariol (2016) questiona se as democracias sobreviverão ao *big data*<sup>36</sup> e à inteligência artificial (estes são considerados como “a tecnologia por trás da bolha”).

Concluímos que as bolhas são como barreiras invisíveis que permitem/contribuem para a alienação do indivíduo, dificultando a sua evolução como indivíduo social, impedindo-o de exercer sua empatia, ao passo que a sua própria visão ocupa destaque maior em detrimento de opiniões diferentes. Para além da dificuldade de o indivíduo crescer para si mesmo, as bolhas dificultam a sua integração em sociedade, acabando por fortalecer os comuns distanciamentos existentes entre grupos ideológicos consolidados. Podemos afirmar, então, que os discursos polêmicos ainda resistem a esse quadro restritivo do mundo das redes. Prova disso são as inúmeras interações que agitam a internet sobre assuntos diversos de interesse público, confirmando o revigoramento da polarização social.

Também não se pode falar de fluxo de informações na *web* sem considerar a atuação e a proliferação de *fake news*, que podem se definir como notícias, boatos, fofocas que são deliberadamente criados para o fim de divulgar informações enganadoras, segundo Santaella (2019). Cada vez mais presentes na circulação de conteúdos das redes, principalmente daqueles conteúdos concernentes a assuntos políticos, as notícias falsas e as bolhas filtradas não são excludentes entre si. Elas se aliam para deixar a experiência virtual dos indivíduos cada vez mais comprometedoras. Para Sastre *et al.* (2018), eventuais *fake news* que seguem o padrão das bolhas poderão ter mais êxito, já que o indivíduo está imerso na sua própria bolha, fazendo com que, assim, ele possa ser facilmente enganado ao acreditar em informações ludibriadoras<sup>37</sup>. Nesse sentido, inúmeros discursos disponíveis ao sujeito podem servir de fonte para seu dizer, numa interação polêmica, de modo que essas bases lhe dão potência enquanto sujeito que se responsabiliza pelo que enuncia.

---

<sup>36</sup> “Um conjunto de dados maior e mais complexo em sua variedade, especialmente de novas fontes de dados.” Disponível em: <https://www.oracle.com/br/big-data/what-is-big-data/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

<sup>37</sup> Pontuamos que nem sempre ocorre engano. Pode ocorrer identificação com a tese, ou mesmo identificação com a desqualificação de um outro, independentemente de quão incoerente possa ser o conteúdo da informação.

As noções aqui discutidas compõem o grande quadro do mundo das redes. Chegamos a um conceito maior, o de pós-verdade, que acreditamos integrar parte considerável dos aspectos tecnológicos e sociais envolvidos na experiência virtual dos sujeitos na contemporaneidade, principalmente no que concerne às interações conflituosas que se movem pelo dissenso, as quais são um dos principais pontos para se discutir o modo de diálogo entre internautas nas grandes plataformas. De acordo com Cortella (2020), pós-verdade, principalmente na última década, vem sendo reconhecida como a relativização do conceito do que é factual, aquilo que não goza de comprovação científica, mas que parte das convicções dos próprios sujeitos pensantes. A esse ponto convém pontuar que Cortella (2020) chama atenção para a diferença entre pós-verdade e mentira. Esta marca uma falsificação da factualidade, que se dá intencionalmente, enquanto aquela é uma crença que se faz válida, ainda que não tenha correspondência com a realidade ou com a ciência. Santaella (2019), por sua vez, desenvolve a discussão dando lugar de destaque aos aspectos já discutidos aqui, a saber, as bolhas filtradas e o poder dos algoritmos na atualidade das redes sociais e das plataformas de busca no mundo das redes.

A era da pós-verdade, no momento em que dá a liberdade para os sujeitos se posicionarem livremente, abre espaços para diversas práticas discursivas polarizadas, que tendem a se chocar como ideologias antitéticas numa arena de lutas. Esse apelo à polêmica se embasa por pelo menos dois actantes que ocupam as posições de Proponente e Oponente e que defendem suas teses ao mesmo tempo em que refutam as teses adversárias, quando se esforçam para convencer não os seus adversários, mas determinado público observador.

A pós-verdade, que, em linhas gerais, trata da relativização da factualidade, mostra que é possível que os actantes pautem toda a sua argumentação em dados falseados (*fake news*), em teorias da conspiração, em silogismos mal elaborados etc. Isso contribui para a manutenção da dicotomização, visto que uma retórica clássica (logicamente regrada, por exemplo) não precisaria ser condição *sine qua non* para a adesão do Terceiro, visto que o Terceiro pode ser convencido por “mentiras”, por dados sem comprovação. A força da pós-verdade, hoje, nas interações conflituosas em espaços públicos, faz-nos refletir que a imunização vacinal é um tema polêmico, mesmo com a atuação do conhecimento científico em trazer dados confiáveis. É desse modo que, pela existência da pós-verdade, o conhecimento científico é, inclusive, tornado nulo em numerosas conversações polêmicas.

De fato, muito se tem a discutir sobre esse aspecto amplo, como a ideia de desinformação, de discurso de ódio (comportamento *hater*) e de cultura do cancelamento, por exemplo. Esses elementos se imbricam na discursividade do mundo das redes, principalmente no que se refere à estratégia argumentativa de descrédito do outro (AMOSSY, 2017). Tais elementos

também se relacionam com os discursos nas redes pelo fato de que a factualidade já não tem o mesmo grau de importância para alimentar as postagens e os comentários dos internautas, os quais, muitas vezes, se escondem por trás de telas e de perfis falsos para difamar seus parceiros de conversação, contribuindo para uma desresponsabilização de seus atos, por meio de uma despersonalização. Por outro lado, insistimos que esse jogo discursivo entre actantes corrobora a democratização das distintas vozes que estão em busca de seu lugar na opinião pública, por admitirmos, com Amossy (2017), que a violência verbal se faz funcional na polêmica, uma vez que ela permite que a interação prossiga nos espaços públicos, sem ser necessário recorrer-se à violência física.

Os aspectos trabalhados nesta seção, como a argumentação polêmica, a democracia e o mundo das redes são atuantes no grande curso de conversações conflituosas nas redes sociais e nos diversos textos monogeridos postados em plataformas on-line de jornais. A seguir, na seção que trata da metodologia desta pesquisa, detalhamos os principais movimentos metodológicos necessários para atingirmos os nossos objetivos de pesquisa.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, traçamos as principais decisões metodológicas para esta pesquisa, bem como descrevemos o percurso das ações empreendidas, sob o intuito de alcançarmos os objetivos aqui apresentados. Em um primeiro momento, abordamos a caracterização da pesquisa. Por conseguinte, a delimitação do universo e da amostra e, logo após, o procedimento de coleta de dados, bem como as decorrentes etapas metodológicas.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

No intuito de compreender como a argumentação polêmica sobre a vacinação e a imunização contra a COVID-19 se comporta na rede social *Facebook*, nossa proposta de investigação é de natureza hipotético-dedutiva, tendo em vista a retomada das pesquisas mostradas anteriormente, seja para confirmá-las como congruentes a esta pesquisa ou como ábditas a ela, e, neste último caso, reafirmar nosso lugar metodológico de estudo perante o objeto. Nosso empreendimento metodológico de pesquisa é de cunho interdisciplinar, ao passo que é de nossa ambição investigarmos a constituição da modalidade argumentativa polêmica aliada aos gêneros textuais notícia e artigo de opinião, além de lançarmos mão de apontamentos atinentes a fenômenos sociais presentes no mundo das redes.

Essa consonância teórica refere-se a aproveitamentos de noções de teorias que se imbricam coerentemente para a análise da argumentatividade, de acordo com Charaudeau (2010), que defende a viabilidade da retomada de noções propostas de uma disciplina por outra, desde que redimensionadas no âmbito dos pressupostos desta, sob o intuito de que se apliquem coerentemente seus critérios analíticos<sup>38</sup>. Essa relação entre argumentação e texto se faz profícuca, a nosso ver, para a descrição, a análise e a discussão de interações polêmicas, lançando mão de uma discussão também social, tendo em vista essa proeminência que Amossy (2017) assume em sua abordagem teórica.

Os discursos polêmicos disseminados em *sites* e na plataforma *Facebook* são o principal material empírico aqui a ser analisado. Desse modo, como principal referência de estudo, temos Amossy (2019), que versa sobre o fenômeno polêmica na sua TAD; e as reflexões de Macedo (2018), Cavalcante e Macedo (2019), Silva (2020) e Oliveira (2020) numa perspectiva nacional que se embasam num diálogo interdisciplinar entre a TAD e a LT, por considerarem

---

<sup>38</sup> Desse modo, a Linguística Textual não se vale de empréstimos teóricos, mas, sim, de aproveitamentos para suas escolhas metodológicas, bem como sua investigação de como a argumentação ocorre por meio de textos.

o texto como a realização concreta da argumentatividade nos mais diversos gêneros e nas mais diversas situações discursivas, seja aquela de base consensual ou dissensível.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que, de acordo com Severino (2007), é uma abordagem que abrange os domínios da natureza humana, de maneira a observar as subjetividades, as individualidades e as especificidades do sujeito ou de uma comunidade. Tal como se situa nesta pesquisa, são trazidas à tona variáveis que buscam entender determinadas práticas sociais, partindo de análises, comparações e discussões, com base em dados reais das práticas linguageiras validadas por sujeitos democráticos. Ainda, tal como afirma Dieb (2004), a abordagem qualitativa de pesquisa prioriza o ponto de vista dos atores sociais como o seu principal objeto de estudo, afirmação essa que vai ao encontro de nosso empreendimento científico, que consiste na análise do que a sociedade, em seu pleno direito de tomada de opinião, diz sobre assuntos polêmicos que circulam na mídia.

No que se refere aos objetivos, esta pesquisa é do tipo descritiva, pois pretendemos descrever os aspectos concernentes ao fenômeno da polêmica e aos fenômenos atuantes na organização textual dos internautas sobre assuntos públicos, especificamente sobre a vacinação durante a pandemia, bem como a decorrente imunização em massa. O objetivo deste estudo também é de cunho explicativo, ao passo que visa, segundo Gil (2007), a identificar os fatores que determinam ou que contribuem para o acontecimento dos fenômenos. Esses dois objetivos são contíguos para esta pesquisa, visto que, como aponta ainda Gil (2007), após a descrição e o detalhamento dos fenômenos investigados, é que se podem identificar os fatores que os constituem.

Com base nessa proposta, temos como procedimento de pesquisa o bibliográfico, na medida em que produziremos novas ideias concernentes à análise do *corpus* aqui em estudo, de modo a possibilitar a continuidade dos estudos científicos acerca dos discursos conflituosos na internet, bem como servir de contribuição social científica.

Acreditamos que faremos jus à diferente roupagem da polêmica que Amossy (2017) postula, dessa vez, considerando seu caráter direcionado ao mundo das redes, fato que pode ser atestado na alta reverberação do fenômeno neste âmbito. Essa constatação reflete na estruturação dos nossos objetivos específicos, que são analisar como a dicotomização de teses se constrói e se reformula na interação polêmica no âmbito virtual *Facebook*, por meio de um inventário das principais tomadas de posicionamento de cada grupo polarizado; investigar a instauração dos discursos conflituosos tendo como propósito a identificação dos usuários da rede social que se valem dos gêneros discursivos nas suas manifestações discursivas, e discutir os

determinantes sociais que atuam no contexto de discursivização dos polemizadores na *web* em função da estratégia de argumentação descrédito do adversário.

### 3.2 Delimitação do universo e da amostra

Neste empreendimento metodológico, adotamos a concepção de polêmica de Amossy (2017), que a trata como fenômeno discursivo conflituoso regulado, dotado de funcionalidades sociais. Procuramos dar uma diferente orientação de ambiente para as análises das ocorrências discursivas polêmicas, as quais, nesta pesquisa, considera como seu espaço veementemente conveniente: o cibernético. A essa escolha metodológica, decorre-se a confirmação do pensamento de que a circulação de discursos conflituosos não é exclusiva dos ambientes não virtuais da vida social, como por exemplo as reuniões plenárias e os debates televisivos. Na realidade, o âmbito cibernético se inclui como mais um fator de propulsão de discursos conflitantes, aparentemente mais forte do que os lugares não digitais, tendo em vista a sua expressiva presença na realidade brasileira na contemporaneidade, que pode ser comprovada pelo crescente uso da internet pela população brasileira na última década<sup>39</sup>.

Algumas considerações sobre o ambiente cibernético *Facebook* precisam ser levantadas, devido à sua importância na reflexão sobre o lugar desta mídia no imaginário de sujeitos pensantes, como espaço para deixarem suas visões de mundo. De início, é preciso constatar que o *Facebook* é a rede social mais utilizada em todo o planeta, contabilizando 2,65 bilhões de usuários ativos por mês, segundo uma pesquisa realizada pela empresa especializada em dados de mercado e consumidores Statista<sup>40</sup>. No Brasil, o número de brasileiros ativos nesta mídia chega a 130 milhões, ocupando o terceiro lugar no *ranking* mundial, ficando atrás da Índia, que contém mais de 300 milhões de inscritos, e dos Estados Unidos da América, com cerca de 210 milhões<sup>41</sup>.

No que se refere à amostra, selecionamos três interações polêmicas em comentários de postagens de sete portais de notícia do *Facebook*, ideologicamente polarizados: de um lado, portais de notícia corporativos, como Estadão e G1 – Portal de Notícias da Globo, e de outro, *The Intercept Brasil* e Mídia Ninja (mais alinhados ao espectro político de esquerda), e ainda

<sup>39</sup> Segundo uma pesquisa da TIC Domicílios, três em cada quatro brasileiros já utilizam a *Internet*. O Brasil conta com 134 milhões de usuários de *Internet*, o que representa 74% da população com 10 anos ou mais. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>. Acesso em: 21 set. 2021.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/facebook/>. Acesso em: 23 set. 2021.

<sup>41</sup> É importante ressaltar que os dois respectivos países que contam com um maior número de cadastrados na rede têm população demográfica maior que a brasileira.

O Antagonista, Poder 360 e Tradutores de Direita (mais alinhados ao espectro político de direita). O período escolhido para a coleta dos dados foi do ano de 2020 até o ano de 2021, tendo em vista as discussões emergentes sobre a pandemia, especificamente aquelas em torno desde as primeiras impressões da população perante a doença, as discussões sobre os métodos preventivos, bem como a vacinação e os trâmites de planejamento de imunização em massa da população pelo governo federal.

Já o critério de escolha dessas páginas de notícias se deu em função dos seus *status* de referência perante as ideologias que elas difundem em suas produções. Outro critério de seleção das páginas se deu devido à sua alta popularidade na mídia *Facebook*, fator que pode nos apresentar uma variedade significativa de interações. De seguidores, o Estadão conta com mais de 11 milhões e 500 mil, e de curtidas, conta com mais de 3 milhões e 636 mil; o G1 – Portal de Notícias da Globo, com mais de 3 milhões e 600 mil na plataforma de seguidores, e 10 milhões e 799 mil considerando suas curtidas. O portal *The Intercept Brasil*, por sua vez, possui aproximadamente 722 mil e 700 seguidores e 634 mil curtidas, enquanto o Mídia Ninja conta com a marca de mais de 2 milhões e 374 mil seguidores, enquanto, de curtidas, conta com os números de 2 milhões e 222 mil. No espectro político de direita, o portal Poder 360 possui um número aproximado de 44 mil e 600 seguidores, e 41 mil curtidas. E, por fim, o Tradutores de Direita, com aproximadamente 243 mil e 100 contando de seus seguidores, e 235 mil curtidas. As informações das respectivas popularidades dos portais de notícia foram sintetizadas no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Síntese dos dados de popularidade das páginas dos portais de notícia no *Facebook*

Portais de notícia	Curtidas <sup>42</sup>	Seguidores <sup>43</sup>
Estadão	3 milhões e 636 mil	11 milhões e 500 mil
G1 – Portal de Notícias da Globo	10 milhões e 799 mil	3 milhões e 600 mil
<i>The Intercept Brasil</i>	634 mil	722 mil e 700
Mídia Ninja	2 milhões e 222 mil	2 milhões e 374 mil
Poder 360	41 mil	44 mil e 600
Tradutores de Direita	235 mil	243 mil e 100

Fonte: Elaboração própria.

<sup>42</sup> Dados de 6 de julho de 2021.

<sup>43</sup> Dados de 6 de julho de 2021.

Além de esses números serem cruciais para nos oferecer as mais diversas ocorrências para a análise, sendo elas das mais diversas conduções argumentativas, a divisão do *corpus* em portais de notícia em espectros divididos refere-se ao próprio distanciamento ideológico entre esses grupos, que é práxis em interações polêmicas. Vemos que tais espectros distantes entre si garantem um isolamento de seus adeptos em espécies de bolhas, as quais se responsabilizam pela dificuldade de os sujeitos estabelecerem um diálogo, de modo que haja pontos de acordo sobre determinada pauta pública.

Em decorrência da consideração de dados provindos de lados ideológicos fortemente opostos, as interações levantadas por esses grupos polarizados nos mostram as diferentes construções referenciais dispostas na interação sobre a vacinação e a imunização para a COVID-19. Esses portais de notícia, na sua maioria, possuem seus *sites*, os quais originam as postagens em suas respectivas páginas na plataforma *Facebook*. A essa interligação de plataformas que compartilham discursos de um mesmo conteúdo temático, seja ele noticioso ou opinativo, Pauveau (2021, p. 30) chama de relacionalidade: “sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e circulação”. Assim, de modo a analisar os discursos pela sua nativização do ambiente tecnológico *Facebook* e dos respectivos *sites* dos jornais, observamos suas particularidades técnicas e discursivas, para apreender as conduções argumentativas on-line em interações conflituosas.

O procedimento de coleta dos dados obedece à utilização de aplicativo de captura de tela e de edição de fotos, com o uso de tinta branca nos nomes dos sujeitos para que as suas identidades sejam preservadas. Quanto à coleta dos textos monogeridos, para além da ferramenta de captura de tela, também fizemos uso da ferramenta de conversão de imagem para texto, de modo que os textos monogeridos fossem melhor visualizados no corpo do trabalho.

Algumas das características da plataforma que são importantes para ressaltar aqui é o conjunto de utilitários tecnológicos que permitem a discursivização na plataforma da mídia *Facebook*. O usuário da rede pode “curtir” a publicação, ou, se preferir, apenas demonstrar suas emoções por meio de *emojis*, que consistem em “amei”, usado para ilustrar uma aclamação do conteúdo da postagem por parte do usuário; “força”, usado nos casos em que se mostra algum conteúdo sensível, ficando ao cargo do internauta mostrar uma empatia perante o conteúdo postado, “haha”, acionado quando se está diante de um conteúdo engraçado/lúdico; “uau”, utilizado para reagir a um assunto que gere algum determinado tipo de surpresa; “triste”, quando o usuário se depara com algum conteúdo comovente; e “raiva”, reação destinada a conteúdos que despertem o sentimento de cólera.

Figura 1 - Reações por *emojis* da mídia *Facebook*



Fonte: *Facebook*.

É importante pontuar que a maioria dos internautas se contentam em apenas deixar sua reação nos respectivos comentários, ilustrando o caráter “sinalizador” da dicotomização que as reações apontam, mesmo que incipientemente, como pode-se perceber, logo abaixo, pelos números baixos de respostas quando comparados com os números das reações. Todavia, consideramos que, de acordo com Brito e Oliveira (2018, p. 138), “as reações demonstram um nível mais alto de engajamento por parte do usuário”, nos momentos em que dedicam um tempo a mais para registrar suas emoções nas postagens, confirmando o papel importante do *pathos* no ato de o internauta reagir e se implicar numa determinada postagem. Tal como se mostra a seguir, este utilitário tem a função de ilustrar, por meio de botões, as diversas reações que o internauta, implicado com a postagem, passaria a revelar.

O usuário também tem a opção de comentar a publicação, inserindo imagens, *links* ou *gifs*, além de seus textos escritos. O internauta também tem a opção de compartilhar a postagem para seus amigos, seja por *chat* ou por postagem. Acreditamos que essas principais ferramentas tecnológicas e discursivas permitem que a experiência do usuário da referida mídia seja ainda mais prática para a sua tomada de posicionamento, ao passo que se mobilizam várias semioses (como *emojis*, figuras animadas e textos escritos) de modo a tornar a interação mais lúdica, dinâmica e atrativa na rede.

### 3.3 Procedimento de coleta de dados

O procedimento de coleta de dados escolhido consiste na documentação indireta, pois o nosso *corpus* selecionado advém de fontes públicas da internet. Os dados se constituem de portais de notícia em sua própria plataforma e também de suas postagens compartilhadas pelas suas respectivas páginas na plataforma *Facebook*. Assim, analisamos textos noticiosos e opinativos nos *sites* dos portais de notícia, e comentários dos internautas nas postagens das páginas. Selecionamos esses dados a partir dos seguintes critérios: aqueles que apresentam uma estrutura polêmica, pela consideração do pressuposto de que há polarização social, pela observação da defesa de teses que se opõem a outras e que desqualificam posicionamentos contrários, seguindo as noções primárias do fenômeno descrito por Amossy (2017); e ainda o segundo

critério, que consiste nos dados que se utilizem de discursos desqualificadores de outros posicionamentos, os quais são movidos pela remissão aos referentes das entidades envolvidas.

Quadro 2 – Informações quantificadas dos textos dos portais de notícia on-line

PORTAIS DE NOTÍCIAS	QUANTIDADES DE TEXTOS		GÊNEROS DOS TEXTOS	
	MONOGERIDOS	POLIGERIDOS	MONOGERIDOS	POLIGERIDOS
ESTADÃO	3	4	Artigos de opinião	Comentários da página
G1 – O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO	2	3	Notícia	Comentários da página
THE INTERCEPT BRASIL	2	3	Notícia	Comentários da página
MÍDIA NINJA	0	2	Notícia	Comentários da página
PODER 360	3	3	Artigos de opinião, Notícia	Comentários da página
TRADUTORES DE DIREITA	1	1	Notícia	Comentários da página

Fonte: Elaboração própria.

Alguns desses portais de notícia, como é o caso do Mídia Ninja e Tradutores de Direita, apenas difundem seus conteúdos via suas páginas na plataforma *Facebook*. Até o momento da coleta dos dados, os portais de notícias supracitados não possuíam página na *web*. É de suma importância ressaltar que esses veículos de informação, difundidos na rede social *Facebook*, tiveram suas interações coletadas por meio de *printscreens*. E, de modo ético, a fim de resguardar a identidade dos internautas, seus nomes e ícones foram ocultados por tarjetas, sendo visíveis, portanto, apenas as iniciais de seus nomes, de modo a facilitar a apreensão das análises.

Com a ambição de alcançar nossos objetivos de análise, seguimos aos procedimentos metodológicos, os quais estão dispostos, aqui, por etapas.

### 3.4 Procedimentos de análise dos dados

Na primeira etapa dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, que se trata da constituição do seu *corpus*, fizemos uma busca das publicações dos portais on-line de notícias

do Brasil que mais apresentem engajamento de interações entre os comentadores, conforme o Quadro 1, no que se refere à temática da vacina e da imunização para a COVID-19 nos anos de 2020 e de 2021. Nesta etapa, mapeamos o número de postagens de cunho conflituoso que são classificados pela plataforma como “mais relevantes”, devido ao seu alto engajamento de interações. Posteriormente ao levantamento, analisamos interações polêmicas que se debruçam em ataques mútuos entre Proponentes e Oponentes.

Entretanto, não são apenas os discursos que se chocam que levantaremos para a mostra da existência da polêmica, mas, também, aqueles que se alinham, pois a polarização social, um dos elementos primários da polêmica, demarca também o acordo entre sujeitos, que se agrupam a outros para defenderem suas teses. Interações concentradas nessa natureza discursiva e nos aspectos textuais concernentes à referenciação, que são mobilizados pelos autores dos textos opinativos e noticiosos e pelos internautas comentadores como estratégia de organização textual para a persuasão, serão suficientes para a análise.

Na segunda etapa dos procedimentos de análise desta pesquisa, que se refere à seleção do material, descrevemos a polarização existente entre os grupos políticos que se embatem, os quais defendem pautas opostas sobre a vacinação e a imunização para a COVID-19. A partir do centro de discussões dos internautas actantes acerca desses dois aspectos, mostrados nos comentários mais relevantes das postagens do *Facebook*, seja a partir de um artigo de opinião ou de uma notícia, pretendemos alcançar os nossos objetivos específicos a partir de blocos respectivos a eles, que ambicionam desvelar os modos como a argumentação polêmica se mostra nos seus respectivos discursos.

O primeiro bloco desta segunda etapa analítica da pesquisa se relaciona com a investigação de como as teses opostas, de cada grupo dividido, se constroem e se reformulam na interação polêmica, tendo em vista a necessidade de inventariar as principais tomadas de posicionamento, que, inclusive, nem sempre correspondem a esforços dos internautas de articularem defesas de teses concretas, quando se fala em conversação no *Facebook*.

O segundo bloco desta segunda etapa de análise da pesquisa se direciona ao nosso segundo objetivo específico, que consiste em investigar a instauração dos discursos conflituosos, tendo como propósito a identificação dos usuários da rede social que se valem dos gêneros discursivos nas suas manifestações discursivas, intuito este fomentado pela segunda etapa dos procedimentos metodológicos deste trabalho, que evidencia as características dos grupos sociais polarizados.

O terceiro bloco desta segunda etapa de análise conduz à ação de discutir as dinâmicas sociais que atuam no contexto de discursivização dos polemizadores na *web* em função

da estratégia de argumentação descrédito do adversário, frequentemente ligada às noções de pós-verdade, de bolhas filtradas e de desinformação. Discutimos esses assuntos caros à sociedade enquanto espaço que resguarda os protestos e as lutas ideológicas mostradas por discursos antagônicos e, por vezes, violentos, democraticamente válidos.

## 4 ANÁLISE DE DISCURSOS POLÊMICOS REFERENTES À VACINAÇÃO E IMUNIZAÇÃO PARA A COVID-19

Iniciamos as análises de textos polêmicos a partir daqueles considerados monogeridos, alocados nos seus respectivos *sites*, e, em seguida, de textos polêmicos poligeridos como resultado daqueles, já compartilhados nas suas respectivas páginas na plataforma *Facebook*. O texto monogerido escolhido para a seguinte análise pertence ao gênero notícia, o qual circula na esfera jornalística, tendo como propósito comunicativo primordial informar ao público fatos de interesse social.

Desse modo, a seguir, exploramos a organização do texto monogerido notícia, a fim de testarmos nossa hipótese de que o referido texto impulsiona a polêmica, ainda que sua estrutura não contenha a defesa de teses que virão a ser dicotômicas numa interação conflituosa.

### 4.1 Análise do texto monogerido notícia e dos textos poligeridos comentários sobre vacinação para as crianças

A seguir, transcrevemos o texto monogerido notícia, publicado no jornal Estadão e também em sua respectiva página do *Facebook*, no dia 15 de dezembro de 2021.

Exemplo 1 – Notícia: “Anvisa vai autorizar vacina da Pfizer contra a covid em crianças de 5 a 11 anos”

#### Saúde

#### **Anvisa vai autorizar vacina da Pfizer contra a covid em crianças de 5 a 11 anos**

Pedido foi feito pela farmacêutica em novembro; imunizante já é aplicado nesta faixa etária nos Estados Unidos

Julia Affonso, O Estado de S.Paulo 15 de dezembro de 2021 16h24

BRASÍLIA - A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) vai autorizar a aplicação da vacina da Pfizer, contra a COVID-19, em crianças de 5 a 11 anos. A área técnica do órgão se reúne publicamente nesta quinta-feira, 16, após terminar a análise do pedido da fabricante, para apresentar relatório sobre a imunização desta faixa etária. Com a liberação, a decisão da Anvisa precisará ser publicada no Diário Oficial da União para passar a valer.



Enfermeira aplica vacina da Pfizer em criança nos Estados Unidos, em novembro deste ano; fabricante solicitou autorização à Anvisa para vacinar crianças de 5 a 11 anos no Brasil Foto: Shawn Rocco/Duke University via Reuters

A Pfizer já tem o registro definitivo da vacina no Brasil. Com a autorização da área técnica da Anvisa, a bula do imunizante será alterada para inclusão das crianças de 5 a 11 anos. O tema não necessitará de aprovação da diretoria colegiada. O início da vacinação depende do Ministério ou das secretarias de Saúde, e cronogramas ainda não foram informados.

Casos graves da COVID-19 entre crianças são menos frequentes, mas o imunizante ajuda a dar proteção mais ampla a essa faixa etária, além de reduzir o risco de que elas se tornem transmissoras do vírus para parentes e professores. A vacina da Pfizer entre os mais novos passou por testes de segurança e eficiência.

A Anvisa recebeu a notificação da agência americana em 12 de novembro. Na ocasião, o laboratório submeteu ao órgão dados e os estudos de segurança para embasar o pedido de vacinação de crianças. Além do corpo técnico da Agência, representantes de sociedades médicas brasileiras também participaram da análise do pedido da fabricante.

Ao pedir autorização, a Pfizer afirmou que a dosagem da vacina para a faixa etária seria ajustada e menor do que aquela aplicada em maiores de 12 anos. A proposta é ter frascos diferentes, com dosagem específica para cada grupo (maiores ou menores de 12 anos). Segundo a empresa, os frascos serão diferenciados pela cor.

O imunizante que será aplicado em crianças de 5 a 11 anos terá duas doses de 10 mcg por unidade. O esquema vacinal para população acima de 12 anos é de 30 mcg". As vacinas para crianças terão "envase com coloração diferente". A tampa e o rótulo serão na cor laranja para facilitar a diferenciação desses para os outros frascos destinados à população adolescente e adulta. As doses aplicadas na população com mais de 12 anos não poderão ser usadas nas crianças.

"A formulação para a população pediátrica (5 a 11 anos) – apesar de ter o mesmo princípio ativo da formulação já utilizada hoje no país para a faixa etária acima de 12 anos de idade, virá num frasco que tem mais doses e apresenta uma estabilidade maior do ponto de vista de armazenamento e temperatura, podendo ficar armazenada por até 10 semanas no regime de 20 a 8° C, atualmente nesse regime de temperatura o máximo é de 31 dias", afirmou a fabricante.

**Governo negocia 40 milhões de doses**

O Ministério da Saúde começou a se preparar para a vacinação de crianças em novembro, antes da autorização da Anvisa. A pasta decidiu se antecipar e negociou com a Pfizer 40 milhões de doses para imunizar a faixa etária de 5 a 11 anos. A entrega dos imunizantes estava condicionada ao aval do órgão.

A vacinação de crianças enfrenta resistência do presidente Jair Bolsonaro e de apoiadores da ala ideológica. No fim de outubro, antes de a Pfizer pedir a inclusão das crianças na bula do imunizante, diretores da Anvisa foram ameaçados de morte por e-mail por um homem do Paraná. A mensagem foi repassada a diferentes órgãos de investigação.

A vacina da Pfizer está registrada no País desde 23 de fevereiro deste ano. Inicialmente, o imunizante foi autorizado para pessoas com mais de 16 anos. Em 11 de junho, a Anvisa liberou a inclusão da faixa etária de 12 a 15 anos.

Em agosto, a agência negou autorização para a aplicação do imunizante Coronavac contra a COVID-19 em crianças e adolescentes de 3 a 17 anos. O pedido havia sido feito pelo Instituto Butantan, produtor da vacina no Brasil. A decisão apontava que os dados apresentados pelo instituto não eram suficientes para comprovar a segurança da vacina no grupo pediátrico. O Butantan anunciou nesta quarta que fez novo pedido para liberar o uso da Coronavac nessa faixa etária.

#### **Produto já foi liberado nos EUA**

A vacina da Pfizer já está liberada nos Estados Unidos para crianças de 5 a 11 anos desde o dia 2 de novembro. Lá, a vacina é aplicada em duas doses com três semanas de intervalo. A dose foi ajustada para um terço por injeção em comparação com a aplicada em adultos e adolescentes. A aprovação da Agência de Medicamentos dos Estados Unidos (FDA), dizem especialistas, pesa favoravelmente para que o mesmo acontecesse no Brasil.

Fonte: [encurtador.com.br/giqFJ](http://encurtador.com.br/giqFJ). Acesso em: 23 dez. 2021.

O conteúdo temático desta notícia avivou a opinião popular entre os cidadãos que apoiam a vacinação de adultos e das crianças e os cidadãos que não apoiam a intervenção médica contra os efeitos mais drásticos do coronavírus. Afirmamos que o planejamento dos órgãos de saúde de iniciarem a imunização de crianças de 5 a 11 anos contra o vírus atingiu o extremo da polarização social nas mídias e nos outros espaços públicos.

As constatações científicas da eficácia da vacina para este novo grupo pareciam não ser suficientes para evitar hesitações de pais, que, em função do contexto contemporâneo e, a partir da consideração de pautas como esta levantada, questionam as informações levantadas pelos estudos científicos, tais como reações adversas à vacina (reações essas que, a longo prazo, se manifestariam no corpo da criança). Esses pais questionam também a pouca segurança da vacina e a segurança maior que produtos naturais detêm, ao passo que oferecem riscos mínimos de crianças se infectarem pelo vírus e de desenvolverem um quadro grave em decorrência da doença, entre outras afirmações que pouco têm embasamento científico quando dispostas nas interações poligeridas no ambiente digital dos comentários na rede social *Facebook*. Vejamos a dinâmica da conversação entre actantes sociais nesse espaço.

Sobre o texto monogerido *notícia* explanado, confirmamos que os principais posicionamentos<sup>44</sup> encontrados na sua organização serão retomados na interação poligerida no espaço dos comentários no *Facebook*. Enquanto isso, na estrutura da notícia, a tese e os argumentos são construídos inferencialmente, uma vez que há uma estrutura argumentativa subjacente a ela. As teses serão recapituladas a seguir, no quadro 3.

Quadro 3 – Tese no texto monogerido notícia

Teses/posicionamento	Fatos
Embora casos graves da COVID-19 entre crianças sejam menos frequentes, o imunizante ajuda a dar proteção mais ampla a esta faixa etária e reduz o risco de que crianças se tornem transmissores do vírus a parentes e professores.	1) A aplicação de vacinas e imunizantes para crianças já foi autorizada por órgãos internacionais, fator que influencia na emite aprovação da imunização no Brasil por parte da Anvisa. 2) “A vacinação de crianças enfrenta resistência do presidente Jair Bolsonaro e de apoiadores da ala ideológica”.

Fonte: Elaboração própria.

Embora o texto noticiário seja expositivo, ele permite ao leitor uma inferenciação argumentativa, e é essa nova interpretação que veremos na análise da interação poligerida a partir do compartilhamento da notícia via postagem no *Facebook*. Assim, é importante pontuar que as contrateses no texto notícia são pressupostas (elas podem ser inferidas a nível do interdiscurso), mas que irão surgir eventualmente nas interações poligeridas. É importante pontuar que o texto notícia é organizado majoritariamente pela explanação de dados, e não de teses e argumentos. E, por ser um texto eminentemente expositivo, não se encontram proposições na estrutura de argumentos em sua construção.

Estamos diante de um texto cuja proporção é polêmica, mas seu registro discursivo atende à demonstração de dados (não vemos a defesa de nenhum argumento ou tese, na verdade, o que são circulados são apenas dados). A situação discursiva atinente ao texto condiz à propagação de notícias que atentam para atualizar a população brasileira sobre os avanços do planejamento de vacinação para a nova faixa etária. A posição de interlocutores que virão a ser Proponentes ou Oponentes da tese inferida pela notícia se mostrará na interação poligerida, a partir da referida notícia, que servirá de estímulo para polêmicas.

Como dito acima, o gênero discursivo notícia, pelo seu propósito informativo, não propaga teses e/ou argumentos, e, sim, aponta para uma pretensão de propagação de dados, os

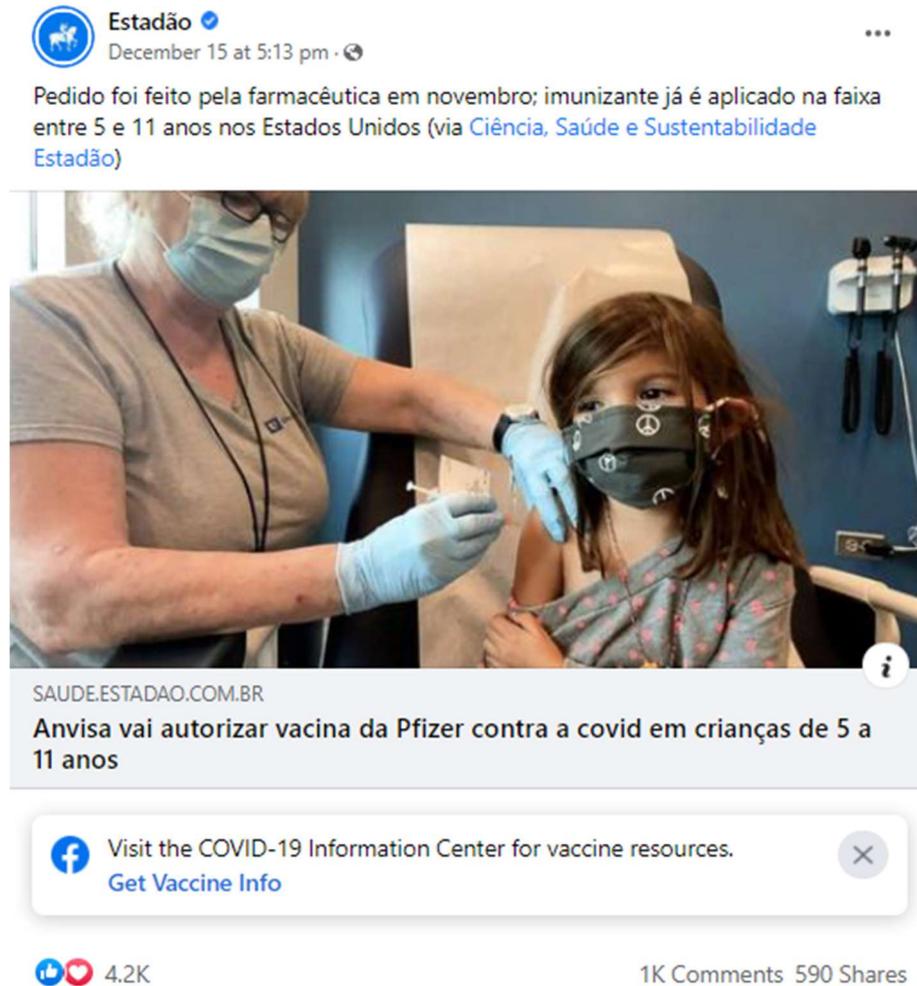
<sup>44</sup> Reiteramos que a notícia pode não ter uma tese propriamente dita, mas o posicionamento do jornalista pode ser transformado em tese nas interações poligeridas.

quais são inevitavelmente posicionados. Sobre essa afirmação, contatamos a potência da desinformação (contribuinte do que hoje chamamos de pós-verdade) em se contestar dados que são notórios, o que reforça a dicotomização e a polarização vistas em debates conflituosos, onde argumentos são trocados violentamente por actantes.

Ratificamos o caráter informativo da notícia, o qual se sobrepõe aos intuitos de persuasão quando comparado com outros gêneros discursivos, como por exemplo o artigo de opinião. Esse propósito comunicativo da notícia, todavia, não impede que os dados nela apresentados sejam eventualmente tomados como teses, que serão contestadas pelos Oponentes da interação poligerida, especialmente em decorrência da pós-verdade que, conforme discutido no capítulo 2, possibilita que as pessoas questionem os fatos e acontecimentos mais evidentes.

A notícia pulula o conflito, que é decorrente de sua circulação. Este conflito tem como fio condutor a disseminação dos conteúdos informacionais oriundos do *site* do respectivo jornal (neste caso, o Estadão), quando compartilhado pela postagem na referida página no *Facebook*. Ao expor fatos que se relacionam a teses, marcadas por ideologias, emerge o grande fluxo de interações que se encontram conflituosas, devido à(s) temática(s) encontrarem-se no escopo das relações públicas.

Figura 2 – Postagem da notícia do jornal Estadão sobre a vacinação para o público de faixa etária de 5 a 11 anos



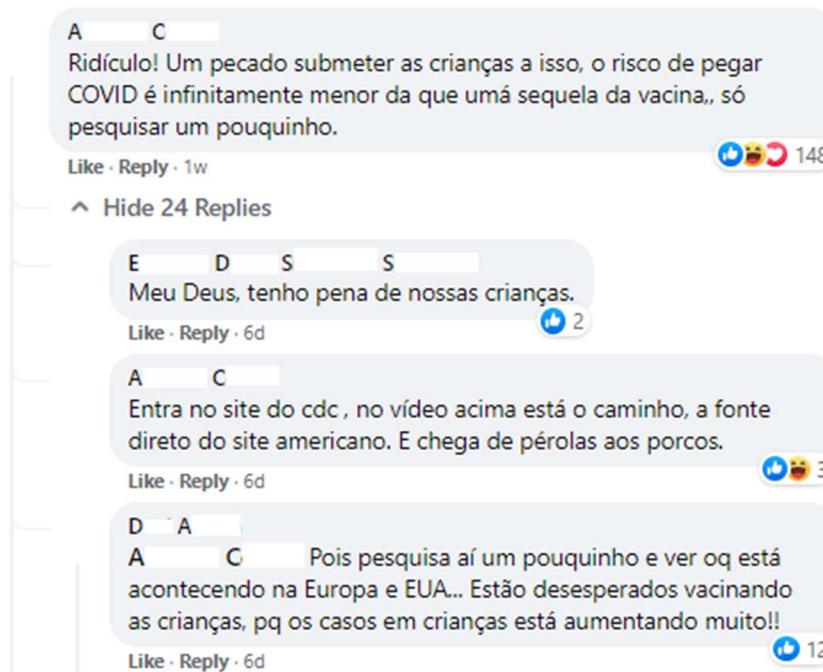
Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

O jornal Estadão, enquanto mídia corporativa, difunde conteúdos de diversos gêneros do discurso e de diversas temáticas. O foco de tratamento de conteúdo se concentra na temática política, no que tange aos diversos temas referentes à pandemia do coronavírus, especificamente na discussão sobre a vacina e imunização contra a referida patologia. A notícia, embora em si não seja polêmica, evoca temas culturalmente polêmicos. No ambiente digital, facilmente tais temáticas se relacionam por algoritmos que reúnem conteúdos, a fim de dirigir a experiência dos sujeitos nas redes.

A postagem do referido jornal acumulou, até o momento da coleta, mais de 4 mil e 200 curtidas, de comentários mais de 1 mil e, de compartilhamento, o total de 590. Confirmamos que o assunto vacinação e imunização contra a COVID-19 em crianças configura-se como uma das maiores pautas sociais que envolvem todo o contexto da pandemia, grande pauta esta provada pelo alto engajamento que esse tipo de informação detém na rede social *Facebook*.

Advindos do que Pauveau (2017) chama de relacionalidade, isto é, a grande relação algorítmica entre *sites* na grande rede, os comentários apontam os debates mais virulentos, no sentido de que ocorrem com o teor conflitual mais forte, tendo em vista, principalmente, o tipo de interação subjacente aos discursos. Analisemos, agora, os comentários resultantes da postagem da notícia do *site* Estadão.

Figura 3 – Interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

O actante A. C. contradiz a informação de cunho científico que diz que o imunizante ajuda a dar proteção mais ampla a esta faixa etária, exclamando sua indignação perante a iniciativa dos órgãos públicos de saúde de vacinarem crianças contra a COVID-19. Ao caracterizar esse processo como um “pecado” e como algo “ridículo”, e ao afirmar que crianças sofrem pouco risco de se infectarem pelo vírus, ao passo que podem desenvolver sequelas em maior probabilidade, A. C. recomenda que seus Oponentes pesquisem “um pouquinho”, ou seja, sua tese é simples, ela não necessita de muitos esforços para que seja compreendida e encarada como fato.

Pontuamos que o argumento explanado acima é falacioso, visto que, na realidade, os riscos de se contrair a doença são os mesmos que em adultos, embora os casos sejam menos graves, em sua maioria. O actante E. D. S. S. se mostra conivente com o pensamento de A. C., ao clamar por Deus e ao declarar sentir pena “das nossas crianças”.

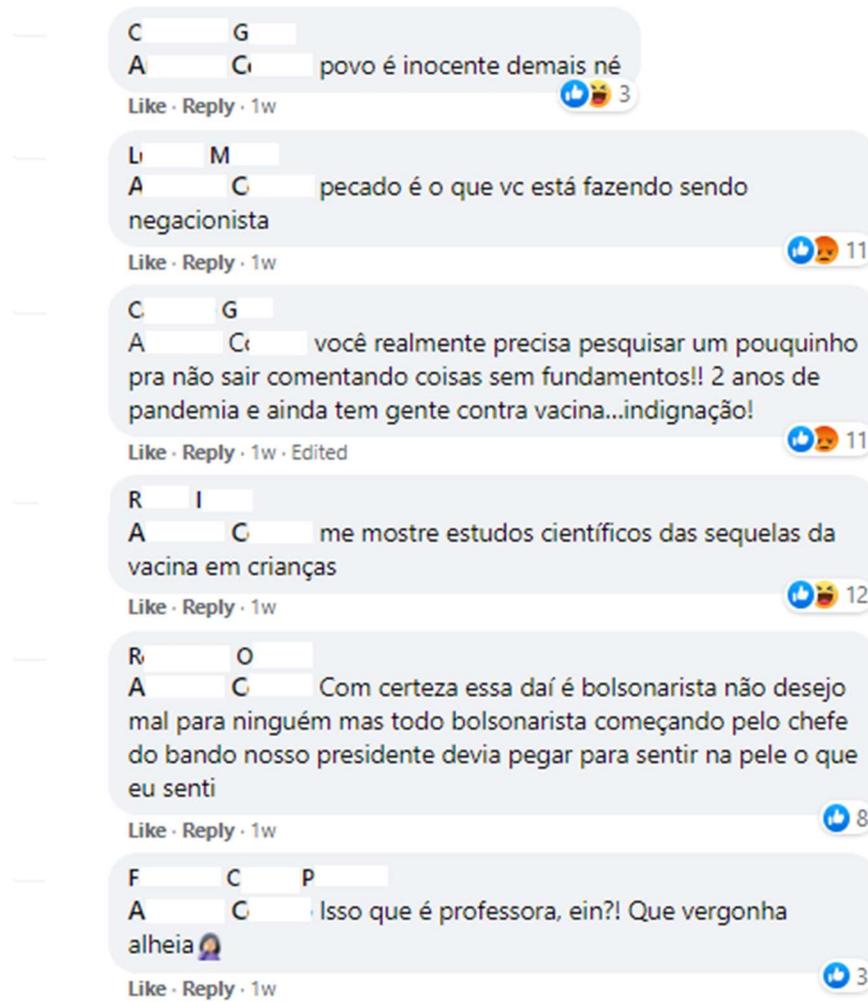
O *pathos* pode ser confirmado nesses dois comentários, pois os actantes se valem de figuras de preceitos e de entidades religiosas que tendem a despertar comoção ao Terceiro. Neste caso, a vacinação seria um risco grande às crianças, logo consiste num pecado que deve ser evitado. A figura “Deus” desempenha, nesse comentário, uma entidade a ser recorrida, devido à gravidade da situação. A utilização do pronome possessivo indicando a primeira pessoa do discurso e no plural em relação ao grupo de vacinados “nossas crianças” chama o Terceiro a se considerar parte da situação, pois as crianças devem ser cuidadas não apenas pelos seus pais, mas por toda a sociedade.

D. A. se coloca como Oponente de A. C. na interação apresentada na figura 3, pois, assim como este, chama o seu adversário a pesquisar aquilo que ele não vê: a situação da calamidade pública, desta vez na Europa e nos Estados Unidos da América. Fora do Brasil, os cidadãos estão “desesperados” vacinando as crianças, em decorrência da alta de casos neste grupo<sup>45</sup>. Observemos a continuidade da interação, com mais actantes sociais desempenhando a posição de Oponentes de A. C.

---

<sup>45</sup> Os actantes se utilizam do *argumentum a simili*, quando recorrem à explanação de casos similares aos do Brasil para melhor convencerem o Terceiro de suas teses.

Figura 4 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 1



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

A. C. é rebatido na interação, ao passo que, indiretamente, é referenciado como “inocente”<sup>46</sup>. C. G. referencia seu Oponente como tal deixando subentendido que ele não goza de conhecimentos como ele ou que é demasiadamente ingênuo. L. M. entra em cena na interação polêmica quando rebate o comentário de A. C., ao ter afirmado que a vacinação para crianças era um “pecado”: “pecado é o que vc está fazendo sendo negacionista”. A acusação entre Oponentes nesta interação polêmica exemplifica bem a comum referenciação entre os opostos nas redes sociais. A. C., neste caso, seria “negacionista”, uma vez que ele vai de encontro ao que a ciência brasileira e mundial recomenda para o controle da pandemia. É essa “negação” oriunda de alguns actantes que impulsiona a revolta de seus oponentes.

<sup>46</sup> Cria-se, ao longo das trocas de acusações entre os actantes, uma espécie de campo associativo em torno desse Oponente: “ingênuo”, “negacionista”, “bolsonarista”. Assim, há o fito de vangloriar determinado lado da estrutura actancial por meio dessas denominações.

O sentimento de indignação se faz presente no comentário de C. G., que, anteriormente, apenas havia chamado seu Oponente de “inocente”, agora julga os comentários de A. C. como sem fundamentos, somando ao fato de que, mesmo após dois anos de pandemia, ainda haver pessoas contra as vacinas. R. I. se junta ao L. M e ao C. G. como Oponente da tese de A. C., solicitando que sua Oponente mostre os estudos científicos que possam provar suas informações.

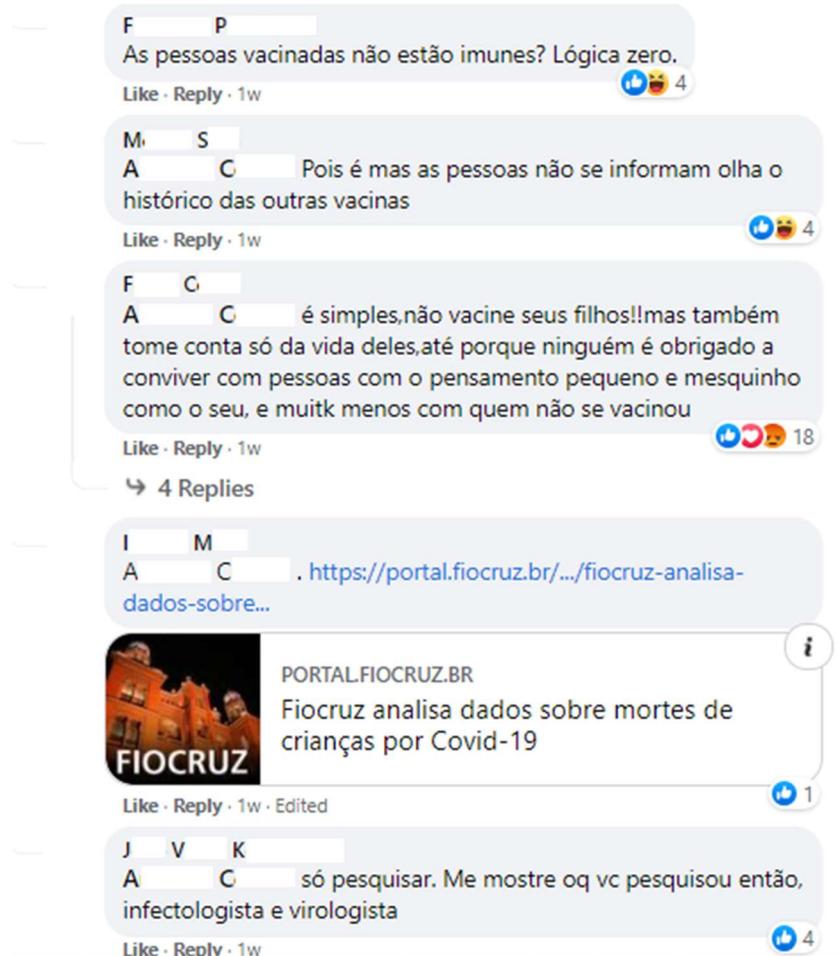
R. O., assim como os demais Oponentes da tese de A. C., utiliza-se do descrédito ao adversário quando responde o comentário de sua Oponente, referenciando-a como “bolsonarista”. Observemos que a função da resposta de comentários nesse espaço digital não foi utilizada da maneira convencional: R. O. responde A. C., porém não dirige a palavra a ela. Essa prova que demonstra um distanciamento brusco (polarização social) entre os actantes pode ser observada quando A. C. é referenciada como “essa daí”<sup>47</sup> e “bolsonarista”. Além do julgamento, R. O. demonstra o desejo de que bolsonaristas e o próprio presidente da república Jair Bolsonaro se infectassem com a doença para entenderem a situação pela qual o actante se encontrou. Outrossim, F. C. P. ocupa a posição de Oponente da ideologia de A. C., ao passo que demonstra se sentir envergonhado pela profissional. F. C. P. ao insinuar que professores não deveriam fomentar a respectiva ideologia de que as tecnologias desenvolvidas pela ciência não são confiáveis.

Vimos até o momento que a figura do *pathos*, do conhecimento daquilo que é passado na interação e do questionamento das fontes das informações vinculadas na conversação foram fatores relevantes para o bom andar da interação polêmica. O conflito continua ainda mantendo alguns traços de posicionamento, como por exemplo a insistência dos Oponentes em deslegitimar as teses dos seus contrários ao solicitar as fontes das informações vinculadas, mas trazendo também outros modos de argumentação, como o recurso intertextual de utilização de *links* e também o apelo à ironia, além de esforços de formulação de teses com argumentos bem fundamentados e também cordiais. Vejamos a seguir a continuidade do debate na figura 5.

---

<sup>47</sup> Observemos que o uso da expressão “essa daí” por parte do actante R.O. para A. C. tem como propósito deprimi-la, ao passo que ela não é sequer nomeada, sendo caracterizada apenas pela sua ideologia julgada como “bolsonarista”.

Figura 5 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 2



Fonte: <https://www.facebook.com/estadoao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

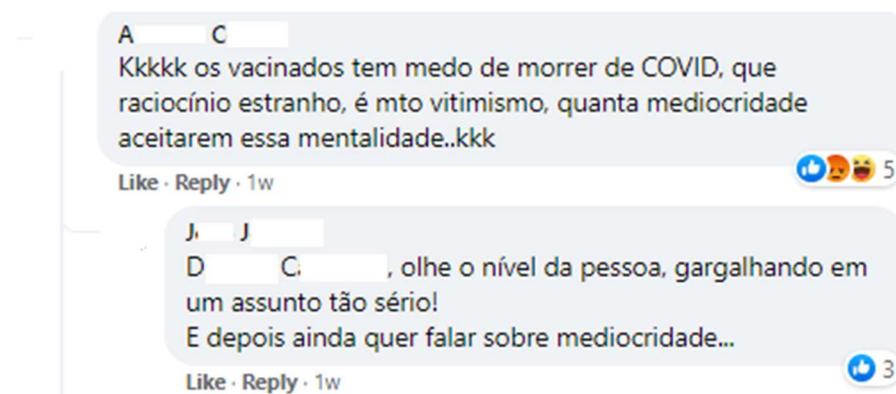
F. P. inicia seu comentário ironizando a imunização contra a patologia COVID-19, partindo do pressuposto de que as vacinas deveriam imunizar os indivíduos completamente. Para o Oponente F. P., que se volta contra a tese levantada pela Anvisa de que as vacinas são seguras e eficazes, o imunizante deveria proteger os indivíduos completamente, afirmação que não é dita na notícia referente a essa observação. Percebemos, a partir do comentário de F. P., que frequentemente o corpo da notícia não é lido pelos internautas, e, sim, apenas a manchete disposta na postagem da referida notícia, o que contribui para uma desconexão entre tese e contratese e para que os interactantes hipotetizem o conteúdo do que é comentado a partir de sua própria visão de mundo. F. P. questiona a lógica que ele acredita contradizer o seu pensamento: as pessoas vacinadas não estão imunes, isto é, os imunizantes contra o coronavírus deveriam fazer jus ao seu estatuto de imunizantes, algo que não acontece, expõe ele em seu comentário.

M. S. compartilha o posicionamento Oponente da tese que acredita na vacina, de autoria de A. C., julgando seus Oponentes como pessoas desinformadas. M. S. também recorre aos exemplos de outras vacinas, mesmo não citando os casos específicos, ainda dá margens para que o Terceiro entenda que houve casos de fracasso em relação a outras vacinas produzidas anteriormente. F. C. entra na cena polêmica opondo a tese de A. C., por meio de ironia, orientando para que ela não vacine seus filhos e que não interfira na decisão de outros pais. O Oponente desacredita a imagem de A. C., julgando-a como mesquinha e de pensamento pequeno. A polarização social é bem definida neste comentário, quando F. C. direciona sua afirmação para sua Oponente afirmando que não é obrigado a conviver com pessoas do tipo dela.

I. M. não introduz nenhum argumento em seu comentário, apenas responde o de A. C., anexando um *link* com informações sobre os estudos da Fiocruz em relação a dados de mortes de crianças em decorrência do coronavírus. Acreditamos que, a despeito da incipiência do comentário de I. M., há forte indício de que ele seja Oponente de A. C., ao passo que recorre à fonte da própria fundação para rebater a tese de A. C., que desacredita da vacina. J. V. K. também se mostra Oponente da tese de A. C., dessa vez cobrando a ela informações científicas de infectologistas ou de virologistas para só assim acreditar nas suas teses.

A. C. retorna à conversação polêmica quando ironiza, tal qual F. P., o sentimento de medo de os sujeitos morrerem mesmo estando vacinados. A partir de seu novo comentário, há um novo agrupamento de comentários que desacreditam tanto sua tese quanto sua própria imagem civil. Vejamos a seguir como isso ocorre, na figura 6.

Figura 6 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 3



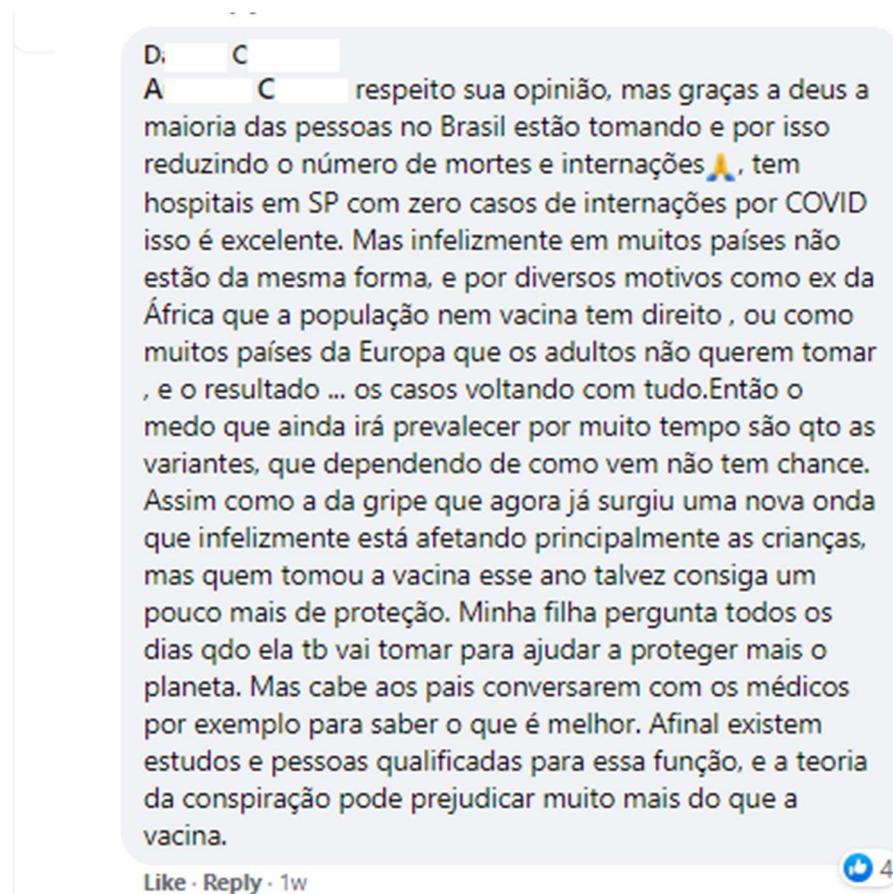
Fonte: <https://www.facebook.com/estadoa/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Com risos, A. C. reforça sua aversão à vacina, ao passo que critica as pessoas que se preocupam com a doença ao taxá-los de vitimistas e medíocres. O Oponente J. J. rebate A.

C.: “olhe o nível da pessoa”. Considerando o contexto conflitual atinente a essa interação, percebemos que, indiretamente, J. J. julga o nível de sua Oponente como baixo, quando ela “gargalha” perante um assunto que ele julga sério. Após, insinua que ela é medíocre por tal ato: “e depois ainda quer falar sobre mediocridade...”.

Após ser mencionada por J. J., que compartilha de sua ideologia, D. C. se mostra tranquilo ao contradizer, com argumentos melhor fundamentados em dados notórios e em formulações lógicas, o posicionamento de A. C., sua Oponente, como se pode observar na figura 7.

Figura 7 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 4



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Mesmo desempenhando a posição de Oponente na estrutura actancial da interação polêmica, D. C. se mostra cordial perante A. C., afirmando ser respeitoso quanto à opinião adversária à sua. O Oponente, em gratidão a Deus, afirma que a maioria dos brasileiros está tomando a vacina e, conseqüentemente, está diminuindo o número de mortes e internações. Ele mostra dados que confirmam a baixa dos casos graves em hospitais de São Paulo. Assegura, no

entanto, que a situação não é a mesma em outros países, como por exemplo no continente Africano, que não detém dos mesmos planejamentos de vacinação, ou como o caso da Europa, em que muitos cidadãos se recusam a tomar a vacina, corroborando a volta em massa de casos.

Mesmo com a volta de casos da doença e de suas novas variantes, além da gripe, D. C. ainda vê nas vacinas a potencialidade de proteger um pouco mais as crianças das enfermidades. O Oponente ainda menciona seu caso familiar: sua filha que quer tomar a vacina para proteger mais o planeta. Para finalizar sua tese e seus argumentos, D. C. propõe medidas a serem tomadas pelos pais, que consiste no diálogo com os médicos para que tenham a instrução necessária frente ao problema. O Oponente reafirma a segurança da vacina ao dizer que os estudos e os cientistas são qualificados para tal, e que teorias conspiratórias podem prejudicar mais do que a vacina.

D. C. se utiliza de diversos argumentos que desacreditam aqueles levantados pela sua adversária A. C., como por exemplo o seu trato com sua Oponente, ao se mostrar como aquele que busca apaziguar a interação para que haja o mínimo de diálogo, o que vemos que não acontece. Na realidade, D. C. não busca de A. C. um consenso. Quando o Oponente cita exemplos de outros lugares do mundo que enfrentam o mesmo problema e que, por sua vez, apoiam a vacinação em crianças, espera-se que o campo de visão de quem participa da interação se expanda, ou quando mostra dados da realidade de hospitais que estavam com zero casos de internação por COVID-19. Desse modo, o comentário de D. C. goza de informalidade, indo de encontro ao padrão que se faz nas discussões polêmicas nesse tipo de fórum digital.

A prova retórica *pathos* também se mostra nos argumentos de D.C. quando ele menciona sua filha que “quer proteger mais o planeta”. Assim, espera-se que, pela benevolência de uma criança que, por confiar nos médicos, voluntariamente quer se vacinar, o Terceiro se compadeça com essa situação. Por fim, se há um problema, D. C. aponta os meios capazes de saná-los: o diálogo entre pais e médicos. O Oponente ainda desacredita o discurso primeiro de A. C. quando afirma ele ser conspiratório, isto é, faltoso de factualidade, e que, o discurso cientista, por sua vez, é que é digno de confiança<sup>48</sup>.

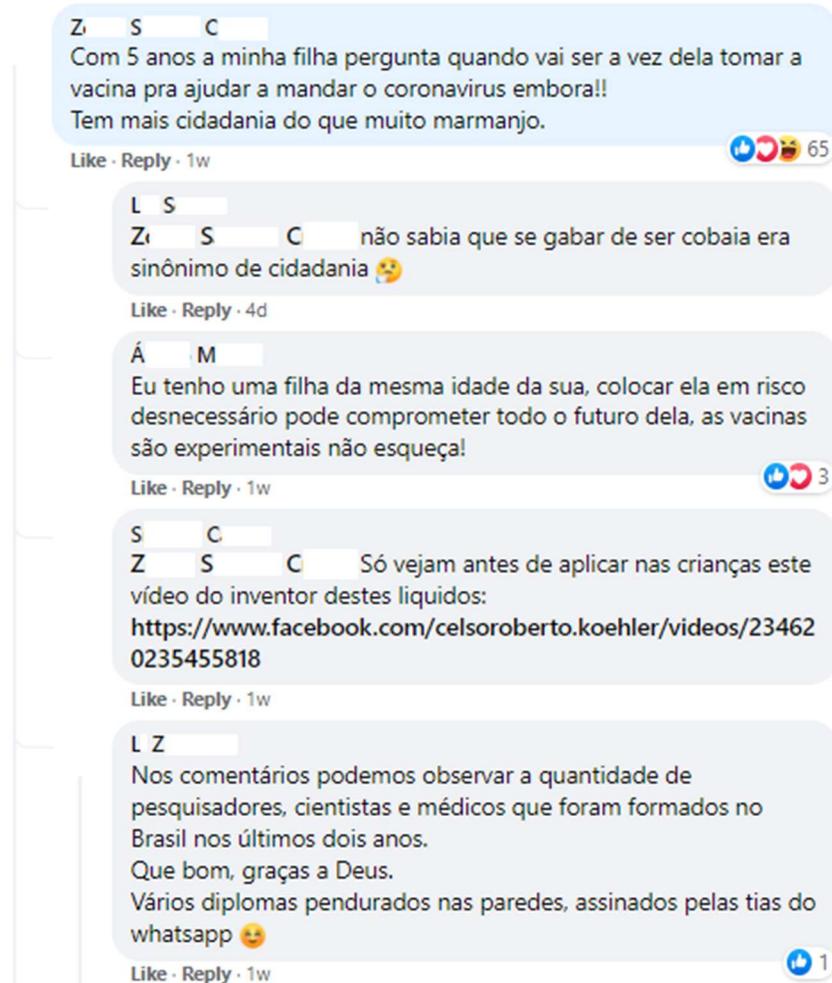
Por fim, mostramos mais um desenrolar da conversação polêmica, a qual persiste em argumentos irônicos que envolvem temas que se tornaram recorrentes entre apoiadores e

---

<sup>48</sup> Vemos que A. C., embora tenha iniciado a interação com o seu comentário, não participa da conversação com frequência, como uma espécie de bate e volta de argumentos. Seu comentário apenas marcou o início de uma série de trocas de teses conflituosas divididas entre Proponentes e Oponentes referente ao assunto público. Essa é uma das características da conversação polêmica no espaço de comentários do *Facebook*.

não apoiadores da imunização contra a COVID-19, que é o caso do termo “cidadania”, presente na figura 8.

Figura 8 – Continuidade da interação polêmica sobre a imunização contra a COVID-19 em crianças de 5 a 11 anos – Parte 5



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/6195814507100226>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Tal qual D. C., Z. S. C. menciona, por exclamação, que sua filha de cinco anos de idade quer se vacinar para “mandar o coronavírus embora”. O Proponente da tese de que a vacina é eficaz afirma que sua filha tem mais cidadania do que “muito marmanjo”. Tal comparação não se faz em vão nesta interação conflituosa: Z. S. C., ao referenciar seus Oponentes como “marmanjos”, coloca-os numa esfera mais distante que a sua, quando sua criança mostra uma mentalidade contrária aos seus adversários, que, por sua vez, negam a vacina.

L. S. se opõe à Z. S. C. quando encara o referente “apoio à vacina” não como “cidadania”, mas como “orgulho de ser cobaia”. Esta crítica é bem usual entre o grupo de pessoas que negam a vacina, que julgam aqueles que receberam o imunizante como cobaias dos experimentos contra a doença. Á. M é outro Oponente de Z. S. C., pois demonstra não confiar na

vacina Pfizer (imunizante até então aplicado nas crianças). Para ele, vacinar a criança é colocá-la em “risco desnecessário”, além de comprometer todo o seu futuro. O actante também enfatiza que as vacinas são experimentais, o que torna o imunizante ainda mais desconfiável por parte de sujeitos interpelados por essa ideologia.

S. C. se mostra também como Oponente da confiança que Z. S. C. tem para com a vacina, ao anexar um *link* de um vídeo. O actante inserir *links* de textos outros como argumento é um recurso bastante comum. O conselho advindo do actante de os internautas pais, isto é, o Terceiro, assistirem ao respectivo vídeo antes de vacinarem seus filhos demonstra uma aversão contra determinados métodos científicos de produção da vacina. L. Z., no final desse recorte da conversa conflituosa, ironiza o fato de que quem critica as iniciativas científicas de planejamento para a vacinação de crianças contra a COVID-19 não são pessoas qualificadas para opinar.

Essa crítica goza de uma nova roupagem, ao passo que o Oponente, ao agradecer a Deus pelos tantos “pesquisadores, cientistas e médicos formados no Brasil nos últimos dois anos”, ironiza, ainda, ao afirmar que os diplomas dos “pesquisadores” da interação foram pendurados nas paredes e assinados pelas “tias do whatsapp”<sup>49</sup>. L. Z. afirma, pelo recurso da ironia, que seus Oponentes não deveriam opinar sobre a tecnologia vacina desenvolvida pelas empresas farmacêuticas, uma vez que eles não são especialistas no assunto, e que, além de opinarem sem os respectivos conhecimentos, ainda difundem *fake news*<sup>50</sup>.

Como foi apontado anteriormente, as constatações científicas perante a produção da vacina Pfizer, a ser aplicada em crianças de 5 a 11 anos, pareciam não ser o bastante para os actantes confiarem nela. Acreditamos que, atinente ao comportamento de negação de esforços científicos tanto nacionais quanto internacionais para o controle da pandemia da COVID-19, está o conjunto de elementos que criam e modelam a opinião pública, sobretudo quando na contemporaneidade: a pós-verdade.

Fatos de base científica são diminuídos frente à opinião formada (e, assim, estável) por sujeitos que se veem representados pela ideologia circulante em diversos meios de informação, muitas vezes veículos de conteúdos informacionais duvidosos, que são movidos pelo propósito de ludibriar o público consumidor. As *fake news*, nesse sentido, fomentam a constância das bolhas filtradas, que fazem os sujeitos de vítima, corroborando a então pós-verdade, que

<sup>49</sup> A expressão “tia do WhatsApp” se refere à comum prática de senhoras acreditarem e compartilharem notícias falsas por grupos de aplicativo de mensagens.

<sup>50</sup> Pontuamos também que os actantes F. C. P., L. S., D. C. e L. Z se utilizaram de *emoticons* em suas teses a fim de tornarem seus posicionamentos com efeito expressivo mais forte, e, em decorrência desse planejamento, mais convincentes pelo respectivo recurso semiótico digital.

consiste, basicamente, na relativização da factualidade. É por isso que vemos frequentemente conflitos entre cidadãos, seja nas ruas em protesto, nos meios de comunicação televisivo, nas rádios e, no caso desta pesquisa, em diversos e dinâmicos conflitos entre actantes que acabam por adotar o papel de Oponentes mútuos no espaço digital dos comentários na rede social *Facebook*.

As solicitações exaustivas (e não respondidas) pelas fontes das informações dispostas por A. C. que marcam os comentários de R. O., J. V. K., e I. M, seus Oponentes, demarcam uma preocupação por aqueles que discutem por teses que contêm embasamento técnico, e não por apenas opiniões infundadas. Este é um exemplo de como a pós-verdade estrutura e modela as interações entre sujeitos neste ambiente digital, que, por oferecer praticidade aos usuários da plataforma para opinarem livremente sobre o que eles pensam, caracteriza-se como um espaço de discussão em que a máxima é os sujeitos não se empenharem em formular suas teses e argumentos monitoradamente, como é mais propício acontecer em outros tipos de interações, como aquelas síncronas em debates entre especialistas em plenárias ou em fóruns televisivos.

Seja pelo riso, seja pelo recurso intertextual de compartilhamento de *links*, ou até mesmo pelo simples ato de reagir aos comentários por *emojis* ou pela curtida para demonstrar apreço ou aversão àquilo que está sendo dito, o espaço dos comentários da rede social *Facebook* demarca o tipo de texto poligerido, que manifesta várias prontas vozes na construção da conversação polêmica, o que, claramente, não acontece com o texto monogerido, aqui ilustrado pelos textos pertencentes ao gênero notícia e artigo de opinião – este a ser analisado mais adiante.

A seguir, mostraremos o quadro 4, que reúne os comentários até então explanados quando formulados em tese, argumento e conclusão, além do recurso ao descrédito do adversário, seja ele a nível da tese ou a nível do *ethos*.

Quadro 4 – Posicionamentos dos actantes em tese, argumento, conclusão e descrédito do adversário

Actante	A. C.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é insegura, portanto, inconfiável.
Argumento(s)	Vacinar crianças consiste num pecado, pois o risco desse público contrair a COVID-19 é muito menor do que as possibilidades de adquirirem sequelas do imunizante.
Conclusão	Não se deve vacinar crianças, pois a vacina não tem efeitos, e aqueles que defendem o imunizante são vitimistas, pois os vacinados têm medo de morrer de COVID-19, o que é contraditório.
Descrédito ao adversário	Descrédito centrado no <i>ethos</i> , ao taxar seus Oponentes como vitimistas e medíocres: “é mto vitimismo, quanta mediocridade...”, além de

	supor que eles são pecadores: “é um pecado submeter as crianças a isso...”.
Actante	D. A
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.
Argumento(s)	Na Europa e nos Estados Unidos da América, os cidadãos estão “desesperados” vacinando as crianças, em decorrência da alta de casos neste grupo.
Conclusão	Deve-se vacinar as crianças, pois o imunizante está sendo valorizado em outros lugares do mundo.
Descrédito ao adversário	Descrédito centrado no <i>ethos</i> . O actante sugere que A. C. pesquise os fatos de seu argumento, deixando subentendido que seu Oponente é desinformado.
Actante	L. M.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.
Argumento(s)	Se existe algum pecado, este consiste em negar vacina contra a COVID-19.
Conclusão	Deve-se vacinar as crianças, pois este ato vai de encontro ao negacionismo, que consiste em pecado.
Descrédito ao adversário	Descrédito centrado no <i>ethos</i> . O Oponente de A. C rebate seu comentário desacreditando seu discurso, julgando-o como negacionista e pecador.
Actante	F. C.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.
Argumento(s)	Se seu Oponente é contra a vacinação em crianças, não deve vacinar as suas, no entanto, que se importe apenas com elas, pois ninguém é obrigado a conviver com pessoas do tipo de seu Oponente, isto é, pessoas com o pensamento pequeno e mesquinho.
Conclusão	Quem é contra a vacina não deve influenciar a decisão de outros pais. Assim, deve-se vacinar as crianças, pois este ato consiste em dignidade.
Descrédito ao adversário	Descrédito centrado no <i>ethos</i> . O Oponente de A. C., ao atacar o seu pensamento como pequeno e mesquinho, insinua que ele seja mesquinho ao desacreditar a vacina.
Actante	Z. S. C.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.
Argumento(s)	O fato de a sua própria filha de 5 anos querer se vacinar para ajudar com o fim do coronavírus prova que ela tem mais cidadania do que muitas pessoas adultas.
Conclusão	Muitas pessoas que são contra a vacina não são cidadãs, quando postas ao lado de crianças que, por seu lado, se interessam em se vacinar. Apoiar o planejamento de imunização contra a COVID-19 é um ato de cidadania.
Descrédito ao adversário	Indiretamente, o Oponente de A. C. desacredita seu <i>ethos</i> , chamando-o de marmanjo (grosseiro) e como um sujeito de pouca cidadania.
Actante	L. Z.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.

Argumento(s)	É contraditório seus Oponentes desacreditarem a vacina, mesmo quando eles não têm conhecimento científico sobre a área da medicina ou da farmacologia.
Conclusão	Para opinar sobre a (in)eficácia do imunizante contra a patologia COVID-19, deve-se estudar para tal. As fontes das informações veiculadas pelos seus Oponentes são inseguras, portanto, o que seus adversários dizem não é digno de confiança.
Descrédito ao adversário	Ao criticar a falta de veracidade dos discursos de seus Oponentes, L. Z. desacredita tanto o seu <i>logos</i> quanto o seu <i>ethos</i> . Se as informações levadas por eles são falsas, seus adversários são vetores de <i>fake news</i> .
Actante	D. C.
Tese	A vacina para a COVID-19 em crianças é segura, portanto, confiável.
Argumento(s)	A vacina é confiável, e prova dessa afirmação é a grande baixa do número de mortos e de internados pela doença. Além disso, cabe aos pais conversarem com médicos para tomarem a melhor decisão, que consiste na vacinação.
Conclusão	A vacina é confiável e eficaz, pois houve redução no número de mortos e de internados. Dessa maneira, pais e mães devem vacinar seus filhos, uma vez que há pessoas qualificadas para melhorar a situação do país. Em contrapartida, teorias conspiratórias prejudicam essa missão.
Descrédito ao adversário	D. C., embora se mostre aprazível na interação conflituosa, insinua que os argumentos levados pelo seu Oponente, A, C. são conspiratórios. O actante confirma seu descrédito ao adversário no nível do <i>logos</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Como pôde ser observado, diferentes são as organizações do texto polêmico. A tendência de os actantes não apenas defenderem sua tese e argumentos, mas de desqualificarem aquelas que são contrárias às suas, marca o principal movimento da conversação polêmica na interação poligerida do espaço dos comentários no *Facebook*. Percebemos também que as *fake news* são retomadas, ainda que indiretamente, como fator determinante para a desconfiança dos Oponentes perante tais informações. Desse modo, mesmo sendo comum as teses se mostrarem rasas na conversação no ambiente digital *Facebook*, entramos em contato com teses, argumentos e conclusão bem fundamentados, além do recurso descrédito ao adversário e *pathos*.

A situação discursiva, que consiste na própria contextualização da conversação acerca do avanço do planejamento de imunização em crianças de 5 a 11 anos contra a COVID-19, faz determinar o embate de teses antagônicas que giram em torno da eficácia ou ineficácia da vacina, além da consideração dos papéis sociais desempenhados pelos actantes, que defendem seus pontos de vistas, marcados pelo ensejo de proteger o público dessa faixa-etária, seja a partir de sua aprovação ou desaprovação da vacina. No ambiente *Facebook*, os interlocutores não regram seus discursos, ou seja, podem se valer de teses formuladas por demonstrações

(registro discursivo), mas seu teor é polêmico, devido à situação discursiva dada. Confirmamos esse lugar como espaço livre para comentários das mais diversas naturezas.

A seguir, apresentamos um novo bloco de análises de discursos polêmicos divididos entre a consideração pelo texto monogerido, seguido pela análise de interações poligeridas como resultantes deste.

## **4.2 Análise do texto monogerido artigo de opinião e dos textos poligeridos comentários sobre a quebra de patentes para a compra de insumos para a produção de vacinas anti-COVID-19**

O texto a seguir, um artigo de opinião, se configura como uma construção textual monogerida, de autoria da jornalista Eliane Cantanhêde. O texto a ser apresentado reúne uma série de críticas em direção ao governo federal no que se refere à aquisição de insumos para a fabricação das vacinas CoronaVac. A discussão levantada pela jornalista gira em torno da política da quebra de patentes. Pontuamos, para os fins de análise, que, textualmente, não se encontram teses contestadas, mas que elas são dialogicamente pressupostas. Vejamos o exemplo a seguir.

Exemplo 2 – Artigo de opinião: “Um ri, os outros choram”, de Eliane Cantanhêde

### Política

#### **Um ri, os outros choram**

Quebra de patentes ajusta política externa, mas não cura Bolsonaro  
Eliane Cantanhêde, O Estado de S.Paulo 08 de maio de 2021 23h50

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, fez uma espetacular jogada de marketing ao aderir à tese de quebra de patentes das vacinas em meio à pandemia de COVID-19, o que não só consolida a imagem de Biden como marca a volta dos EUA à liderança mundial das grandes causas, como meio ambiente e combate ao vírus.

O mundo desenvolvido e civilizado aplaude e se move na mesma direção, chacoalhando a Organização Mundial do Comércio (OMC), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e, com elas, o multilateralismo, tão achincalhado na era Donald Trump. Tudo muito bom, tudo muito bem, mas, do marketing a resultados, da intenção à ação, é que são elas.

Não é simples, nem rápido, uma guinada dessa magnitude, muito menos com o mundo em frangalhos pelo efeito do coronavírus nas pessoas, nos sistemas de saúde, nos países, nas empresas, nos empregos. É uma emergência, mas a teia de interesses é imensa – e poderosa. Quebra de patentes pode demorar anos, e a pandemia exige resultados já.

As questões humanitárias, financeiras e políticas dividem o mundo entre os poucos países que detêm as patentes e a grande maioria que demanda desesperadamente as vacinas. E essas questões unem – contra – os grandes laboratórios, que dependem

recursos e recrutam os melhores cérebros do planeta para obter sucesso – no caso da covid, em tempo recorde.

A reação da União Europeia foi de apoio a Biden, mas, nos bastidores, a posição de boa parte dos países está mais próxima da manifestada pela Alemanha, já seguida pela França, contra a quebra de patentes. Não será surpresa se, um a um, outros forem na mesma linha, lembrando que os EUA nunca exportaram uma mísera dose e doam as estocadas a conta-gotas.

Assim, segundo diplomatas e experts em negociação, do Brasil e do exterior, a quebra de patentes a jato é improvável e o razoável são soluções alternativas, ou uma “terceira via”: cessão de excedentes de vacina dos países ricos para médios e pobres, transferência de tecnologia e redução de medidas protecionistas para os insumos de vacinas. No mundo real, para além da geopolítica, só a quebra de patentes não vai multiplicar as doses e proteger as bilhões de vidas do planeta, porque não basta querer, é preciso poder fabricar as vacinas. Isso vale para o Brasil, que tem Butantan, Fiocruz e capacidade de produção de vacinas, mas não o suficiente para a demanda nacional, com ou sem quebra de patentes.

O efeito da fala de Biden por estas bandas também é político e diplomático, depois de o governo jogar para o alto o troféu do Brasil de capitão da quebra de patentes no combate à Aids, uma vitória que marca a biografia do ex-ministro José Serra (PSDB-SP). Para se alinhar a Trump, Bolsonaro virou as costas para Índia e África do Sul, parceiros dos BRICS, e ficou contra a quebra de patentes na era da Covid.

Sem Trump e com Biden, sem Ernesto Araújo e com Carlos França, a questão das patentes vem bem a calhar para a correção de uma política externa até aqui desastrosa. Mas, enquanto quatro ministros dizem em nota que o governo recebeu "com satisfação" as propostas dos EUA, três deles são obrigados a implorar, de novo, o perdão da China. Por quê? Porque Bolsonaro continua atrapalhando.

Ao insinuar que a China criou o vírus em laboratório para gerar uma "guerra química", ele, aliás, deixa uma suspeita: a de que quer, deliberadamente, prejudicar a entrega de insumos para a "vacina chinesa do Doria" – que, na prática, é a que garante a imunização no Brasil. Para piorar, a OMS aprovou a vacina da Sinopharm, também chinesa, antes da Coronavac. Isso aumenta a ansiedade e, como efeito colateral, brasileiros nem poderão ir à Europa. Bolsonaro ri, o Brasil chora.

Fonte: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral.um-ri-os-outros-choram,70003708766>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Este artigo de opinião, de autoria de Eliane Cantanhêde<sup>51</sup>, reúne não apenas as temáticas referentes à vacinação e à imunização, mas, também, evoca questões mais abrangentes, como a política, a economia, os valores humanos, que acabam por se relacionar com a pandemia e, decorrentemente, com a posição de um líder de Estado perante o referente problema social. Evidenciamos que a polarização vacina *versus* tratamento precoce com hidroxiquina/ivermectina trata-se de um subconjunto de uma polarização maior, como a política e as outras mencionadas.

---

<sup>51</sup> Eliane Cantanhêde é uma colunista e jornalista brasileira, considerada uma das mais influentes analistas de Brasília. Ela estabelece ligação externa ao jornal Estadão como colunista e ao GloboNews como comentarista, além de vínculos com jornais locais. Cantanhêde faz parte da mídia alinhada ao neoliberalismo.

O título “Um ri, os outros choram” sugere a posição de algumas entidades polarizadas: Bolsonaro como um indivíduo que ri, bem como grupos sociais antivacinas *versus* a situação da população brasileira (dentre pró-ciências e enlutados) que choram no momento pandêmico o qual o país sofre. Esse jogo de palavras é derivado das críticas que Cantanhêde faz ao presidente da república. A jornalista, no subtítulo de seu texto, adianta sua defesa à quebra de patentes enquanto correção de política externa, enquanto Bolsonaro é designado como uma figura que impede tal correção.

As críticas da colunista à política bolsonarista se voltam para a estratégia política de quebrar patentes das vacinas, atitude que o então presidente dos Estados Unidos da América, Joe Biden, adotou, atitude essa reverenciada pela articulista como uma “espetacular jogada de marketing”. Biden, aqui, é tido como exemplo de líder que contribuiu para que os EUA voltassem à marca de liderança mundial das grandes causas, como por exemplo o meio ambiente e o combate ao vírus. Esse zelo administrativo corrobora uma sociedade referenciada como “o mundo desenvolvido e civilizado”, resultado diferente quando se fala do governo de Donald Trump.

O processo de quebra de patentes é demorado, podendo levar anos, e a pandemia exige resultados rápidos, sem contar o empecilho da teia de interesses, que é imensa, afirma Cantanhêde. Nesse jogo comparativo entre países que se lançam de estratégias para saírem da situação pandêmica da COVID-19, a colunista afirma que as (poucas) sociedades que detêm de patentes e outras (em sua maioria) que demandam desesperadamente as vacinas são divididas por “questões humanitárias, financeiras e políticas”, questões essas responsáveis por articularem grandes laboratórios para o recrutamento de especialistas para desenvolverem tecnologias contra a patologia.

Após mencionar as reações da União Europeia e de países como a Alemanha e França, a autora do texto deixa implícita a participação do Brasil neste último grupo de países contra a medida de quebra de patentes, quando aponta a facilidade da indiferença dessa medida: “não será surpresa se, um a um, outros forem na mesma linha”. Ironicamente, são postos em cena políticos contra a quebra de patentes a jato referenciados como “diplomatas e experts em negociação”, que dizem que essa quebra é improvável e que o razoável são soluções alternativas, ou uma “terceira via”, que consiste na cessão de excedentes de vacinas dos países ricos para médios e pobres, transferência de tecnologia e redução de medidas protecionistas para os insumos da vacina.

Nitidamente, vemos a razão de Castenhêde se utilizar da ironia para referenciar os grupos de políticos que estão à frente de negociações para a compra de insumos da vacina: seus discursos vão de encontro aos preceitos defendidos pela jornalista.

Entretanto, a opinante assume que a estratégia econômica de quebra de patentes não é o suficiente para pôr fim à pandemia, porquanto ela diz que é preciso fabricar vacinas. E utiliza o Brasil como exemplo de um país que tem diversas empresas de pesquisa, como a FioCruz e a Butantan, acompanhadas da capacidade de produzir vacinas, mas não para todo o país, independentemente de haver ou não quebra de patentes.

Barreiras políticas e diplomáticas entre EUA e Brasil se tornam mais gritantes quando, como foi apresentado, Biden aderiu à quebra de patentes e Bolsonaro, não, ao passo que buscava se alinhar a Trump. Vemos que as figuras dos políticos carregam cargas de significação que podem se opor como eficácia negociativa para a aquisição de vacinas *versus* a ineficácia negociativa para a aquisição de vacinas. Enquanto Biden representa a eficácia, pela sua estratégia de negociação por meio de quebras de patentes, Bolsonaro representa o seu oposto, a ineficácia de negociação por meio da manutenção de patentes para as vacinas.

Cantanhêde dá prosseguimento citando Trump, Biden, Ernesto Araújo e Carlos França (notadamente, estes dois últimos ex-ministro e ministro das relações exteriores, respectivamente, são contra a quebra de patentes) ao dizer que a questão da quebra de patentes corrobora a correção de uma política externa “até aqui desastrosa”. A autora fecha o parágrafo afirmando que Bolsonaro “continua atrapalhando” tais negociações, visto que foi reconhecido o valor dos insumos da China para a vacinação em massa da população brasileira, fato reconhecido por ministros que pediram seu perdão.

Findando seu artigo de opinião, Cantanhêde retoma o discurso de Bolsonaro: “ao insinuar que a China criou o vírus em laboratório para gerar uma ‘guerra química’, o que, para ela, representa sua deliberativa intenção de prejudicar o processo de imunização no Brasil, garantida pela ‘vacina chinesa do Dória’”. Além da vacina do Dória (a CoronaVac), também há a Sinopharm, vacina de origem também chinesa, aprovada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que parece intensificar os conflitos e atrasos nas negociações. Decorrente dessas considerações críticas perante a situação política e econômica do Brasil em relação à pandemia do coronavírus, Cantanhêde dá os respectivos sujeitos para a sentença do título de seu texto: “Bolsonaro ri, o Brasil chora”. Podemos reiterar, portanto, diversas questões políticas subjazidas à discussão, levando à necessidade de organizá-las *in loco*, pelas suas respectivas tomadas de posicionamento, como defende Amossy (2017).

Quadro 5 – Síntese dos principais princípios da polêmica aplicada no artigo de opinião

Artigo de opinião “Um ri, os outros choram”			
Tese defendida	Argumentos defendidos	Polarização social	Descrédito do adversário
A defesa à quebra de patentes enquanto correção de política externa.	O governo Federal precisa estabelecer vínculos com países parceiros para quebrar patentes.	Favorável à quebra de patentes <i>versus</i> contrário à quebra de patentes.	Ernesto Araújo e Carlos França, ao serem contra a política de quebra de patentes, contribuem para a dificuldade da correção de uma política externa “até aqui desastrosa”.
	O Impasse político de correção de quebra de patentes para a agilidade de compra de insumos para as vacinas contra a COVID-19.		
	A política bolsonarista é um aspecto que impede a correção da estratégia de quebra de patentes.	Favorável à quebra de patentes <i>versus</i> contrário à quebra de patentes.	Bolsonaro insinua que a China criou o vírus em laboratório para gerar uma “guerra química”. Essa declaração representa sua deliberativa intenção de prejudicar o processo de imunização no Brasil.
	O governo estadunidense de Joe Biden representa o zelo administrativo que corrobora uma sociedade referenciada como “o mundo desenvolvido e civilizado”.	Favorável à quebra de patentes <i>versus</i> contrário à quebra de patentes.	Bolsonaro se iguala ao Donald Trump, e ignora países parceiros do Brasil ao dizer “não” à quebra de patentes.
	A teia imensa de interesses políticos é um empecilho para o processo de quebra de patentes.	Favorável à quebra de patentes <i>versus</i> contrário à quebra de patentes.	Bolsonaro ri ao gozar de seu poder político quando age conforme seus próprios interesses, o que causa ansiedade e prejuízos à população brasileira.

	A política do ex-ministro José Serra (PSDB-SP) foi exemplo de uma política de quebra de patentes ao combate à Aids.	Favorável à quebra de patentes <i>versus</i> contrário à quebra de patentes.	Diferentemente do governo de Serra (PSDB-SP), Bolsonaro ignorou os países parceiros dos BRICS, Índia e África do Sul e se mostrou contra a quebra de patentes na era COVID-19.
--	---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

O presente texto monogerido, embora seja construído por meio de demonstrações de fatos, corresponde à modalidade argumentativa polêmica, uma vez que há a remissão de tema de interesse público (a quebra de patentes para a compra de insumos para a vacinação) e também a defesa de uma tese, que se contrapõe a outras quando compartilhada na rede social *Facebook*. Além do posicionamento regrado da autora, identificamos uma polarização subjacente, marcada pelos indícios textuais de que Cantanhêde é favorável à imunização, pois neste artigo de opinião, a questão da eficácia ou não da vacina não chega a ser pautada, mas há menção de uma teoria conspiratória de que a COVID-19 foi criada em laboratório.

Entre tantas afirmações, a jornalista declara que Bolsonaro insinua que a China criou o vírus em laboratório para gerar uma “guerra química”; e, ao Cantanhêde afirmar que a declaração do presidente representa sua deliberativa intenção de prejudicar o processo de imunização no Brasil, confirmamos que se trata de um registro de descrédito do adversário (a figura de Bolsonaro e suas teses), que fomenta o teor polêmico de seu discurso, suscitando a polêmica em sua mais significativa proporção.

A situação discursiva correspondente ao texto condiz à própria facção textual, num momento em que diversas opiniões de especialistas estão sendo dadas acerca de burocracias para compras de insumos para a vacinação, que até então encontravam-se atrasadas. Interessa saber quem é o especialista que está por trás do texto, a saber, Cantanhêde, comentarista brasileira que, no momento de sua enunciação, mostrava-se contra as políticas de governo de Bolsonaro, e, conseqüentemente, contra as suas teses. A locutora Eliane Cantanhêde, assim, convoca seus interlocutores, sejam eles seus Oponentes ou não, ao desdobramento de sua tese de que é válida a quebra de patentes, pois ela é um mecanismo de correção de política externa para o adquirento de vacinas.

É pertinente pontuar, desse modo, que a relação entre Proponente e Oponente não coincide com a polarização esquerda *versus* direita. Aqui, a esquerda é invisibilizada (até para não receber qualquer tipo de destaque) e a relação é entre a extrema direita e a direita, esta defendida pela jornalista. Nos textos poligeridos, facilmente a jornalista pode ser representada como alinhada à esquerda, visto que a visão das pessoas em geral tende ao maniqueísmo<sup>52</sup>, e este muitas vezes é refletido na polarização esquerda/direita.

Verificamos a proporção polêmica que o artigo de opinião atinge nos veículos midiáticos digitais, por mais que sua estrutura se volte para demonstrações (modalidade demonstrativa). Ainda assim, afirmamos que o propósito discursivo do texto corrobora polêmicas.

Em decorrência da postagem do presente artigo de opinião no *site* Estadão, a relationalidade (PAUVEAU, 2021) disposta exclusivamente na relação entre textos nativos digitais se faz presente neste caso: agora, estamos diante de uma postagem no *Facebook*, compartilhada a partir do texto opinioso acima, de outra plataforma.

A polêmica, além de atuar em textos monogeridos, opera também nas interações poligeridas, dentre as quais incluímos as interações ocorridas pelo uso da ferramenta tecnodiscursiva denominada comentário, onde os internautas deixam suas teses registradas e, a partir do contato com as teses de outros internautas que não compactuam com as mesmas ideologias, coconstroem a interação poligerida, adotando os papéis de Proponente e Oponente, sendo aqueles que defendem uma determinada tese e aqueles que refutam o conteúdo da tese contrária, respectivamente<sup>53</sup>. Apresentamos, agora, as interações conflituosas poligeridas oriundas do artigo de opinião “Um ri, os outros choram”, de autoria de Eliane Cantanhêde.

Figura 9 – Postagem de uma *webnotícia* na página Estadão

<sup>52</sup> O maniqueísmo se reflete na ideia (de origem religiosa) de que existe o dualismo entre dois princípios opostos: o bem e o mal. No caso da nossa discussão, para a visão do senso comum, normalmente, o bem é representado pela esquerda (quando alguém é a favor da vacina), enquanto o mal é representado pela direita (quando alguém é contra a vacina).

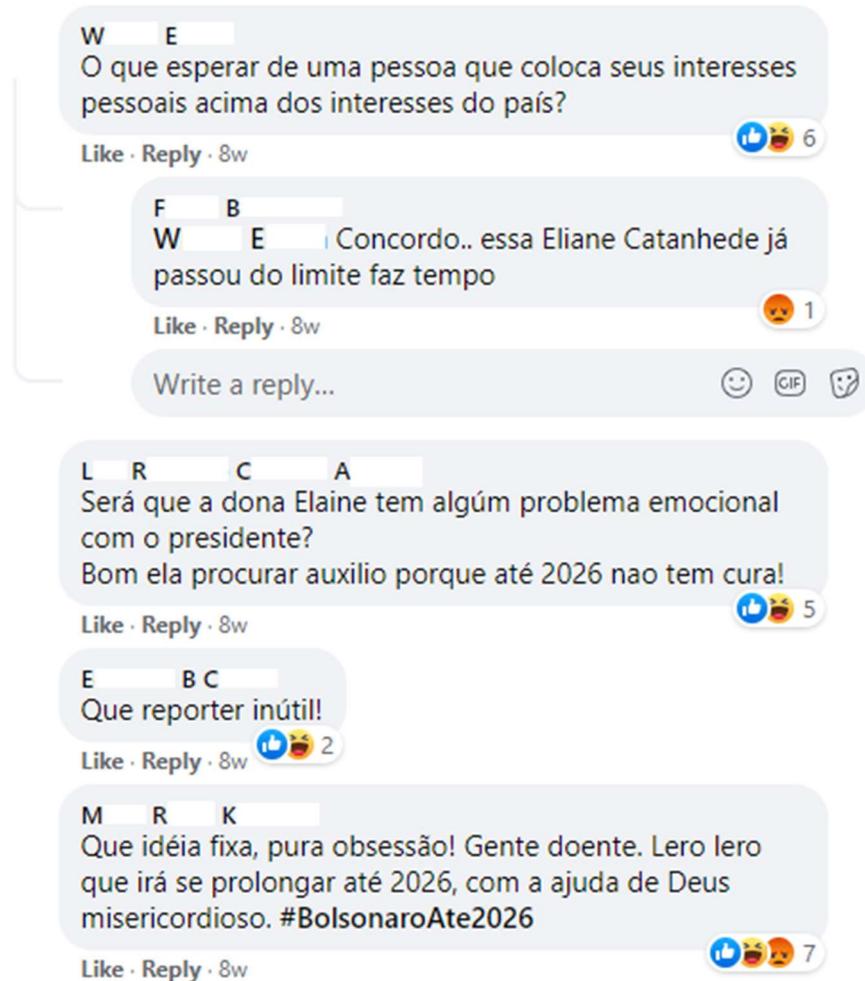
<sup>53</sup> Faz-se importante lembrar da figura do Terceiro na interação, pois ela ocupa o lugar de ouvinte, a ser persuadido por um dos lados do debate polêmico. Um desses lados da interação conflituosa adapta seu dizer, levando em conta a imagem que ele faz do Terceiro (ou do Auditório, nos termos da Nova Retórica) para melhor persuadi-lo.



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/5443669258981425>. Acesso em: 06 jul. 2021.

A postagem do artigo de opinião já adianta para o usuário da rede social a identidade da autora do artigo de opinião e seu título, além do subtítulo que resume a tese da colunista do jornal: “Quebra de patentes ajusta política externa, mas não cura Bolsonaro”. Podemos perceber a maneira como a imagem de Bolsonaro se configura na sentença, como aquele que impede o ajuste da política externa quebra de patentes. Vejamos, a seguir, a disposição dos principais comentários da referida postagem.

Figura 10 – Interações em comentários a partir da *webnotícia*



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/5443669258981425>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Pelo teor crítico atinente ao próprio gênero e, em especial, à própria criticidade presente no texto, vemos o tanto de Oponentes da tese difundida por Cantanhêde presentes no espaço dos comentários. Neste primeiro bloco, o actante W. E. se mostra conivente com a proposição da colunista, quando alude ao presidente Bolsonaro, dizendo: “o que esperar de uma pessoa que coloca seus interesses pessoais acima dos interesses do país?”. O Proponente que segue a linha de raciocínio de Cantanhêde faz sua contribuição ao texto opinativo quando questiona retoricamente o que esperar do presidente, tendo em vista suas tomadas de posição como mais voltadas para seu benefício próprio.

F. B. entende que a pessoa mencionada por W. E. seja “Catanhede”, quando diz: “essa Eliane Catanhede já passou do limite faz tempo”. Observemos que, mesmo entendendo seu interlocutor erroneamente, encara-o como seu conivente na estrutura actancial. F. B. se utiliza do pronome demonstrativo dêitico “essa”, indicando um distanciamento depreciativo, além de citar seu nome equivocadamente, confirmando esse tom de afastamento. O contra-argumento de F. B. desqualifica, pois, não a tese de Cantanhêde, mas a sua conduta enquanto

sujeito social que possui posicionamentos diferentes. Estamos diante de um argumento *ad hominem*, que será recorrente no decorrer da interação nos comentários.

A desqualificação do outro no nível do *ethos* persiste nos comentários dos Oponentes L. R. C. A., E. B. C. e M. R. K. O primeiro, em tom machista, insinua que Cantanhêde possui algum problema emocional perante o presidente Bolsonaro, sugerindo, ironicamente, que ela busque auxílio<sup>54</sup>, porque “até 2026 nao tem cura”, sugerindo, também, que o presidente presidirá o país até o referido ano. O segundo Oponente da tese da colunista, E. B. C., deprecia sua imagem civil quando a chama de “repórter inútil!”. Constatamos, na construção de seu enunciado, o distanciamento entre esses actantes, quando E. B. C. confunde o ofício de Cantanhêde a designando de repórter.

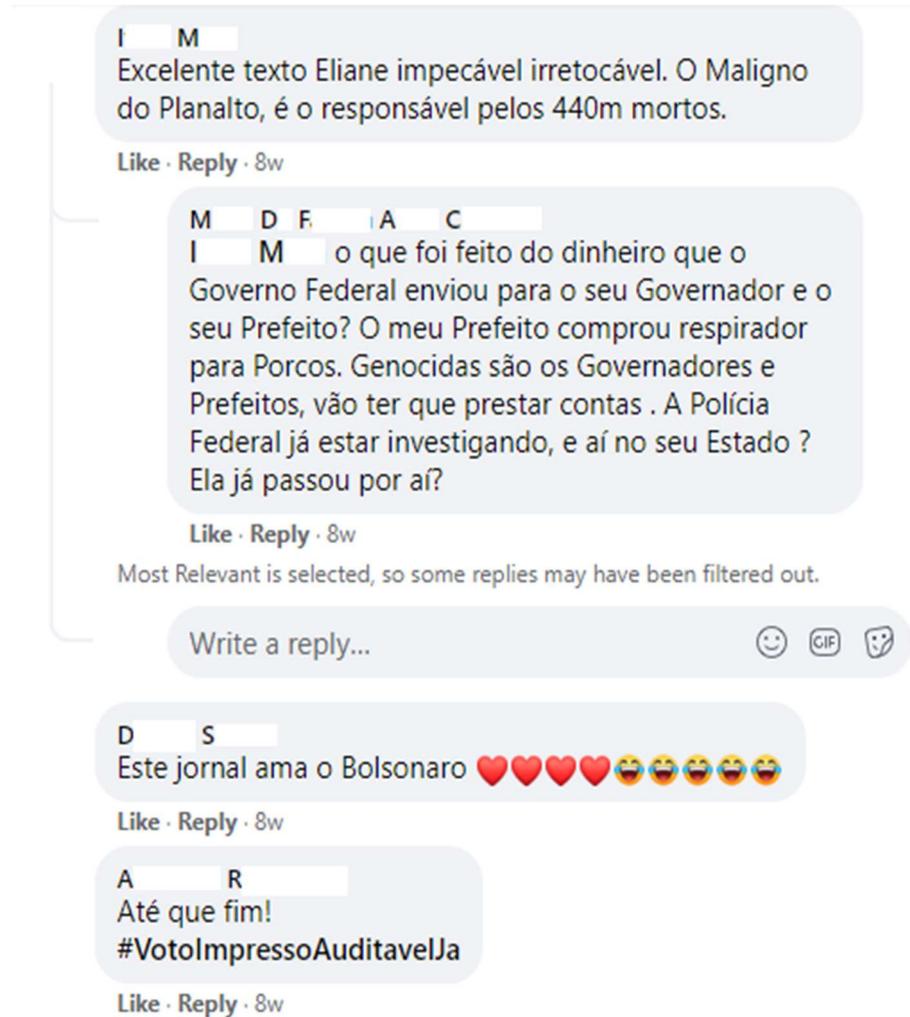
Por fim, M. R. K. se constitui também como um Oponente da tese da jornalista Eliane, desqualificando o seu argumento como “uma idéia fixa, pura obsessão” e como “lero lero que irá se prolongar até 2026, com a ajuda de Deus misericordioso”, e, na seguida, com a *hashtag* “#BolsonaroAte2026”. Vemos o apelo que o Oponente M. R. K, assim como L. R. C. A, faz ao implícito de sua previsão de que o presidente irá presidir o país até 2026. O actante desacredita, para além do argumento, o *ethos* de sua Oponente, ainda que abrangesse esse julgamento para um grupo: “gente doente”. É de se notar, também, a figura importante que o actante leva para o seu argumento: “a ajuda de Deus misericordioso”. Esse apelo à imagem de Deus se configura como uma das marcas dos discursos direitistas, principalmente no que tange ao lema da presidência de Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

A seguir, no segundo bloco, descrevemos e analisamos novas interações a partir da referida postagem, em que os actantes defendem suas causas se utilizando de referentes pertencentes à dualidade do bem *versus* mal, expressando ironia por meio de *emojis* e por reivindicações em *hashtag* que não necessariamente se encontram no conteúdo do texto opinativo. Enfim, uma variedade de recursos persuasivos que, tendo prontas respostas ou não, ficam à vista do Terceiro a ser influenciado nesse espaço cibernético.

Figura 11 – Continuação 1 das interações conflituosas sobre o texto “Um ri, outros choram”

---

<sup>54</sup> Diante de uma das políticas públicas de reparação aos danos causados pela pandemia às famílias brasileiras, o termo “auxílio” pode ter sido designado pelo actante como no sentido de “auxílio emergencial” ironicamente. Ademais, L. R. C. A., pelo seu recurso à ironia, induz o Terceiro a pensar que Cantanhêde deveria/poderia ser demitida de sua função na empresa Estadão.



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/5443669258981425>. Acesso em: 06 jul. 2021.

O actante I. M. apoia a tese de Cantanhêde e aprecia tanto o texto quanto a autora, como se pode ver no trecho “Excelente texto Eliane impecável irretocável.”, e prossegue referenciando o presidente Bolsonaro como “o Maligno do Planalto”, atribuindo a culpa a ele pelos mais de quatrocentos mil mortos pela doença COVID-19. Percebemos, a partir deste comentário, que a linha tênue entre *logos* e *ethos* não se dá apenas pelo descrédito (argumento *ad referendum* e argumento *ad hominem*, respectivamente), mas também pela concordância, isto é, o projeto de dizer de um indivíduo se faz intrínseco à sua imagem civil. Constatamos, ao analisar estes comentários da referida postagem, que tais apreciações tanto do texto quanto de sua autora não retomam diretamente seu conteúdo, sugerindo que apenas o *ethos* de Cantanhêde seja o suficiente para conseguir adeptos à sua causa. Esse aspecto nos faz refletir se os comentadores das interações desses blocos em análise realmente leram o conteúdo do texto postado.

M. D. F. A. C. emerge na interação a polemizando, a partir de sua resposta à tese de I. M., quando lança uma série de questões à sua Oponente sobre a conduta dos governadores

e prefeitos para o trabalho de atenuação da pandemia, livrando o presidente de qualquer culpa: “o que foi feito do dinheiro que o Governo Federal enviou para o seu Governador e o seu Prefeito? o meu Prefeito comprou respirador para Porcos”. A intenção do Oponente, aqui, é responsabilizar, por meio de questionamentos, o executivo estadual e municipal das mazelas administrativas na pandemia, utilizando como exemplo sua própria condição de vítima desses descasos. “Genocidas são Governadores e Prefeitos, vão ter que prestar contas.”. O termo “genocida” evocado é trazido pelo Oponente explicitamente, contrariando a afirmação do Propo- nente que atribui a culpa ao executivo federal. M. D. F. A. C continua questionando: “A polícia federal já estar investigando, e aí no seu Estado? Ele já passou por aí?”. O Oponente, fazendo perguntas continuamente, estabelece uma situação de embate entre ele e seu Oponente. Confir- mamos que a conversação típica desse espaço midiático não tem continuidade. Essa observação resguarda, pois, uma das características desse espaço digital da plataforma *Facebook*, que não impede, nitidamente, de essa relação entre Oponentes mútuos se manter conflituosa.

D. S. se constitui como Oponente da tese de Cantanhêde por meio de uma paráfrase, insinuando seu “problema emocional” com o presidente e sua fixação para com ele. O actante se utiliza do posicionamento “Este jornal ama o Bolsonaro”, seguindo com *emojis* de corações e de risos. Aqui se manifesta a ironia, tendo em vista que o Estadão está vinculando um texto crítico à conduta de Bolsonaro frente à pandemia. Ou seja, sabemos do posicionamento de D.S, a partir do que ele mostra, interdiscursivamente, da sua relação com o presidente e com o jornal. Assim como D. S., A. R. também se apresenta como Oponente da tese da colunista quando, embora não se faça entendível em sua sentença “Até que fim!”, demonstra seu apoio à Proposta de Emenda à Constituição (PEC), puxada pelo presidente Jair Bolsonaro, que tinha como intuito defender o voto impresso auditável, com o fim de evitar fraudes nas eleições: “#VotoImpresso- AuditavelJa”<sup>55</sup>.

Neste bloco, avistamos posicionamentos que se direcionam à culpabilidade/incul- pabilidade do presidente Bolsonaro (executivo federal) e de prefeitos e governadores atuantes na redução dos efeitos da pandemia, no que tange à gestão de verbas (executivo municipal e estadual, respectivamente). É preciso chamar atenção para o fato de que essa informação não está presente necessariamente no texto original, que versa basicamente em termos de quebra de patentes. Digressões desse tipo são comuns nesse tipo de interação. Os interlocutores também

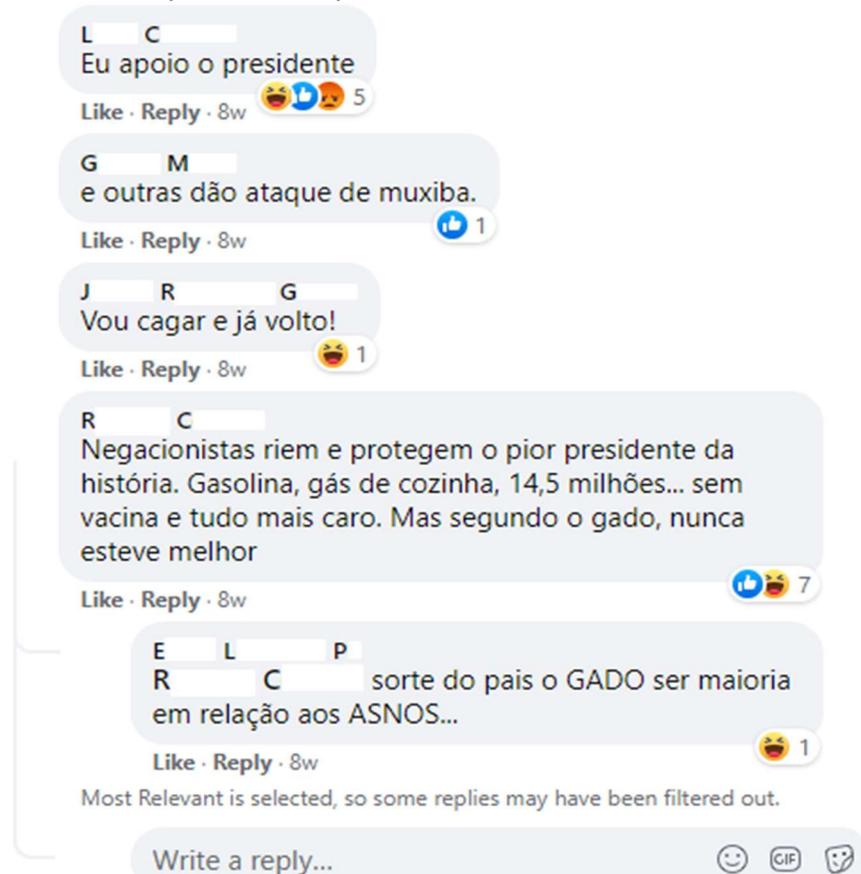
---

<sup>55</sup> Tendo em vista que o comentário foi postado enquanto estavam no auge as discussões sobre o voto impresso, acreditamos que esse posicionamento tenha advindo de *softwares* que permitem que comentários sejam postados automaticamente. Também defendemos que ocorrências como essa se fazem comuns, na medida em que o jornal e a jornalista têm extensa adesão do público.

apelam para questões mais abrangentes trazidas por eles próprios, podendo não se referir diretamente às proposições presentes no texto opinativo, mas a pontos ideológicos gerais que abrangem os posicionamentos circulantes na postagem.

No último bloco desta interação, seguem elementos opostos referentes à tese de Cantanhêde, sejam aquelas que apenas carregam reações tanto harmônicas (a curtida, por exemplo) quanto contrárias (o “haha”, o “grr”, por exemplo)<sup>56</sup>, sejam aquelas que são respondidas por seus Oponentes por argumentos concretos.

Figura 12 – Continuação 2 das interações conflituosas sobre o texto “Um ri, outros choram”



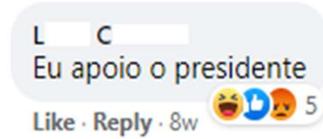
Fonte: <https://www.facebook.com/estadoa/posts/5443669258981425>. Acesso em: 06 jul. 2021.

L. C. se mostra na polêmica como Oponente da tese levantada pela colunista Cantanhêde pela simples sentença: “Eu apoio o presidente”, tomada de posicionamento generalizado em primeira pessoa que demarca sua subjetividade perante sua posição política. Argumento suficiente para situá-lo no outro extremo da polarização existente entre anti-bolsonaro e pró-bolsonaro. Como dito acima, faz-se relevante nos atentarmos às reações deixadas em seu

<sup>56</sup> Queremos dizer que as reações em comentários ou em postagens não representam a própria interação polêmica, uma vez que se precisa dos três movimentos básicos para que a interação seja considerada como tal, a saber, a dicotomização de teses, a polarização social e o descrédito do adversário.

comentário, que conta, na sua maioria, por “haha”, utilizado por internautas para demonstrarem sarcasmo. Também vemos a curtida, que orienta a interação para o consensual, e o “grr”, utilizado em um tom de repulsa, como podemos ver destacado na figura 13.

Figura 13 – Reações por *emojis* de um comentário



Fonte: <https://www.facebook.com/estadao/posts/5443669258981425>. Acesso em: 06 jul. 2021.

G. M., por sua vez, diz: “e outras dão ataque de muxiba”, direcionando uma indireta à articulista, que estaria fazendo jus ao seu substrato “mesquinho” por meio do artigo. J. R. G., ao dizer que irá fazer suas necessidades fisiológicas, seguida de um “... e já volto”, demonstra indiferença ao conteúdo da postagem, o que nos sugere que ele se construa na interação como um Oponente da tese da colunista. R. C., por sua vez, corresponde à ideologia de Cantanhêde ao já nomear o público apoiador de Bolsonaro como “negacionistas”, que “riem e protegem o pior presidente da história”, quando o actante cita exemplos sociais, como “gasolina, gás de cozinha”, “14,5 milhões de pessoas que vivem na extrema pobreza”, “sem vacina e tudo mais caro”. Porém, alega que, para os apoiadores do presidente, referenciados por R. C. como “gado”, a situação do país nunca esteve melhor. E. L. P., Oponente de R. C., emerge na interação conflituosa ao dizer: “sorte do país o GADO ser maioria em relação aos ASNOS”, aludindo que, se por um lado há “gados” apoiando o presidente, eles são a maioria em relação aos “asnos”, estes apoiadores da esquerda designados como tal. É importante destacar a formulação desse argumento: a expressão *gado*, geralmente utilizada em acepção pejorativa, é resignificada, perdendo esse caráter negativo, uma vez que adquire novo valor em contraposição a *asno*. As diferentes tomadas de posicionamento serão sintetizadas no quadro a seguir, no quadro 6.

Quadro 6 – Formas de tomada de posicionamento e seus respectivos actantes

Formas de tomada de posicionamento	Actantes da interação correspondentes
Argumento com reivindicação/injunção	A. R.
Uso de expressões populares metafóricas/irônicas/chulas	G. M.; J. R. G. D. S.
Argumento com razoável grau de aprofundamento/desenvolvimento	I. M.; R. C.
Remissão a personalidades e instituições	M. D. F. A. C.

Generalizações/afirmações sem dados	L. C. W. E.
Descrédito do adversário ( <i>ad hominem</i> )	F. B.; L. R. C. A.; E. B. C.; M. R. K.

Fonte: Elaboração própria.

Vemos que os dados apresentados demonstram uma forte oposição de posicionamento que ultrapassa o nível do texto: a proponente Eliane é atacada em sua imagem civil, pelo argumento *ad hominem* (descrédito do adversário a nível do *ethos*). Percebemos que estruturas sociais, bem como o machismo, perdura numa interação que tem como principal elemento a posição de uma mulher que se opõe à gestão do governo relativa à pandemia. É provável que todo esse desmerecimento direto à pessoa de Cantanhêde, de acordo com a explanação dos dados, não aconteceria se o Proponente fosse um homem, o que pode nos remeter à necessidade de discutir a organização social polarizada que abarca tais conversações, marcadas, em sua essência, por ideologias.

Outro aspecto bastante visto também foi o uso de expressões populares de base chula, o que demonstra uma certa antipatia ao conteúdo veiculado na postagem (o posicionamento político de Cantanhêde). Relacionado a esse fator, também consideramos as condições da própria plataforma que abarca tais conversações, a qual não estabelece filtros para os sujeitos argumentarem. Os argumentos generalizados e sem dados também ocupam lugar importante para nossa análise, tendo em vista que o espaço dos comentários na plataforma *Facebook* não exige aprofundamentos nas discussões. O actante é livre para iniciar uma discussão, ou para, simplesmente, abandoná-la, de forma que se demanda uma contribuição sucinta, mesmo não havendo restrição de caracteres por postagem.

A modalidade argumentativa em voga nesta interação corresponde, em sua totalidade, à polêmica. Ainda que esta se distancie do julgamento de que seja desregrada, esse aspecto observado nos comentários reforçam o teor conflituoso subjacente a ela. Seu registro discursivo também desempenha a figura de consonância, uma vez que os Oponentes se valham de trocas de insultos, além de atingirem a própria jornalista autora do texto. A situação discursiva, dado o seu caráter contextual, contribui para a virulência demarcada nesta conversação, pois as condições de produção do artigo de opinião, bem como a autoria feminina e sua oposição à conduta do presidente da república federativa frente ao combate à pandemia, são suficientes para as discussões inflamadas se mostrarem como tal.

Reiteramos, portanto, o caráter funcional e democrático dessas interações que não se movem pelo consenso. Argumentações em colunas de jornais, em notícias ou no espaço dos

comentários do *Facebook* demarcam posições ideológicas, que se constituem frente a outras posições, e que são manifestadas interdiscursivamente, via gêneros textuais. Procuramos assumir a modalidade argumentativa polêmica como um exemplo de prática social válida, uma vez que ela permite garantir o bom andamento dos debates sociais que têm como pautas assuntos públicos, não sendo de exclusividade de interações consensuais.

### 4.3 Análise da interação polêmica poligerida acerca da conduta de Jair Bolsonaro acerca da compra da vacina CoronaVac

Vejamos, a seguir, a descrição e análise de interações polêmicas a partir da postagem da página G1 – O Portal de Notícias da Globo de uma *webnotícia* sobre medidas sanitárias de compra de doses da vacina CoronaVac. Este foi tema que marcou o início das agitações da opinião pública sobre a vacinação e a imunização contra a COVID-19 no auge da pandemia em 2021, e, conseqüentemente, sobre a conduta do governo federal frente ao combate contra o vírus.

Figura 14 – Postagem da página G1 – O Portal de Notícias da Globo no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Como observado, a página G1 – O Portal de Notícias da Globo, no dia 19 de janeiro de 2021, publicou uma notícia sobre os desdobramentos de ações coletivas referentes à vacina para a COVID-19. O diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, cobrou do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal<sup>57</sup>), a sua defesa pela aquisição dos insumos necessários para a fabricação da vacina CoronaVac<sup>58</sup>. Ela é responsável, dentre outras vacinas em execução, pelo controle da patologia, considerando o estado de calamidade do sistema público de saúde do Brasil, em decorrência do coronavírus.

Até o momento, manifesta-se uma questão polêmica, que, por apresentar uma proposição de cunho político e sanitário, dará ensejo aos sujeitos para manifestarem seus posicionamentos conflituosos (a questão polêmica, por si, não atualiza a dicotomização, apenas mostra o evento público). Essa questão polêmica é apresentada pela postagem do referido portal. Logo após a legenda da postagem, há um *link*, que encaminha o leitor a uma *webnotícia*, que, por sua vez, apresenta os fatos mais detalhadamente. Também há a *hashtag* #G1<sup>59</sup>, recurso on-line que facilita o acesso dos usuários à página e aos seus conteúdos e, conseqüentemente, atualiza a polêmica em cena.

Como já foi dito acima, a postagem não revela uma polêmica propriamente dita, e, sim, uma questão polêmica, que pulula uma gama de (contra)discursos no espaço público. Isso porque é revelado um assunto que, pelo seu teor político que se dá numa esfera ampla no país, propaga a disseminação de teses que, naturalmente, irão se opor a outras. Exemplos são os altos números de reações, com aproximadamente 80 mil; de comentários, com aproximadamente 11 mil; e de compartilhamentos, com um número aproximado de 8.600<sup>60</sup>. A seguir, é apresentado um panorama dos comentários dos internautas da postagem já apresentada.

Figura 15 – Rede de comentários da postagem

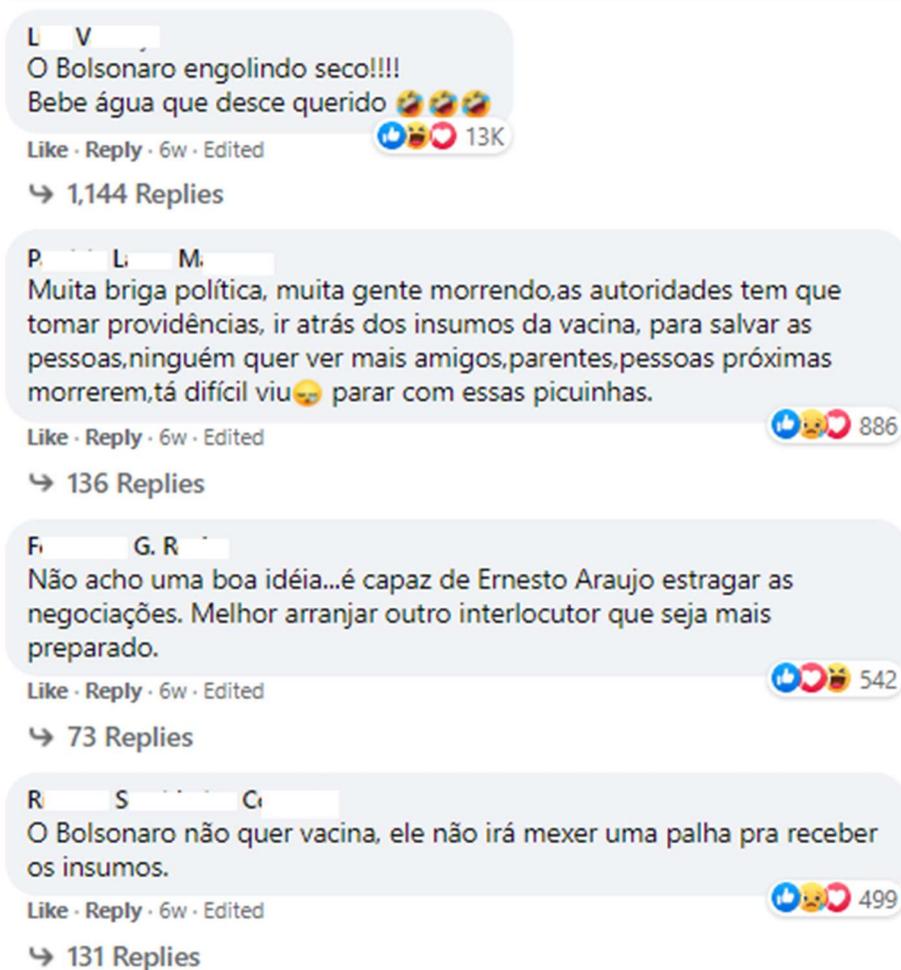
---

<sup>57</sup> Bolsonaro não estava filiado a um partido político há dois anos até o final de 2021, quando assinou sua ligação com o Partido Liberal.

<sup>58</sup> A marca da vacina para a COVID-19 CoronaVac é de origem chinesa e é fabricada pelo instituto Butantan. Ela foi uma das primeiras a serem adquiridas pelo governo federal do Brasil para a vacinação em massa no país.

<sup>59</sup> Reconhecemos, desse modo, a importância das *hashtags* para a constituição e atualização da polêmica nas redes, na medida em que esse recurso tecnolinguageiro orienta argumentações, pontos de vista e cria embates, segundo Silva (2020).

<sup>60</sup> Números considerados até o momento da coleta de dados.



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

De acordo com a amostra dos primeiros comentários da postagem, observa-se o alto grau de engajamento indiciado pelos comentários (identificado pelos números de respostas), que, por essa característica, são classificados como “mais relevantes”<sup>61</sup>, e que gozam, por essa razão, de maior destaque na postagem. As reações dão pistas da dicotomização que há a partir de cada comentário, mas esse embate de teses só é verificado nos debates no decorrer das interações, por se mostrarem na materialidade textual e discursiva.

Tal como se mostra na figura em destaque, os Proponentes se utilizam de seus argumentos para expor o que pensam sobre a *webnotícia* apresentada, evocando suas percepções acerca dos sujeitos envolvidos nela. Alguns comentários revelam, nitidamente, uma determinada posição ideológica, como por exemplo L. V. e R. S. C. Já outros transparecem uma superficialidade, ao passo que recorrem a uma explanação de questões mais amplas, não opinando sobre o conteúdo da postagem especificamente, como é o caso de P. L. M. E são os comentários

<sup>61</sup> É do cargo dos algoritmos o cálculo matemático que se faz para destacar os comentários com maior engajamento, enquadrando-os como “mais relevantes”. É um exemplo da atuação em potência dos algoritmos na experiência virtual dos sujeitos.

que atualizam a polêmica nas suas réplicas, como um bate e volta de argumentos que se chocam. A polêmica é, pois, formada pelo resultado de um significativo encadeamento de comentários dicotômicos de natureza interdiscursiva nesse espaço público, o qual analisaremos no decorrer deste capítulo.

A começar, o actante L. V., ao dizer “O bolsonaro engolindo seco!!!! Bebe água que desce querido”, utiliza uma expressão popular “engolir seco” e o referencia ironicamente como “querido”, num tom de deboche para designar a posição do presidente Jair Bolsonaro quanto à situação de pressão submetida a ele no que tange à compra de materiais necessários para a fabricação da vacina de origem chinesa. Apesar de seu comentário não constituir uma sequência argumentativa, sua argumentação se volta para um contradiscurso que desqualifica o discurso apoiador de Bolsonaro, pois a expressão popular “engolir seco” designa que, ao não responder a uma ofensa, injustiça ou humilhação, Bolsonaro teria de engolir tal “desaforo”. O actante também se vale de *emojis* de riso, confirmando o caráter de zombaria de seu comentário. É importante verificar que o actante dirige-se diretamente ao Bolsonaro, confirmando uma prática de ataque necessariamente à imagem civil deste.

Já P. L. M. utiliza a ferramenta tecnodiscursiva com maior formalidade, se comparado a L. V., ao passo que lamenta a atual situação política e sanitária do país, e reivindica providências das autoridades políticas para que seja agilizada a produção da vacina e, consequentemente, evitada a perda de pessoas queridas. Ele avalia a gravidade da situação ao dizer “tá difícil viu parar com essas picuinhas”, ao se referir à polarização política presente no país entre apoiadores de Bolsonaro e seus contrários, divisão ideológica de grupos que se mostrou mais proeminente durante a pandemia pelos discursos polêmicos do presidente.

F. G. R., outro actante que se posiciona no espaço dos comentários da postagem, mostra-se seguro ao contrariar a estratégia política de planejamento da vacinação da CoronaVac pelo diálogo do governo brasileiro com a China via Ernesto Araújo, até então ministro de relações exteriores. Para o sujeito comentador, Ernesto é despreparado e pode “estragar as negociações”, e, por fim, sugere que a interlocução ocorra por meio de outro profissional. R. S. C., por sua vez, é enfático quando afirma que “bolsonaro não quer vacina”, e antevê que o presidente “não irá mexer uma palha pra receber os insumos”.

Esse panorama de respostas à notícia do posicionamento de Dimas Covas demarca o avivamento da situação discursiva que parte do tratamento de um assunto importante para a atual sociedade brasileira. Cada comentário aponta para proposições cujas ideologias e racionalidades são válidas (por mais que possam ser desacreditadas pelos seus oponentes). Para elucidar a posição de cada actante da interação dessa amostra de comentários, lançaremos algumas

observações: L. V., diferentemente dos outros actantes, não lança uma tese, e, também, não responde, diretamente, à tese do diretor do Instituto Butantan. Os demais comentadores, tais como P. L. M. e R. S. C., também iniciam a interação não retomando, diretamente, a tese exposta na postagem, com exceção de F. G. R., que comenta, sem desvios, a articulação de negociação da compra da vacina CoronaVac por intermédio de Ernesto Araújo<sup>62</sup>. De todo modo, esses actantes se constituem como Proponentes, pois lançam suas proposições e iniciam, a partir de suas falas iniciais, uma rede de interações que se desenvolverão pelo conflito. Mostraremos que é praxis na conversação no espaço dos comentários do *Facebook* o desvio de tópico referente ao assunto principal (a questão polêmica) da postagem no quadro 7.

Quadro 7 – Relação de modos de tomadas de posicionamento perante a notícia.

Tese: Precarização do Governo Federal em relação à aquisição de insumos para a vacina CoronaVac	
Resposta direta à tese	Resposta genérica sem retomada
F. G. R.	L. V.
	P. L. M.
	R. S. C.

Fonte: Elaboração própria.

Para todos os efeitos de propagação das teses dos internautas, ora haverá concórdias ora haverá refutações a partir dessas respectivas ideias. Os sujeitos comentadores compartilham dos papéis actanciais Proponente e Oponente no debate polêmico, correspondendo à mobilização de três movimentos principais da teoria: a dicotomização, a polarização social e o descrédito do adversário.

Analisemos, agora, a continuidade da interação que parte do primeiro comentário, de autoria de L. V., que ironiza a situação de Jair Bolsonaro por meio de piadas. Poderemos averiguar a mobilização da figura actancial do Oponente<sup>63</sup>, que proporciona o desenrolar da interação.

Figura 16 – Respostas ao comentário de L.V., no *Facebook*

<sup>62</sup> Entretanto, confirmamos que todos esses comentários são pululados pelo teor temático da notícia postada, visto que eles não são alheios a ela por serem diversos em sua formulação.

<sup>63</sup> Compartilhamos da ideia de que o actante realiza uma ação dupla quando se dispõe na interação polêmica, ao passo que ele se opõe ao seu oposto, isto é, fazendo jus à figura de Oponente, ele também pode propor sua tese desqualificante, isto é, ele também será Proponente.

L. V.  
O Bolsonaro engolindo seco!!!!  
Bebe água que desce querido 🤔🤔🤔  
Like · Reply · 33w · Edited 10K

^ Hide 50 Replies  
Most Relevant is selected, so some replies may have been filtered out.

M. S.  
L. V. com água ainda desce rasgando 🤔🤔  
Like · Reply · 33w 194  
↳ 110 Replies

A. M.  
L. V. No cuspe. 🤔🤔  
Like · Reply · 33w 13

R. P.  
L. V. ENGULA  
<https://noticias.r7.com/.../em-video-lula-disparou-ainda...>

NOTICIAS.R7.COM  
Em vídeo, Lula disparou: 'Ainda bem que natureza criou coronavírus'  
Like · Reply · 33w 63  
↳ 22 Replies

C. M.  
L. V. a Cloroquina tá descendo seco 🤔🤔  
Like · Reply · 33w 47

Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Os comentários mais relevantes da interação mostram uma massa de posicionamentos que são congruentes com o comentário principal, o que releva a formação de um grupo de pessoas que compartilham de uma mesma ideologia. A esse reagrupamento daqueles que se assemelham, chamamos de polarização social (AMOSSY, 2017), ressaltando que esse fenômeno social não se resume apenas a diferenças de posicionamentos, mas que também aponta para convergências. M. S. reforça o tom de zombaria da proposição de L. V., afirmando que, mesmo com água (elemento que facilitaria o processo de engolir), “ainda desce rasgando”. A. M., semelhante à M. S, responde: “no cuspe”, recorrendo à expressão popular com teor sexual para demarcar a intensificação do ato de caçoar da figura do presidente.

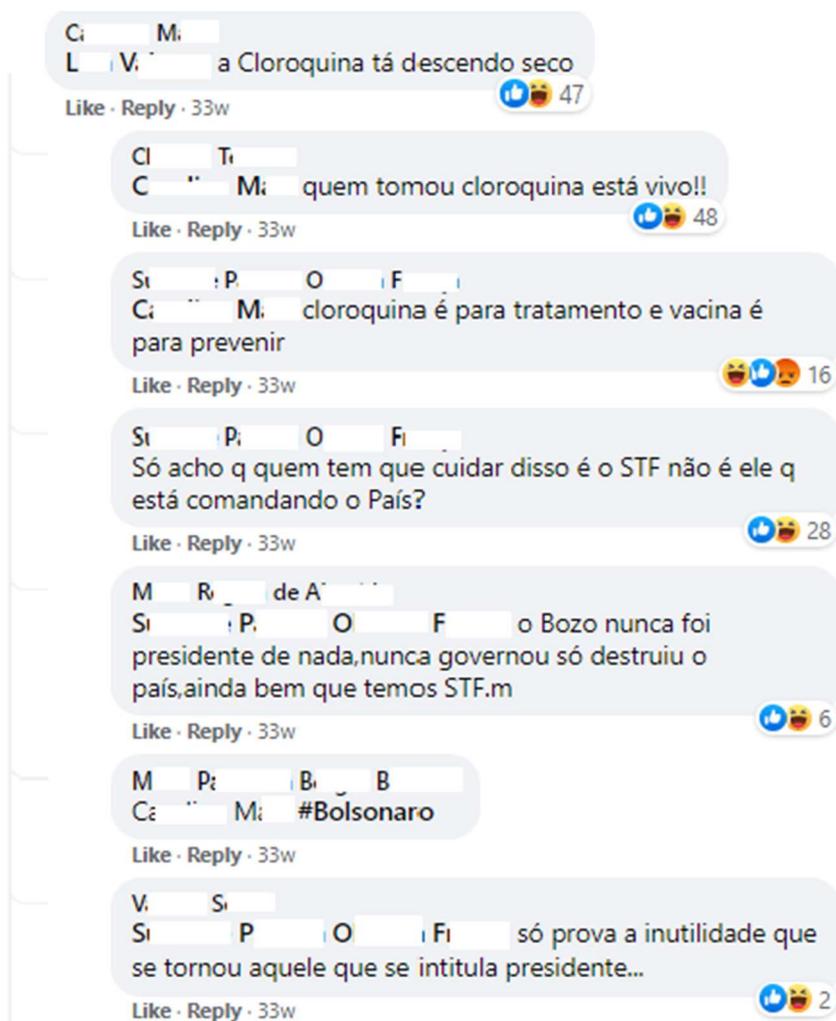
O primeiro Oponente emerge na interação utilizando-se apenas do termo “engula”, de modo a retomar o verbo empregado por sua Oponente, L. V. O verbo “engolir” no seu modo imperativo demarca uma forte objeção ao comentário anterior, dotada também de teor chulo. Juntamente com esse contraposicionamento, R. P. anexa, no seu comentário, uma notícia de uma declaração feita pelo ex-presidente Lula (opponente político de Bolsonaro), que afirmou:

“ainda bem que a natureza criou o coronavírus”. Vemos que a estratégia argumentativa intertextual de R. P. reforça uma espécie de rebate de posicionamentos que põem à prova a imagem dos políticos, uma vez que se possa aderir ao raciocínio de que, embora Bolsonaro esteja sendo criticado, Lula também tem “teto de vidro”. Portanto, o posicionamento de L. V. seria aniquilado, devido à sua suposta preferência política (também) ter cometido uma falta na sociedade por causa de sua colocação infeliz. Trata-se de uma dicotomização de teses que não se aproximam, no sentido de representar apoios mútuos concernentes a um mesmo prisma temático, que, no caso, é a necessidade da defesa de Bolsonaro perante a aquisição dos insumos para a vacina CoronaVac.

C. M. entra na interação polêmica e introduz o referente “cloroquina”, remédio apontado por líderes políticos como eficaz para o tratamento contra a COVID-19, inclusive pelo próprio presidente Jair Bolsonaro, porém sem eficácia comprovada por estudos médicos. C. M., ao dizer “cloroquina tá descendo seco”, faz referência à figura do remédio (tomada, até então, como marca do posicionamento político de Bolsonaro e de seus grupos).

O comentário do Proponente C. M. encadeou uma série de comentários com teses divididas entre a eficácia da cloroquina para o tratamento da COVID-19 e a sua ineficácia, e também opiniões que punham em pauta a responsabilidade do presidente *versus* a responsabilidade do Supremo Tribunal Federal no processo de negociação da compra dos materiais para a vacina. Vejamos a seguir a figura 17.

Figura 17 – Respostas ao comentário de C. M., no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

O tema da cloroquina se expressa a partir do comentário de C. M., corroborando uma gama de posicionamentos acerca de sua (in)eficácia. Ao afirmar que “quem tomou cloroquina está vivo”, o Oponente C.M. defende a tese de que o tratamento precoce seja eficaz, tendo como fundamento de seu argumento o fato de que quem tomou a cloroquina está vivo, isto é, ninguém veio à óbito<sup>64</sup>. Outro Oponente, S. P. O. F., entra na situação polêmica e lança sua tese defendendo a eficácia dos medicamentos vermífugos e antiparasitários: “cloroquina é para tratamento e vacina é para prevenir”. Desse modo, S. P. O. F., contraria C. M., embora mostre sua visão perante a vacina enquanto intervenção de prevenção.

S. P. O. F. também se posiciona no espaço de respostas do mesmo comentário, questionando que o presidente do país não deveria ser cobrado pelo certame de negociação de compra de insumos para a vacina, e, sim, o Supremo Tribunal Federal (STF), tendo em vista

<sup>64</sup> Percebemos que esta tese, assim como diversas outras dispostas nesta análise, não é apresentada com dados, o que fomenta o caráter raso dos argumentos típicos dos comentários do *Facebook*.

que é ele quem tem que “cuidar disso”. Aqui, apela-se para o interdiscurso, uma vez que a razão pela qual seu argumento se atente para a atribuição da culpa ao STF seja a de que o interlocutor queira proteger seu político das acusações de seus Oponentes. O interdiscurso abarca pelo menos dois tipos de discursos: aquele que não acredita que Jair Bolsonaro seja o responsável pelo atraso da compra dos insumos para a vacina por ele não estar comandando o país, e aquele que defende que o presidente Bolsonaro, sim, seja o culpado pela mazela, tendo em vista que ele está como dirigente do país, por ocupar o cargo de presidente da república.

M. R. de A., Oponente de S. P. O. F., inverte os papéis: o STF se constitui como um conforto para o país, a despeito da figura do presidente Jair Bolsonaro, ao dizer: “o Bozo<sup>65</sup> nunca foi presidente de nada, nunca governou só destruiu o país, ainda bem que temos o STF”. M. P. B. B., Oponente de C. M., mostra-se apoiador à atual presidência ao apenas usar a *hashtag* “#Bolsonaro” em seu comentário. V. S., ao responder o comentário de S. P. O. F., utiliza a menção do nome de seu Oponente para designá-lo como sujeito da seguinte oração: S. P. O. F. “só prova a inutilidade que se tornou aquele que se intitula presidente...”, referindo-se, implícita e refutadamente, ao presidente Bolsonaro, por não o mencionar no plano de seu registro discursivo e por negar o seu crédito pela sua posição na república federativa.

M. R. de A. e C. M. mostram-se como Proponentes da tese de que Jair Bolsonaro pecou no que diz respeito aos esforços necessários para que a vacinação no Brasil ocorra como o necessário, opinião suscitada pelo sinal de alerta de que Dimas Covas faz ao apelar, publicamente, para o presidente defender a vacina. Podemos constatar os argumentos utilizados por esses Proponentes como variados em seu registro discursivo, ora não sendo como constituídos de uma tese propriamente dita, como é o caso de C. M., ora como argumentos possuidores de teses mais qualificadas, quando expõem um ponto de vista melhor articulado, como por exemplo o caso de M. R. de A.

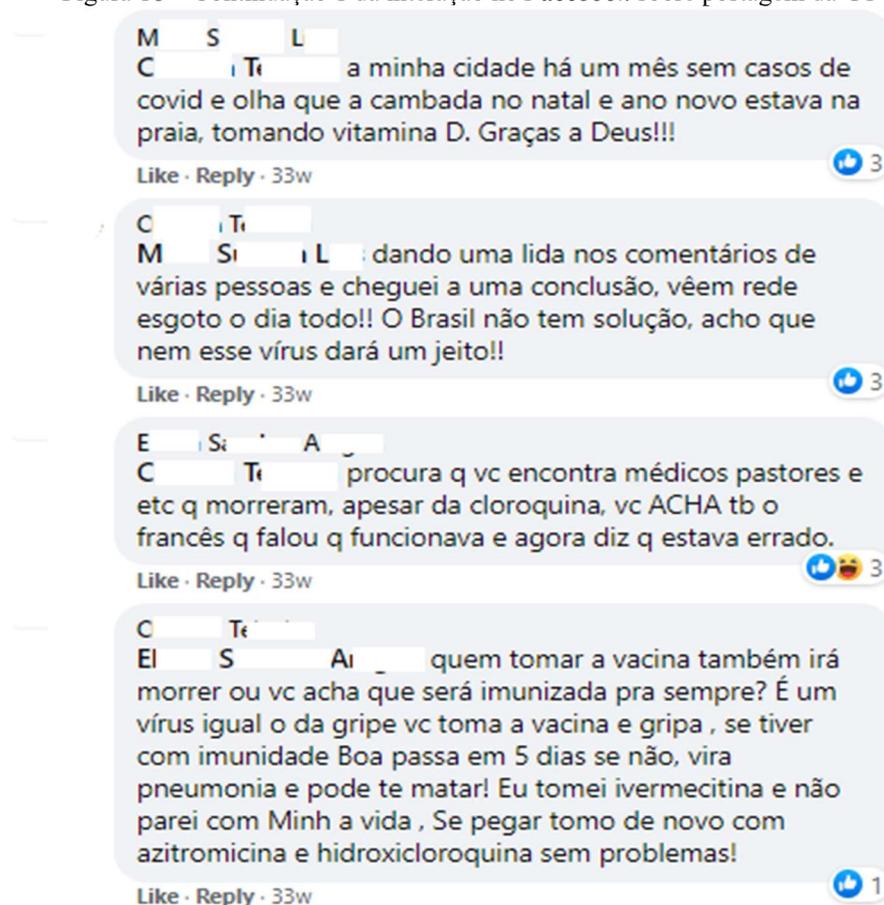
Desse modo, como Oponentes de M. R. de A. e de C. M., temos C. T., S. P. O. F. e M. P. B. B., ao sustentarem a tese de que Bolsonaro ou não merece o descrédito de seus contrários pelo fato de a droga cloroquina defendida por ele apresentar eficácia ou por não ser dele a obrigação de lutar pela vacina, e, sim, a da bancada do STF. Vemos que são diversas teses dos mais diversos tipos de construção, tendo em vista a praticidade de manuseamento dos internautas em deixarem marcas de suas posições ideológicas nesse espaço discursivo, fato que não compromete o regramento que Amossy (2017) defende haver na polêmica.

---

<sup>65</sup> Acreditamos que a razão de certos grupos referenciarem Bolsonaro como “Bozo” se deva à semelhança entre os respectivos nomes e pela intenção de taxá-lo de “palhaço”, por este ser um mau adjetivo comum.

A interação a partir do comentário de C. M. continua fazendo referência aos principais temas abordados no início da interação conflituosa, a saber, eficácia/ineficácia da cloroquina, culpabilidade pertinente/impertinente ao presidente Bolsonaro sobre o atraso da aquisição dos insumos para a vacina, e também avaliações gerais sobre o *status quo* da sociedade brasileira, tendo como subjacentes essas questões políticas e sanitárias em pauta. Vejamos agora a continuação da interação, na figura 18.

Figura 18 – Continuação 1 da interação no *Facebook* sobre postagem da G1



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

O actante M. S. L. parece ser influenciado pela posição ideológica de C. T., ao passo que responde a seu comentário servindo-se de um dado generalizado, exemplificando que sua cidade não registrou casos de COVID-19 durante um mês, mesmo após o fato de o público ter ido às praias no natal e no ano novo tomar vitamina D, sugerindo um tom de naturalidade à prática de aglomerações, pela população estar gozando de lazer. Observemos que o fator para essa afirmação foi apenas o de aglomerações em praias, o que caracteriza seu comentário como generalizado. O actante também reverencia Deus pela diminuição do número de casos da doença. Essa remissão a Deus é comum entre os discursos da população conservadora.

C. T., em resposta à M. S. L., faz uma avaliação dos comentários de seus Oponentes, ao afirmar que “vêm rede de esgoto o dia todo”, referenciando, dessa maneira, a Rede Globo de televisão<sup>66</sup>, denominação servindo como um ataque às mídias hegemônicas, e distanciando esse veículo de informação de toda a credibilidade. O actante também faz uma avaliação do estado do país, afirmando que ele não tem solução, e que “nem esse vírus dará um jeito”, mostrando-se “neutro” frente ao estado da pandemia e também ao estado do próprio país, exibindo um posicionamento voluntariamente isento.

E. S. A. se constrói na interação como Oponente de C. T., solicitando que seu contrário pesquise na internet pessoas como médicos e pastores que faleceram de COVID-19 (ou que tenham mudado de ideia sobre a suposta eficácia da cloroquina), embora tenham tomado o medicamento, o qual é defendido pelo seu Oponente. Percebemos que os exemplos de sujeitos que tomaram o medicamento e que, mesmo assim, morreram, utilizados pelo actante, não foram escolhidos aleatoriamente, tendo em vista que vemos na mídia significativos casos de médicos e pastores (bem como também outros sujeitos) que defendem o tratamento precoce.

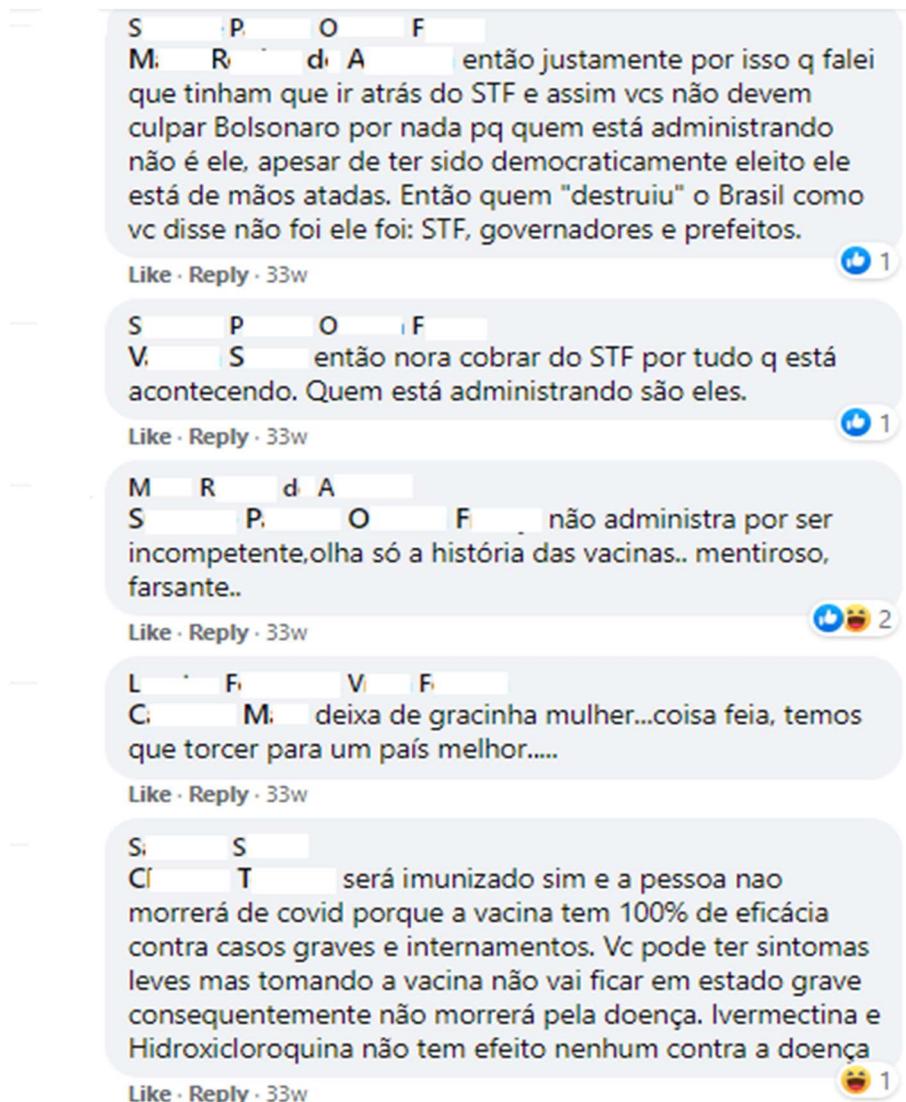
C. T. rebate E. S. A. argumentando, num tom de questionamento, se sua Oponente acha que a imunização pela vacina é eterna, afirmando que quem tomá-la também irá morrer, pois o vírus tem a mesma natureza do vírus da gripe, no qual, dependendo da imunidade do indivíduo, pode avançar o estágio e ocasionar uma pneumonia, levando-o a óbito. C. T. assume que fez uso do medicamento ivermectina sem problemas, e que, caso venha a sofrer o contágio do vírus, irá tomar, novamente, os medicamentos azitromicina e hidroxicloroquina, sem preocupações. Vemos a desinformação que permite o sujeito julgar a natureza da doença COVID-19, equiparando-a com a gripe, comentando também o prazo de dias para que a pessoa melhore após tomar a vacina, que, a depender da imunidade do indivíduo, pode levá-lo a óbito, depois de causar-lhe pneumonia. Estamos diante de uma interação que se aproxima de uma conversação, pois que, nas palavras de Amossy (2017, p. 178), “esse aspecto de disputa pessoal é devido à conversacionalização e à subjetivação subsequente que caracterizam as discussões *on-line*”. Nesse ínterim, vemos um comportamento tranquilo do actante C.T., ao passo que contraria os estudos científicos em prol de uma ideologia que, embora não se faça dominante, mostra-se forte nos discursos da sociedade brasileira: a ideologia antivacina.

A seguir, mostraremos a continuidade da interação na figura 19.

Figura 19 – Continuação 2 da interação no *Facebook* sobre postagem da G1

---

<sup>66</sup> É importante contextualizar que a empresa de televisão Rede Globo, costumeiramente, entra em conflito com o presidente Bolsonaro, e, conseqüentemente, vem sendo atacada também pelos seus seguidores.



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

S. P. O. F., que antes já tinha atribuído a culpa do atraso de vacinação ao STF, em resposta a seu Oponente, M. R. de A., ratifica sua tese tirando a culpa do presidente sobre o atraso em questão. O actante reforça a ideia de que o presidente Bolsonaro não cometeu infração por não estar administrando o país, devido a estar de “mãos atadas”. Uma explicação para esse raciocínio demanda uma análise de como se organizam os poderes do Estado, porém, o que está em voga no raciocínio do actante é a desresponsabilização do poder executivo frente ao dever de oferecer saúde para todos, o que consta nas suas metas e objetivos. Em contrapartida, ao assumirmos que o STF compõe um dos órgãos do poder judiciário, o qual tem como objetivo estabelecer um controle perante os poderes legislativos e executivos, vemos uma inversão de papéis julgada pelo actante S. P. O. F, ao passo que ele nega as atribuições do poder executivo de cumprir com a meta de defender a saúde da população.

O apoiador do presidente ressalta que este foi eleito democraticamente, e que não foi ele quem “destruiu” o Brasil, e, sim, o STF, governadores e prefeitos. Nesse tipo de tomada de posicionamento e nos outros semelhantes, o posicionamento ideológico é evidenciado pela qualificação que é dada ao órgão judiciário e à personalidade política. Nota-se que o actante S. P. O. F. utiliza as aspas para o termo “destruir”, o que acaba indicando uma heterogeneidade, o que significa que ele não assume que o país está destruído, e, que, caso seja tomado como factual essa asserção, não é de responsabilidade do presidente. O aspecto de reivindicação também se faz presente na tese de S. P. O. F., que parafraseia a sua proposição de que a culpa é do STF, quando ele responde a outro Oponente, V. S., convidando-o a cobrar do órgão do poder judiciário tudo o que está acontecendo, pois a administração está sendo feita por ele.

M. R. de A. reforça sua Oponência a S. P. O. F. quando rebate a questão da administração do país, que esta defende ser exclusivamente de cunho do STF, mostrando uma antipatia ao Bolsonaro, desqualificando-o como incompetente, mentiroso e farsante. Aqui, M. R. de A. referencia Bolsonaro como incompetente, mentiroso e farsante, uma interpretação avessa a de sua Oponente S. P. O. F., que julga Bolsonaro não ter culpa no trâmite de atraso da aquisição da compra insumos para as vacinas.

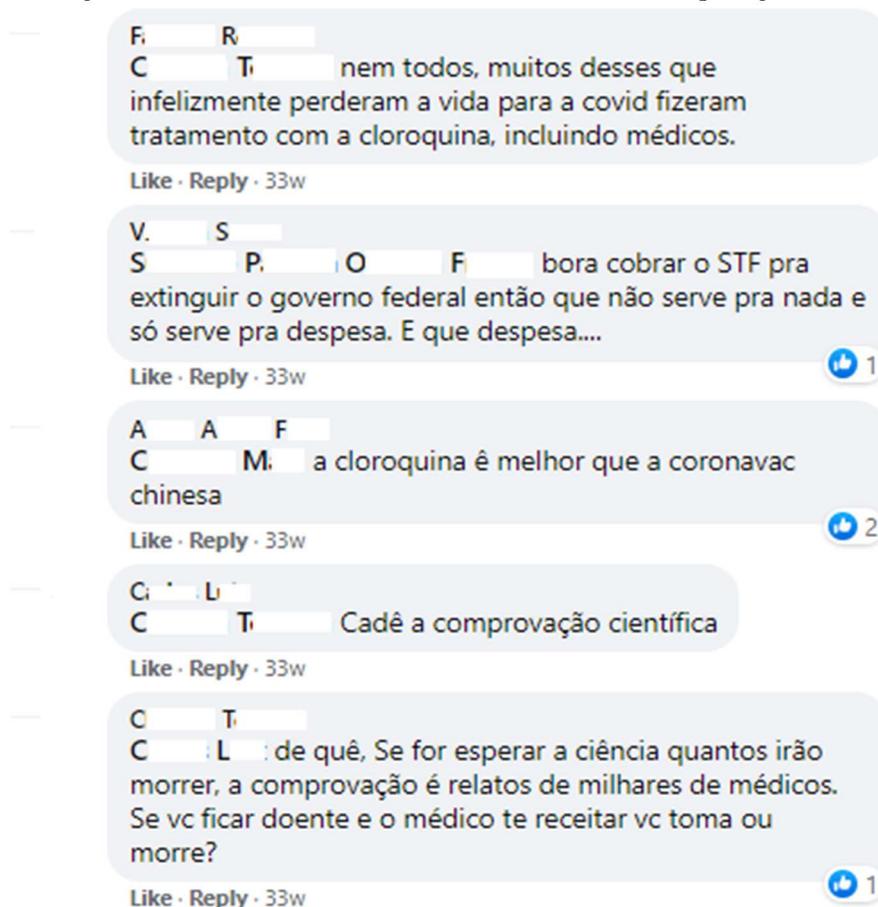
L. F. V. F. emerge na conversação ao desqualificar o comentário de C. M., que marcava alta ironia sobre o presidente da república. O Oponente diz: “deixa de gracinha mulher... coisa feia, temos que torcer por um país melhor...”, deixando lúcido o seu raciocínio de que fazer piadas sobre a posição de Bolsonaro não é pertinente, pois, em vez de fazer gracinha, o que é necessário, naquele momento, era torcer por um país melhor. Esse traço de positividade se constitui como uma das marcas do discurso de apoiadores de Bolsonaro, acompanhado de valorações nacionais, religiosas e das cores da bandeira do Brasil, entre outras.

S. S. se opõe a C. T. quando refuta o seu comentário que defendia a eficácia de medicamentos como hidroxiclороquina e ivermectina. Seu contra-argumento consiste na defesa de que, sim, a imunização ocorre quando o sujeito é vacinado, o que quer dizer que o indivíduo não morrerá, pois a eficácia do antivírus é de 100% contra casos graves e internamentos. Esse contra-argumento é embasado em discurso científico, de maneira que “didatiza” o funcionamento das vacinas. S. S. finda sua tese contrariando C.T, refutando qualquer credibilidade perante as drogas Ivermectina e Hidroxiclороquina, alegando que elas não têm efeito nenhum contra a doença.

A seguir, mostramos a última parte da interação polêmica que circula com base na temática da vacinação em atraso no Brasil. Persistem, até o momento, a ânsia de defesa de órgãos que vem estando na “mira” da opinião pública, STF *versus* Presidência da República

Federativa, e a defesa de medicamentos como Ivermectina e Hidroxicloroquina *versus* defesa da vacina e da ciência.

Figura 20 – Continuação 3 da interação no *Facebook* sobre postagem da G1



Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/4825944807457566>. Acesso em: 14 mar. 2021.

F. R. responde C. T. contrariando sua defesa da tese de que todos os indivíduos que tomaram cloroquina estavam vivos, ainda expondo seu argumento com afirmativas de que várias pessoas, incluindo médicos, foram a óbito em decorrência da doença COVID-19 mesmo se utilizando do respectivo tratamento. Outro actante entra na conversação para deslegitimar as teses de apoio a Bolsonaro: V. S., em resposta a S. P. O. F., faz uso do argumento utilizado pela sua Oponente de que o STF era o responsável pela administração do país para atribuir tal poder para “extinguir o governo federal”, argumentando que ele “não serve pra nada e só serve pra despesa”. Esse tipo de argumento é muito comum no âmbito virtual, pelo fato de os internautas se utilizarem de repetições de discursos de ataque às instituições democráticas. Trata-se de efeitos de interpelação ideológica que não são percebidos pelos sujeitos.

No decorrer da conversação, C. L. coloca a afirmativa de que a cloroquina é melhor do que “a coronavac chinesa”. É importante darmos atenção ao modo como os actantes

referenciam esses grandes campos temáticos polêmicos, que, no caso de C. L., atribui o adjetivo “chinesa” em tom depreciativo da origem dos insumos para esta vacina, posicionamento que é típico da ideologia direitista conservadora. Muito do que tal ideologia prega na sociedade vem do julgamento prévio perante a China, pelo fato de o coronavírus ter manifestado casos primeiramente no referente país, e, conseqüentemente, os insumos para a vacina CoronaVac terem a mesma origem, a qual é julgada pela referida ideologia como comunista.

Por fim, verificamos o embate de duas posições ideológicas contrárias que põem em pauta a confiabilidade da hidroxicloroquina *versus* a sua não confiabilidade. C. L. menciona C. T. questionando a comprovação científica da droga. C. T. responde perguntando a comprovação de quê, mostrando uma barreira forte entre o seu Oponente que dificulta o seu diálogo, tornando este quase impossível. O apoiador do tratamento com a cloroquina complementa seu discurso mostrando que a ciência é demorada, e que se a sociedade esperar por essa comprovação, muitos indivíduos morreriam. Para o actante, a comprovação são os relatos dos médicos. Ele finaliza seu comentário lançando uma questão para C. T.: “se vc ficar doente e o médico te receitar vc toma ou morre?”, ratificando o teor de indignação presente numa pergunta que poria em xeque a validade do argumento contrário ao dele. Tal ratificação também se direciona a uma visão preponderante dos médicos em detrimento da farmacologia e das orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse absolutismo à profissão dos médicos *versus* orientações de órgãos da saúde pública demarca uma outra polêmica.

Até o momento, constatamos que, nessa amostra de interação polêmica no âmbito dos comentários da plataforma *Facebook*, a partir da notícia que aponta para a questão polêmica vacinação no Brasil, são recorridas várias vozes que ora se mostram análogas, ora se mostram contrárias, reafirmando o caráter polarizado da sociedade brasileira quanto à imunização contra a COVID-19. Mostramos também a desqualificação do adversário quando os actantes questionam a veracidade dos pontos levantados pelos seus Oponentes. Assim, nosso foco nesta pesquisa é descrever, analisar e discutir os discursos que se mostram dicotômicos sobre o referido tema, que, como se pôde ver, apresentam-se por diversas organizações, vindo a se desdobrar em outros temas relacionados, podendo, também, não apenas se mostrarem em tom afirmativo, mas em tom de questionamento pela indignação e de reivindicação pelo protesto, uma vez que se discutem problemas que assolam não apenas um grupo ideológico, mas também grupos de seus contrários.

De maneira a sistematizar os dados explanados com base nas noções primárias da teoria polêmica, de Amossy (2017), podemos agrupar os actantes em dois polos, o do Propoente e o do Oponente, os quais se instauram na conversação polêmica como instâncias

importantes da estrutura actancial para apreendermos como se organiza desse tipo de interação, apresentada no quadro 8.

Quadro 8 – Relação entre os actantes e seus respectivos enquadramentos na estrutura actancial perante a tese da postagem

Tese	
Precarização do Governo Federal em relação à aquisição de insumos para a vacina CoronaVac	
Proponentes	Oponentes
C. M.	C. T.
M. R. de. A.	S. P. O. F.
E. S. A.	M. P. B. B.
M. S. L.	L. F. V. F.
S. S.	A. A. F.
F. R.	
V. S.	
C. L.	

Fonte: Elaboração própria.

Esses actantes, como dito acima, desempenham funções importantes na conversação polêmica, e analisar as formas como se percebem seus posicionamentos é fundamental para constatar as diversas estratégias argumentativas utilizadas por eles, a partir da consideração de que o empreendimento em questão é conseguir a adesão de um Terceiro. Tais maneiras de posicionamento serão sintetizadas a seguir, no quadro 9.

Quadro 9 – Relação dos actantes e suas formas de tomadas de posicionamento

Formas de tomada de posicionamento	Actantes da interação correspondentes
Posicionamento sem manifestação autoral	R. P.; M. P. B. B.
Uso de expressões populares metafóricas	L. V.; M. S.; A. M.; C. M.
Remissão a personalidades e instituições	V. S.; S. P. O. F.; M. R. de. A.; C. T.
Argumentação falaciosa	R. C. S.; C. T.; M. S. L.; A. A. F.; C. T.
Desvio de tópico com fins de demarcação de posicionamento	A. A. F., L. F. V. F., M. P. B. B.
Argumento com reivindicação/injunção	P. L. M.; E. S. A.; S. P. O. F.; L. F. V. F.; V. S.; C. L.;
Argumento baseado em proposições plausíveis	F. G. R.; S. P. O. F.; C. T.; S. S.; F. R.;

Fonte: Elaboração própria.

Sintetizadas as principais formas de tomadas de posicionamento dos internautas actantes, ainda se faz necessário retomar os modos de utilização da estratégia argumentativa descrédito do adversário, desmembradas em argumento *ad hominem* (ataque à imagem civil do adversário) e argumento *ad referendum* (ataque ao argumento do adversário), apresentados no quadro 10.

Quadro 10 – Síntese dos actantes e seus modos de descrédito do adversário

Formas de descrédito do adversário	
Argumento <i>ad hominem</i>	Argumento <i>ad referendum</i>
L. V.	L. F. V. F.
A. M.	C. L.
M. S.	
V. S.,	
M. R. de. A.	

Fonte: Elaboração própria.

É preciso pontuar que, na interação analisada, os actantes se utilizam do recurso argumentativo descrédito do adversário em direção à figura do presidente Bolsonaro e em face dos argumentos e imagem dos seus adversários na interação. Vemos a maioria das ocorrências de descrédito no seu modo *ad hominem* demarcando um ataque à imagem dos seus adversários ou da imagem do presidente, uma vez que a temática da notícia (e, podemos dizer, da COVID-19 em geral) gira em torno do ofício de Bolsonaro, bem como dos seus discursos e medidas políticas no enfrentamento da pandemia.

O aspecto descrédito do adversário correspondente à modalidade argumentativa polêmica, recorrentemente encontrada nos dados desta pesquisa, oportuniza-nos uma análise mais aprofundada dos desdobramentos do ato de desqualificar o outro. Influenciada pela também virulência das discussões conflituosas na rede, esta atitude demarca pontos nodais quando se fala na conversação polêmica. A seguir, propomos um inventário das diversas estratégias de descrédito do adversário encontradas no *corpus* deste estudo.

#### 4.4 Análise contrastiva das estratégias de descrédito do outro

Chegamos à última seção de análise dos dados, que ilustrará a persistência do padrão em que se mostra a estrutura polêmica, no que se refere às estratégias de desqualificação

do adversário, que consiste, por meio de teses mal formuladas ou inexistentes, em ataques violentos à imagem dos adversários (seja diretamente, pelo uso do argumento *ad hominem*, seja indiretamente, pela crítica necessariamente à tese, argumento *ad referendum*), isto é, categorizações cuja natureza é depreciativa.

Reconhecemos que o descrédito do outro tem lugar relevante no escopo da modalidade argumentativa polêmica. Para Kerbrat-Orecchioni (1980), por exemplo, a desqualificação do adversário é o traço definidor primordial da polêmica, por essa modalidade argumentativa pôr em causa actantes movidos pelo ataque mútuo. Por exemplo, no caso do empreendimento analítico desta pesquisa, Oponentes organizam-se discursivamente com o intuito de ora manter uma imagem de cidadãos que protegem as suas crianças de vacinas perigosas e ineficazes, ora de cidadãos que creem na ciência, de modo a se distanciarem drasticamente de posicionamentos “negacionistas”. Vemos que a desqualificação do outro, em sua essência, corresponde ao interesse mútuo de engrandecer-se em detrimento do rebaixamento do outro, de modo a anular quaisquer créditos na conversação polêmica, podendo ocorrer, por diversas variáveis, casos de violência verbal.

A estratégia desqualificação do outro presente na interação poligerida cuja temática indica a vacinação para a faixa etária de crianças de 5 a 11 anos aponta para diversas ocorrências com seus respectivos modos. Das estratégias de descrédito inventariadas por Amossy (2017), como por exemplo a ironia, a reformulação, a modificação de propósitos, certamente a virulência do conflito é um dos elementos que mais se sobressai na conversação polêmica, inclusive numa interação cujo tema consiste na imunização contra a COVID-19 para crianças.

Vimos que são presentes nas interações temas axiológicos negativos como o pecado, quando os actantes rebatem argumentos que abominam e defendem a vacinação para crianças com esse posicionamento, como também a atitude de clamar a figura divina, quando os internautas se utilizam de dados generalizantes para naturalizar aglomerações, ou no caso de actantes que recorrem a “Deus misericordioso” para garantir uma relevância de seu discurso enquanto arruína a posição de Cantanhêde na interação conflituosa.

Os discursos machistas e a troca de ataques de teor chulo demarcam uma conversação aparentemente desregrada, isto é, virulenta. Um exemplo do primeiro caso é o actante L. R. C. A., que busca diminuir a imagem civil da Eliane Cantanhêde, quando ele insinua que a jornalista tem problemas emocionais em relação ao presidente Bolsonaro, sugerindo que ela deveria buscar auxílio. E um exemplo do segundo caso corresponde ao discurso de A. M. em oposição ao de L. V., que trocam ataques por meio dos verbos “cuspir” e “engolir”. Este último ainda se utiliza do recurso intertextual por meio de *link* de fontes com argumentos contrários

para reforçar a deslegitimação do discurso do outro. Acreditamos que este recurso se presta também a reforçar algoritmos de constituição de bolhas, materializada pela relacionalidade, segundo Paveau (2017). Reforçamos, ainda em referência à relacionalidade, o uso da *hashtag* #Bolsonaroaté2026 por M. R. K., #Bolsonaro por M. P. B. B. e “#VotoImpressoAuditavelJa por A. R. Informações dos seus respectivos cunhos emergirão a partir da utilização deste recurso digital.

Integrados a suas bolhas, que parecem não se ‘furar’ facilmente, os actantes ainda se valem de estratégias de desqualificação que apontam para a ironia. Exemplo é o caso de L. V. que, com *emojis* de riso, caçoa a figura do presidente Bolsonaro, estratégia acompanhada das reações aos comentários que também apontam para o riso, caso do “haha” (ver capítulo Percurso Metodológico). Também é o caso de D. S., que, querendo dizer o contrário, afirma que o jornal Estadão ama o presidente Bolsonaro. O actante se utiliza de corações e risos para reforçar seu dizer. Ainda há o caso de L. Z., que afirma com sarcasmo que os seus Oponentes são todos formados na área da medicina e farmacologia, uma vez que todos eles estavam convictos em suas afirmações. Juntamente com esse comentário, vemos a utilização de um *emoji* de sorriso. Nota-se que comumente a ironia é acompanhada por *emojis* correspondentes à temática do comentário. Esse recurso digital disponibilizado pela plataforma *Facebook* dá ênfase ao dizer.

Consideramos tanto o ambiente digital, (que oportuniza trocas de ofensas sem quaisquer sanções), quanto o tipo de interação poligerido, (que configura a rapidez e as inflamações das discussões) como os responsáveis por esse *status quo* dinâmico. A violência verbal e o *pathos* emergem na situação discursiva para determinar a polarização bruta existente entre actantes. Eles são elementos acessórios da modalidade argumentativa, que só pode ser examinada *in loco*.

Depois de sintetizarmos as variedades de ataques contra o adversário que os internautas-actantes se valem na conversação polêmica, condensamos, agora, as maneiras mais recorrentes pelas quais os actantes dispostos nas interações analisadas até o momento referenciam seus Oponentes na plataforma *Facebook*. Assumimos que diversas categorizações são postas à tona por actantes e seus grupos brutalmente polarizados, o que corrobora a intensificação do conflito nas situações discursivas correspondentes. A natureza dos gêneros textuais oriundos das postagens do *Facebook* orienta para certas maneiras e orientações de desqualificação, como veremos no quadro abaixo.

Quadro 11 – Inventário das principais categorizações dos actantes nas interações polêmicas sobre a imunização da COVID-19

Mídia alternativa alinhada à esquerda	
Pró-vacina	Antivacina
sujeito genocida	sujeito genocida
sitezinho de “bosta”	imbecil
cobaia	estúpida/robô
doente mental	insano
	bolsominion sem cérebro
	burro
	ignorante
	gado
	vetor de <i>fakenews</i>
Mídia alternativa alinhada à direita	
Pró-vacina	Antivacina
cobaia	gado
loucos	filha do capeta
fanático do papa	verme
filho do demônio	negacionista
alienado	invejoso
mal informado	cientistazinhos de <i>whatsapp</i>
cientistas despreparados e gananciosos	assassinos e cúmplices de assassinos
Mídia corporativa	
Pró-vacina	Antivacina
comunista	acéfalos
vergonha nacional	fraqueja burra do Bolsonaro
estúpida	ignorante
tonto	comedor de capim
repórter inútil	gado
cobaia	negacionista
asnos	capetão
mediocre	anta
pecador	mentiroso
vitimista	farsante
inútil	inútil

Fonte: Elaboração própria.

Como observado, são diversas as categorizações trocadas pelos atores sociais no momento de conflito. Nas conversações poligeridas entre os interlocutores nas mídias

alternativas Tradutores de Direita, Poder 360 e The Intercept Brasil (sendo as duas primeiras de direita e a última de esquerda, respectivamente), vemos extremos da estratégia de desqualificação do outro, que consiste na acusação direta à imagem civil do Oponente. O argumento *ad hominem* se mostra evidente na maioria dos discursos conflituosos, podendo diretamente se relacionar à questão da violência verbal, segundo Cavalcante *et al.* (2020).

Como mostrado no inventário, entre as mídias alternativas, que marcam os dois extremos do espectro político organizado no quadro, o referente “cobaia” se mostra recorrente, por esse nome ter ocupado um campo semântico maior do que o que lhe é comum. “Cobaia”, em interações conflituosas que têm como pauta a imunização contra a COVID-19, agora serve como chacota para os sujeitos que se prontificaram a receber a vacina antes da população geral, como também aos indivíduos que tomaram as doses normalmente.

O referente “negacionista” é mobilizado tanto em direção a atores pró-vacinas quanto a atores antivacinas. A essa ocorrência designamos como atípica, com baixa frequência de uso. O actante, ironicamente e com risos, diz que se tudo der certo, o vírus adquirirá mais mutações e acabará com toda a humanidade, a qual deixará a natureza em paz para sempre. A sua Oponente, por sua vez, acusa seu adversário como alguém que têm pensamentos genocidas, reafirmando sua interpretação diferentemente daquela intencionada pelo outro. A afirmação de que casos como esse são raros fica mais evidente quando o exemplo advém de um caso de ironia de um interlocutor que não foi entendida pelo seu Oponente, corroborando a afirmativa de que a categorização “negacionista” não seja comumente utilizada em ataques para pró-vacina, assim como é comum tal designação para antivacinas. Sobre essa acusação aos atores contra as vacinas, vemos também o direcionamento de uma culpa para o governo chinês, sob o argumento de que ele não avisou à sociedade sobre o vírus com antecedência, além de ter permitido festas, fechado suas fronteiras e ter decretado *lockdown*.

“gado” também é outro termo comum nas interações das duas mídias alternativas e também na mídia corporativa. O termo significa o conjunto de animais criado pelo homem, que faz trabalhos serviços, capaz de aumentar suas produções agrícolas etc. No sentido das discussões políticas, o “gado”, isto é, o militante que é alienado por discursos de Jair Bolsonaro, ocupa essa denominação<sup>67</sup>. Há outros termos encontrados no *corpus* que compartilham a natureza rotuladora de quem apoia o até então presidente, tais como “negacionista”, “alienado” “apoiador de fascista”, “cúmplices de assassinos” e, em decorrência desta cumplicidade, também são referenciados como “assassinos”.

---

<sup>67</sup> Há a ideia de que nem todo bolsonarista é intitulado como “gado”, apenas aqueles que seguem indiscutivelmente os posicionamentos, as execuções e os comandos políticos do presidente.

Vejam os o último exemplo do parágrafo anterior, onde há o descrédito do adversário centrado no *ethos*, mas que se faz necessário inferir o ataque para que haja a devida compreensão: se o Oponente é categorizado como cúmplice de assassinos, isto é, conivente com os posicionamentos de indivíduos antivacina, logo esse cúmplice também é considerado assassino. Como foi mostrado anteriormente na Fundamentação Teórica deste trabalho, Cavalcante e Macedo (2019) mostram que o ataque a determinada pessoa corresponde, automaticamente, ao grupo ao qual ela pertence. Logo, a acusação direcionada a um indivíduo se estende para seu grupo. Nesse caso, acontece o contrário: se o grupo o qual é contemplado pelo indivíduo, ele também deve ser designado como tal.

Outro aspecto encontrado no *corpus* das mídias alternativas, em específico a mídia alternativa alinhada à direita, é o ataque à imagem de uma personalidade que representa um determinado grupo. Entretanto, o interlocutor integrante parece trazer para si tal ofensa. É o caso do Papa Francisco, categorizado como “filho do demônio” por um interlocutor antivacina, com a sugestão de que o líder maior da Igreja Católica tome a vacina, já que ele apoia o imunizante. O Oponente diz: “vai você, filha do capeta. Só podia ser gado”. Estes dois últimos exemplos comprovam a linha tênue que se estabelece entre sujeito e seu grupo o qual o contempla.

Ademais, as trocas de ofensas pelos actantes sociais com menções ao “capeta”, “demônio”, vemos as tentativas de diabolização ou de apresentação do adversário com traços do mal absoluto, as quais comportam uma incitação ao medo, ao mesmo tempo em que ao ódio, segundo Amossy e Koren (2010 *apud* AMOSSY, 2017, p. 60).

Nesse movimento recíproco de ataque, confirmamos, pois, a constituição da polarização ou divisão social como duplamente orientada, no sentido de que a imagem civil individual e a imagem do grupo ou do representante se aliam como entidades a serem resguardadas, tendo em vista a forte identificação que o indivíduo tem perante seu grupo.

Embora Amossy (2017) não considere a violência verbal como elemento constitutivo da modalidade argumentativa polêmica, esse fenômeno tende a emergir nos debates orientados para a interação poligêrica. É comum, como vimos no *corpus* analisado, acusações violentas que circulam por meio de palavras do campo semântico da irracionalidade, como “sem noção”, “bolsominion sem cérebro”, “burro”, “doente mental”, “doidinho”, “imbecil”, “insano”, “alienado” etc. no que se refere às acusações mútuas entre atores sociais pertencentes às mídias alternativas alinhadas à esquerda e à direita. Quando se fala de mídias corporativas, temos casos como “acéfalos”, “fraqueja burra do Bolsonaro”, “anta”, “ignorante”, “imbecil”, “comedor de capim”, “asno” etc. Tais qualificações têm em comum o aspecto de que elas orientam para um rebaixamento dos Oponentes, sugerindo uma baixa ou nula capacidade de

pensar, ou alterações patológicas nas suas faculdades mentais, isto é, um rebaixamento que indica uma sanidade insuficiente para serem considerados cidadãos capazes ou até mesmo seres humanos, como é o caso da categorização “comedor de capim”, em que há a sugestão de que eles sejam “gados”. Estamos diante da metáforização animal, que se faz produtiva também nos casos de discursos insultosos, como vimos anteriormente outros exemplos de insultos por comparação, como os casos de “asno”, “burro” e “anta”.

Outro caso de enunciação insultosa é “filho do demônio” em referência ao Papa Francisco, “verme” e “homicida” em direção ao ex-deputado federal Osmar Terra, e “capetão”, em analogia ao termo “capitão” Bolsonaro, demarcando outros exemplos de desqualificações altamente violentas, por rebaixarem personalidades públicas ao nível do mal, ao nível da diabolização, reforçando uma tendência maniqueísta que se constitui na interação conflituosa violenta nos debates poligeridos.

Pontuamos que não é apenas nas mídias alinhadas à esquerda que há Proponentes que criticam a rejeição de grupos sociais perante a vacinação contra a COVID-19. Verificamos que as páginas alinhadas à direita também dão voz para os atores sociais criticarem tais negligências tanto do governo quanto de seus apoiadores. A liberdade de que os atores sociais gozam na plataforma parece abarcar quaisquer tipos de divisões, corroborando a “união” desses grupos num mesmo ambiente, orientados pelo mesmo propósito: lançar suas teses e desacreditar as teses contrárias às suas.

Percebemos também que, considerando o texto monogerido artigo de opinião, há um índice maior de ataques não dirigidos aos interactantes no espaço dos comentários, mas para a autora do texto. É o caso de Eliane Cantanhêde, autora do artigo de opinião “Um ri, os outros choram”, analisado no subtópico 4.2. A jornalista tem suas sensações especuladas ridicularizadas quando categorizada como desequilibrada em direção à pessoa de Jair Bolsonaro. Cantanhêde também é julgada como inútil, o que fomenta o nosso entendimento de que a estrutura social do machismo também está em voga nas interações na rede social *Facebook*, uma vez que a figura feminina é hostilizada com maior força nesses ambientes.

No que tange ao texto monogerido notícia, a postagem de questões polêmicas por meio desse gênero textual incita os interlocutores a desacreditarem tanto seus próprios Oponentes quanto figuras públicas que representam os grupos integrantes da interação, neste caso a imagem civil de Jair Bolsonaro, pois não há a figura autoral expressa no corpo do texto para ser o alvo de ataques, como verificamos no parágrafo anterior.

A notícia analisada no nosso *corpus* marcou o início das discussões acerca da imunização do público contra a patologia COVID-19. Nesse texto, o alvo de descrédito é Bolsonaro,

até então presidente da república. Entendemos que a questão polêmica mostrada na manchete da notícia orienta para um desfavorecimento da conduta do presidente, aqui desacreditado ironicamente como “querido”, indiretamente como “palhaço”, quando chamado de Bozo, e diretamente como “mentiroso”, “mal caráter”, “farsante” e “inútil”.

Embora as mídias estudadas em sua completude nesta pesquisa sejam corporativas e não alternativas, as teses defendidas pelos actantes sociais se voltam para ataques diretos aos correspondentes espectros políticos vigentes na sociedade brasileira. Estes se atenuaram fortemente no momento de pico da pandemia, o que avivou a opinião pública acerca das condutas dos líderes políticos e de seus adeptos. Assim, com base em Amossy (2017), a divisão social por trás dos ataques mostra que a adesão a uma determinada tese mostra-se integrante a uma identidade compartilhada, isto é, à identidade respectiva aos sujeitos dispostos em sociedade, os quais se veem separados por bolhas, isto é, pela divisão social.

Reforçamos o caráter nodal que a desqualificação do adversário opera na modalidade argumentativa polêmica, o que parece ser a estratégia definidora de quem está com a “razão” e quem representa os “melhores” valores na disputa, e, conseqüentemente, quem irá vencê-la. Sejam descréditos fundamentados por dados, sejam descréditos de teor chulo ou falacioso, a desqualificação do adversário aqui intenciona garantir o convencimento do Terceiro.

Juntamente ao descrédito do adversário, ao confronto de teses nos discursos polêmicos e à polarização social, a modalidade argumentativa, ainda analisada sob um viés de dinâmicas sociais, é demarcada a partir dos diferentes tipos de interação, como a monogerida e a poligerida e seus respectivos domínios no ambiente digital. A seguir, lançamos nossas considerações finais acerca dos resultados obtidos desta pesquisa, bem como outras reflexões acerca do tema.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polêmica, como confirmamos nesta pesquisa, é resultado de práticas discursivas deliberadas no ambiente virtual, para além dos meios físicos de defesa de teses e argumentos. As teses nesta interação poligerida, em sua maioria, destoam do que se apresenta na interação monogerida, como o caso da notícia sobre a vacinação em crianças e do artigo de opinião sobre a quebra de patentes para a compra de insumos da vacina. É fato que as discussões inflamadas se confirmam nas conversações dos comentários do *Facebook*, por não serem monitoradas por seus próprios interlocutores em comparação com os textos produzidos por jornalistas. O espaço dos comentários demarca uma interação mais calorosa e, conseqüentemente, carregada de elementos sociais atuantes como dinâmicas, típicas daquelas relacionadas à pós-verdade, que explica essa dificuldade de os sujeitos dialogarem em prol de suas causas, dificuldade esta em decorrência das bolhas filtradas e das *fake news*, atuantes como barreiras contra a informação.

Em relação a essa variabilidade de comentários no *Facebook*, o descrédito do adversário centralizado na sua vertente falaciosa (a nível do *ethos*), embora não contemple o escopo geral da modalidade argumentativa polêmica, aponta para mais uma das mais relevantes discussões empreendidas nesta pesquisa: a desresponsabilização dos internautas actantes em conflito, o que reforça um padrão estrutural das interações como um todo. É fato que atreladas à alta praticidade de se comentar uma publicação, entram em voga as dinâmicas sociais vigentes na sociedade aqui já mencionadas, como argumentos mal fundamentados ou incompletos, de teor chulo ou irônico, que acreditamos consistir na relativização da factualidade com dados. É dessa maneira que esforços de formular teses bem fundamentadas e respeitadas são negligenciados nos espaços dos comentários.

Muito se fala que a polêmica é desregrada, como um emaranhado de trocas de ofensas, o que, como pudemos analisar através de uma estrutura própria dos dados, é inverídico. A despeito das diferentes mídias utilizadas para análise, a polêmica se constitui como um modo de argumentação regrado, no que se refere à filiação a uma questão polêmica de interesse público, à defesa de uma tese, à evidenciação de uma divisão social que fomenta a dicotomia de teses (e vice-versa) e ao apelo à desqualificação da tese ou da imagem do outro, além de consistir num fenômeno social, o que fomenta uma manutenção da democracia. As diferenças e outros aspectos que fogem dessa estrutura se dão a partir do gênero discursivo que abarca os discursos polêmicos, como por exemplo o artigo de opinião e a notícia, ou o tipo de interação do texto, que é o monogerido e o poligerido. Estes tipos de discursos definem a configuração da interação polêmica.

O principal exemplo da afirmação anterior é que os discursos polêmicos monogeridos, aqui exemplificados pelo artigo de opinião divulgado pela imprensa, aponta para a voz do jornalista que se junta à dos atores que ele coloca em cena para atacar os comportamentos dos seus Oponentes (AMOSSY, 2017). Essa voz se mostra empenhada em destacar suas teses bem argumentadas, com a presença de dados e de provas para que seu discurso tenha bom êxito no jogo persuasivo, enquanto a estrutura das interações poligeridas se repete, independentemente de a mídia ser corporativa ou alternativa. Esse padrão estrutural corresponde a uma expressiva incipiência das teses e dos argumentos trocados na conversação, por exemplo marcas de posicionamento sem manifestação autoral, generalizações/afirmações sem dados e usos de expressões populares metafóricas, bem como indícios de argumentação falaciosa e chula e desvio de tópico com fins de demarcação de posicionamento. Para além dessas marcas discursivas iniciais, verificamos também a remissão a personalidades e instituições, argumentos com reivindicação/injunção e também argumentos baseados em proposições plausíveis.

Ao longo da pesquisa, vimos que é mais comum encontrar teses mal formuladas ou simplesmente inexistentes, e acreditamos que a ideia da conversacionalização (FAIRCLOUGH, 1992), implicada pelo espaço dos comentários de fóruns de discussão, e, no caso desta pesquisa, da rede social *Facebook*, demarca um aspecto de disputa pessoal, segundo Amossy (2017), o qual virá a ocupar a esfera do domínio público. E nesse espaço, como os dados nos mostram, encontramos as mais variadas maneiras de defesa de pontos de vistas.

Para Amossy (2017), por fim, trata-se de definir a polêmica como fenômeno verbal, de ver como ela funciona, e verificar que papéis ela é chamada a desempenhar no espaço público contemporâneo. Adicionamos que, sobretudo, firma-se o espaço público que hoje abarca ferramentas e facilitadores digitais que contribuem para a boa vontade dos internautas actantes sociais deixarem marcas de suas ideologias polêmicas. A COVID-19 persiste em ser uma realidade na sociedade brasileira, pelo alto número de casos e de mortes, mesmo após os inventos tecnológicos e científicos de imunização.

O trabalho investigatório de buscar entender como o público pensa a respeito da patologia e das tecnologias que intentam dizimá-la faz parte de uma missão social para que, a despeito dos casos hostis de enunciação e das estruturais sociais, como por exemplo o machismo, explique como a democracia funciona nas sociedades, especificamente a brasileira, frente a questões sociais problemáticas, que, por si só, dividem grupos sociais ideológicos prontificados a defenderem suas pautas e causas. A polêmica, mesmo chamada de discurso estruturado pelo conflito, faz-se, portanto, aspecto sociodiscursivo de manutenção da democracia de sociedades pluralistas, com suas ideologias e maneiras de encarar o mundo próprias.

As contribuições desta pesquisa apontam para os resultados plenos dos seus objetivos. Os intuitos deste empreendimento descritivo e analítico, que são 1) analisar como a dicotomização de teses se constrói e se reformula na interação polêmica no âmbito virtual *Facebook*; 2) investigar a instauração dos discursos conflituosos tendo como propósito a identificação dos usuários da rede social que se valem dos gêneros discursivos distribuídos em textos monogeridos e poligeridos e, finalmente, 3) discutir as dinâmicas sociais que atuam no contexto de discursivização dos polemizadores na *web* em função da estratégia de argumentação de descrédito do adversário foram contemplados, mediante os métodos de análise utilizados neste trabalho.

Em referência aos nossos objetivos, demonstramos que há dinâmicas sociais vigentes no modo como os sujeitos pensam e, conseqüentemente, se posicionam nos ambientes virtuais. Para além dos casos de violência verbal e de *pathos* já reconhecidos pela literatura como elementos acessórios à polêmica, em contrapartida, as bolhas filtradas, as *fake news* e a pós-verdade atuam como aspectos eminentemente sociais e tecnológicos, ao passo que fomentam as experiências dos internautas e dos seus respectivos grupos já (brutalmente) polarizados. Esses elementos se alinham coerentemente ao ambiente digital, que abarca as discussões conflituosas sobre assuntos pertinentes para o público especificamente brasileiro.

Pontuamos que a consideração pela análise das interações monogeridas e poligeridas nos possibilitou algumas ponderações, a saber, a comprovação empírica de que, conforme pressuposto dialógico, textos monogeridos permitem produção poligerida (o caso da notícia ou do artigo de opinião surtirem efeitos de interações poligeridas no ambiente virtual); bem como a comprovação de outro pressuposto de que textos de natureza informativa podem apontar para posicionamentos que permitem uma orientação argumentativa, constitutiva à linguagem em uso e como lugar de interação, caso específico da notícia.

Não podemos deixar de confirmar que o tipo de interação poligerida constitui-se como lugar maior dos embates polêmicos mais inflamados, uma vez que os domínios de autoria e de responsabilidade não são monitorados em comparação com os textos monogeridos, normalmente escritos por jornalistas especialistas nos assuntos determinados. Estes profissionais, inclusive, se esforçam para organizar suas teses com embasamento de dados e de argumentos, enquanto em interações poligeridas não vimos tal empenho. Assim, nossos resultados apontaram que a dicotomização de teses se dá diferentemente, deixando à sua reformulação a depender do tipo de texto que abarca a interação.

Consideramos também que as polarizações sociais não necessariamente refletem (macro)dicotomias, como esquerda/direita, ainda que assim possam ser compreendidas por (parte dos) interactantes – os textos oriundos do artigo de opinião são exemplares, pois a questão

polêmica tratada no artigo de opinião de Cantanhêde indicava a relação entre direita (que em termos de política, perderam espaço no cenário brasileiro) e extrema direita.

Nosso trabalho de pesquisa em argumentação polêmica trouxe resultados importantes para a literatura, entretanto, reconhecemos a necessidade de expansão de análises e reflexões acerca de alguns pontos. Entre comentários que foram fiéis ao texto fonte e comentários que fugiam do referido foco de assunto, observamos uma quantidade significativa de comentários que muito pouco refletiam o conteúdo temático do texto fonte. Nesse caso, pode-se pensar neles em termos de “continuidade” e até mesmo digressões do texto original (o que pensamos que seria natural às práticas interativas), mas muito provavelmente este estado de coisas indique um não acesso à informação em sua totalidade, apontando uma predisposição dos comentaristas em termos de posicionamento que reflete o discurso de pós-verdade, o que também predispõe a resistência ao debate e ao consenso.

Pontuamos que é necessária a continuidade de estudos que focalizem nos efeitos que a desinformação impõe na contemporaneidade, e como esses efeitos são verbalizados nas interações conflituosas.

Outro ponto importante para se considerar em próximos estudos corresponde à reflexão acerca da própria apologia à polêmica: faz-se uma apologia à polêmica, considerando-se ela importante em espaços democráticos. Todavia, sua forte presença e atuação nos diversos âmbitos sociais e públicos nos fazem questionar: quando uma polêmica é sustentada de um lado por conhecimentos falaciosos (em que uma retórica do *logos* facilmente contesta as teses defendidas por esse lado polarizado), ainda assim é conveniente considerar este tipo de interação salutar à democracia? Reconhecemos a complexidade dessas questões e a importância de estudá-las com seu devido cuidado, uma vez que podemos concluir que a factualidade, hoje, não vem sendo concebida como em épocas passadas.

Como foi observado neste trabalho, a era da pós-verdade e seus outros domínios, como a desinformação, as *fake news* e as bolhas filtradas têm a potência de fundamentar todo o escopo de circulação de discursos conflituosos que circulam a todo momento nos meios de comunicação em massa, principalmente estes circulantes no lugar digital. Procuramos, tal como Amossy (2017), corroborar a nova roupagem que a polêmica se dispõe na ciência da argumentação e na visão popular, e oportunizar aos estudos futuros o exame de novas manifestações da modalidade argumentativa, confirmando seu estatuto social em sua essência.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. r (Orgs). **Análises do discurso hoje**. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**: discours politique, littérature d'idées, fiction. Paris: Nathan Université, 2000.
- AMOSSY, R. **Rhétorique et analyse du discours**. Pour une approche sociodiscursive des textes. In: ADAM, J.M.; HEIDMANN, U. (Orgs.). In: Sciences du texte et analyse de discours. Etudes de Lettres, 2005, p. 163-179.
- AMOSSY, R.; ZAVAGLIA, A. O lugar da argumentação na Análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S.L.], n. 9, p. 121, 2 jun. 2007. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>.
- AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 9, p. 121-146, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>. Acesso em: 21 fev 2021
- AMOSSY, R. **A Argumentação no Discurso**. Tradução de Eduardo Lopes Piris, Moisés Olímpio Ferreira *et al.* São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, R. **Apologia da Polêmica**. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, 2011, p. 129-144. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.81533>. Acesso em: 21 fev 2021.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2<sup>a</sup>. ed., revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982). **Entre a transparência e a opacidade**. Porto Alegre: EDI-PUCS, 2004.
- BAKHTIN, M. M. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1974 [Problemas de Linguística Geral I. 3.ed. Tradução de Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri. Pontes: Campinas, 1991.
- BRITO, M. A. P.; OLIVEIRA, R. L. A Construção do Referente em uma Análise do *Pathos* na Polêmica. **ORGANON (UFRGS)**, v. 33, 2018, p. 1-148. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.81533>. Acesso em: 13 fev 2021.

CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. L. Sobre Intertextualidades Estritas e Amplas. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, 13 fev. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250/71735>>. Acesso em: 15 fev 2021.

CAVALCANTE, M. M. **Argumentação e interação em Linguística Textual**. Apresentação oral na página eletrônica da Associação Brasileira de Linguística. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oBcqw7LXclk&t=753s&ab\\_channel=Abralin](https://www.youtube.com/watch?v=oBcqw7LXclk&t=753s&ab_channel=Abralin). Acesso em: 24 fev. 2021.

CAVALCANTE, M. M. **Estratégias de persuasão: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para pesquisa**. In. Conferência apresentada por ocasião do X Congresso Internacional da Abralin. Niterói, 2017.

CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. L. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 7-22, jul./dez 2017.

CAVALCANTI, J. R. *Black is beautiful*: a polêmica envolvendo o uso de um *slogan*. **DISCURSO & SOCIEDAD**, v. 12, p. 438-450, 2018.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso, volume II**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação de tradução: Angela M. S. Correa & Ida Lúcia. 2ed, 3a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CORTELLA, M. S. **O que é pós-verdade? - Mario Sergio Cortella**. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Canal do Cortella. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw\\_M\\_Q&ab\\_channel=CanaldoCortella](https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw_M_Q&ab_channel=CanaldoCortella). Acesso em: 30 jan. 2021.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 330 f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DASCAL, M. **Dichotomies and Types of Debates**. In: Eemeren Van, Frans; Garssen, Bart (eds.) *Controversy and Confrontation*. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, 2008, p. 27-49.

DASCAL, M. **Interpretação e Compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

DE SOUSA PEREIRA, D. K.; PAIVA BRITO, M. A. Interação polêmica nos comentários da página do facebook “Quebrando o Tabu”. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 10, n. 2, ago. 2020. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1849/726>>. Acesso em: 17 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21849>.

DIEB, M. H. **Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change.** Cambridge: Polity Press, 1992 [Ed. brasileira: Discurso e mudança social. Brasília: Editora UnB, 2016].

FARIAS, O. M. de. **A interincompreensão mostrada: uma proposta de sistematização.** 2014. 121 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FARIAS, O. M. **Refutação em perspectiva discursiva: a polêmica como interincompreensão em artigos de opinião acerca do estatuto da igualdade racial.** 2008. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

FOUCAULT, M. **Polêmica, política e problematizações.** In: FOUCAULT, Michel *Ética, sexualidade, política.* Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 225-233.

GARAND, D. **Propositions méthodologiques pour l'étude du polemique.** In: Hayward, Anette; Garand, Dominique (eds) *États du polemique.* Montreal: Nota Bene, 1998, pp. 211-68.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. Atlas: São Paulo, 2007.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011. 255 p.

HUSSON, A. C. **#ThéorieDuGenre, #Gender: deux hashtags à rôle argumentatif.** (Dis)cursives [Carnet de recherche], 01/07/2015. Disponível em: <<https://cursives.hypotheses.org/170>>. Acesso em: 21 fev 2021.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos.** São Paulo: Parábola, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Le Discours polemique.** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980, p. 3-40.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interaction Verbales.** Paris: Armand Colin, 1992. Tome II.

KHORASANI, M. M. **The Development of Controversies: From the Early Modern Period to Online Discussion Forums.** New York: Peter Lang, 2009.

MACEDO, P. S. A. de; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, p. 303-320, n. 1, jan-abr/2019.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MANSERA, A. **O que são as filter bubbles e como elas afetam a sua vida online**. Disponível em: <<https://mobizoo.com.br/curiosidades/filter-bubble/>>. 2015. Acesso em: 02. fev. 2021.

MUSSALIM, F. Aspectos da semântica discursiva do modernismo brasileiro: polêmica e interincompreensão em torno da noção de “cópia”. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 53, p. 61-75, 2009.

NEVES, D. M. **Debates orais no Supremo Tribunal Federal: um modelo de interação polêmica**. 2017. 409 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística do Texto e do Discurso, Programa de Pós Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AV5N4J>. Acesso em: 19 fev. 2021.

PAVEAU, M. Discursos e *links*. Hipertextualidade, Tecnodiscursividade, Escrita. Tradução de Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. **Texto, Discurso e Argumentação: traduções**, Cavalcante, Mônica Magalhães; Brito, Mariza (Orgs.). 1ª ed. Pontes Editores, Campinas, SPp. 41-70, 2020.

PAVEAU, M. **Linguagem e Moral. Uma Ética das Virtudes Discursivas**. (I, Benedetti, Trad.). Campinas: ed. da Unicamp, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. Hashtag. **Carnet de recherche**. Technologies discursives, 2013.

PÊCHEUX, M. **Les Vérités de la Palice**, Maspero, Paris, trad. bras. Semântica e Discurso, E. Orlandi, et al. Campinas: Editora da Unicamp. 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, [1975], 1988.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **A Argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** 1ª reimpressão, Barueri – SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SASTRE, A.; CORREIO, C. S. P. de O.; CORREIO, F. R. B.. A influência do “filtro bolha” na difusão de Fake News nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do Facebook. **Revista GEMInIS**, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 1, pp.4-17, jan. / abr. 2018.

SCHINCARIOL, F. Filtros Bolha, As Escolhas Que Fizemos e As Que Faremos: Considerações Sobre Como (Não) Regular A Internet. **Privacidade em perspectivas**, Rio de Janeiro. Instituto de Tecnologia e Sociedade: Artigos elaborados como produtos finais do Iº Grupo de Pesquisa do ITS Rio, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. -23 ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. A. A guerra das hashtags: a atualização de polêmicas no Twitter. In: Éderson Luís Silveira; Wilder Kleber Fernandes de Santana. (Org.). **Educação e ciências humanas: reflexões entre desconfianças, a utilidade do inútil e a potência dos saberes**. 01ed.São Carlos: Pedro e João Editores, 2020, v. 01, p. 288-309.

SILVA, S. V. da. **A sequência argumentativa no gênero comentário de facebook**. Anais I CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/6847>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SILVEIRA, J. da. **Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento**. Tese. Doutorado em Letras, Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.